

# Os cavalos de São Marcos



Agostinho Both



Agostinho Both

# Os cavalos de São Marcos



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Agostinho Both

## **Os cavalos de São Marcos**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilhaqual 3.0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 25/04/2013

B749c Both, Agostinho

Os cavalos de São Marcos [recurso eletrônico] / Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-83-7

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Família – Aspectos sociais. 2. Empresas familiares.  
3. Poder. 4. Famílias com problemas. 5. Relações com a família. I. Título.

CDU: 316.356.2

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Sumário

Os cavalos de São Marcos .....	9
A ressurreição de um velho .....	9
Conversas entre irmãos .....	12
Os cavalos de São Marcos .....	14
Quando os tempos se bifurcam .....	18
O destino da velha senhora .....	21
Maria dá sua versão sobre o poder .....	24
Maria, a mãe no campo .....	27
A história a favor de João .....	30
Os dias do amor se complicam .....	33
No silêncio da casa .....	38
Os cavalos disparam.....	40
A hora e o poder de Loriane .....	47
Conversas inseguras sobre amor .....	51
Sempre os cavalos.....	55
Entre Nicolau e Venceslau.....	60
Debaixo das árvores .....	67
As almas e os tucanos .....	71
Conversas de Venceslau Strawinski.....	75
Conversas de Loriane Krämmer .....	79
A dura tarefa da senhora Maria .....	86
A morte de Nicolau.....	90
O encontro.....	93
Quem matou Nicolau .....	98
Socorro, mamãe.....	106
Um pouco da dissertação .....	113
E lá se foi seu Krämmer .....	122
A velhice de Maria.....	127
Mãe e filha com estrofes na mão .....	133
Pelos poderes de Maria .....	136
Voltam os cavalos .....	141



## **Os cavalos de São Marcos**

### **A ressurreição de um velho**

Afonso, o magnífico agricultor, dono de pastagens, de trigais e de soja, não se contentava em abandonar seu antigo papel de homem da força e do prestígio. Entretanto, por motivo de uma prolongada doença, foi submetido a uma situação inesperada: os filhos tomaram conta de seu lugar, conduzindo com propriedade os negócios do campo. Nem ao menos, durante os dois anos de afastamento, ele podia negar o quanto seus filhos foram honestos e perspicazes. Afonso era semelhante ao sol que se ofusca por nuvens negras. No intervalo em que o senhor Afonso foi impedido de exercer as atividades, os filhos introduziram tecnologias e novas culturas dantes nunca pensadas. Os tempos não param e menos ainda o homem em suas pretensões de dominar e produzir. Eles fizeram o que tinham de fazer, entretanto, não foram tão perversos como filhos encantados pelo poder. Admirados, viram seu general retornando saudável e com mais disposição de mando que antes. Poucos dias haviam se passado, eis que surge um grande conflito entre diversas partes da família, preocupadas e perplexas, ao verem um senhor de setenta anos e lá vi pedrada, querendo assumir seu antigo mando e poder. Semelhante ao sol que faz evaporar as nuvens.

Os filhos não sabiam como entregar o pretendido e inesperado poder ao pai. Artur, o mais velho e mais enraizado nas iniciativas, propôs aos irmãos:

— Que ele seja nosso conselheiro.

João o mais moderado:

— Que aprenda todas as inovações tecnológicas.

A filha caçula, Loriane:

— Vamos ver com ele a medida certa de sua participação. Vejam, manos, ninguém pode ficar de fora do poder e de preferência aquele de uma boa presença. Isso não compete somente aos reis. É verdade, a velhice traz consequências, mas ela não exime do poder. É o caso de nosso pai e de nossa mãe.

— A mãe continua na mesma. O pai é que é o problema, falou Artur.

— Mamãe está outra também. Vocês ouviram de nossa mãe: o que vou fazer agora que vosso pai está mais inteiro que antes? estimou Loriane.

O silêncio bem definia a perplexidade dos três. Por fim, João ponderou:

— Pensávamos... É isso, pensávamos que tínhamos perdido o seu Afonso pra doença e aí vem ele mais ereto que pau de guajuvira.

— E deem uma olhada como ele não aceita que a mãe ajude a caminhar e ela está desarvorada, agora, mas com certeza vai achar nova direção.

Os dois velhos achegaram-se junto aos filhos, e o senhor Afonso não perdeu tempo pra exercitar seu renovado poder.

— Tenho pressa em rever as plantações. Ontem vi a parte do gado e me agradou ver os bichos tão bem. Enquanto estive doente, não pensem que estive ausente. No meu descanso, acompanhei pela internet muitas mudanças na agricultura. Acho que não podemos apenas nos ater à produção primária. Vejo com razoável conhecimento a possibilidade de produzir, ainda que em pequena escala, no setor dos derivados de leite. O que acham?

O efeito das palavras foi imediato. Artur e João ficaram perplexos, não dando tempo a qualquer interrupção.

— Na verdade, conversei também com o pessoal dos biocombustíveis e podemos estabelecer uma parceria bem lucrativa... Bem, vocês estão me olhando como se estivesse, durante esse longo período, vivendo em pré-estreia da vida eterna. Não, enquanto não me levarem, me levo eu. Amanhã mesmo vamos ter muito que fazer. Primeiro um bom levantamento sobre o negócio dos derivados de leite. Um passo de cada vez. Pode ir comigo, Artur? Espero que teu curso de pós-graduação em administração de agronegócio não tenha sido pra se exhibir.

— Vou sim, pai. Não pensava que tudo se precipitaria tão rápido em nossa empresa. Até pensei numa logomarca que nos representasse melhor.

Enquanto isso João ficou, como sempre, tentando dizer alguma coisa, porém, os ouvintes já estavam longe.



## **Conversas entre irmãos**

— O que é isso, gente, vocês viram? Parece até arrogante. Nunca pensei isso de meu pai. Imaginei o seguinte: depois de quase morto, viria com palavras de despedidas. A medicina deixou ele melhor que se fizesse cinquenta. Mas duvido que consiga acompanhar a velocidade de nosso empreendimento. Palavras de Artur quando o pai já ia distante.

— Tenho pra mim que andamos muito longe da realidade. Os tempos são outros. Vejam, meus queridos, se não estamos fazendo parte do ensaio sobre a cegueira, ponderou a mana.

— O que tem a ver a cegueira com a gente?

— Les digo, manos, estamos ainda pensando os velhos como se ainda eles fossem aqueles do século passado. Mudou o jeito atual de andarem por aí. É por isso que estranhamos ou não vemos o jeito novo de viverem. Eles estão encontrando saídas diferentes. Nós nos guiamos por relógios atrasados.

— Acho que enfeitamos com palavras a morte que está chegando sem dó nem piedade, avaliou Artur.

— Concordo em parte com a mana, mas, de todo jeito, acho que não é mais tempo de correr tanto, como se nosso pai devesse resolver tudo como antes, moderou João.

— Eu, pelo contrário, não suporto ter que ver tudo medido como se eu não tivesse condições de resolver por conta própria. Acho que vou pedir meus trinta. Esse patriarcado já deu o que tinha que dar.

— Calma, seu Artur, devagar com o andor, que o santo é de barro, ponderou Loriane.

— Calma, já tive demais! Pra não bagunçar nossa família, quero a parte que me toca. Ter que guentiar mais já é demais pra minha caçamba!

— Não é isso que ele pensa, altercou o irmão.

— Vamos expor a situação ao seu Afonso. Tenho certeza que vai refletir conosco a melhor decisão, moderou mais uma vez a irmã.



## **Os cavalos de São Marcos**

Loriane manifestou à mãe sua perturbação buscando conselho e, talvez, proteção porque a tempestade era iminente. Ela, até então, silenciara. Todos entendiam que se apresentava nela uma depressão, pois ficou um tanto sem destino depois que seu marido havia se recuperado. Pela conversa, as duas entenderam que a melhor saída seria deixar que Artur se fosse, levando o que lhe era justo.

— Ele sempre teve muita dificuldade em coordenar-se com os outros, filha. A relação entre vocês sempre foi a de um menino, rapaz e adulto voluntarioso. Nada de mal nisso. As inclinações naturais devem ser respeitadas. Acho que é tempo de ele levantar vôo por conta própria. Vou falar com teu pai a respeito. Não vou me meter na empresa. Você aí pode mediar uma relação mais democrática.

— Sei do meu papel e espero não decepcionar. E a senhora o que vai fazer da vida, uma vez que seu marido está pronto pra levantar voo sem seus cuidados?

— Estarei atenta, minha garota, pra não ficar sem poder. E por falar nisso, vou te narrar a história dos cavalos de São Marcos que estão nessa basílica, em Veneza.

— He! Mãe, o que tem a ver a nossa vida com esses... cavalos...?

— Os cavalos, reforçou a mãe, têm uma associação muito expressiva com o poder, de modo particular, aos cavalos de São Marcos. Contam que o imperador Trajano, com todo o poder que lhe era próprio, mandou vir da Grécia os quatro cavalos puxadores de carruagem, formando uma quadriga, o que também era motivo de poder nos hipódromos romanos. O naturalista romano Plínio, o velho, que teve uma morte triste em Pompeia, diz que o escultor Lisipo engenhou essa obra já no século IV antes de Cristo e pra



mim foi uma encomenda de alguém ainda mais poderoso. Os animais constituem uma obra maravilhosa que atraiu a atenção de outros homens cheios de poder. Veja, então, minha filha: Trajano, que nasceu na atual Espanha, levou os cavalos pra Roma lá pelo ano 100 depois de Cristo. Encimou, com esses cavalos, um belo arco pra que todos pudessem apreciar o seu poder. Pra azar de Roma, no século IV, Constantino deixou os romanos na mão dos bárbaros, levando pra Constantinopla os cavalos e, lá, também ele pôde mostrar sua autoridade, pondo os animais num hipódromo cujo espaço pode ser visto ainda hoje. Muitos outros cobiçaram os cavalos identificando-se com o brilho de bronze.

— Nossa!, mãe, como a senhora sabe disso tudo?

— Fui professora, e pra tanto é bom saber o tamanho das inclinações humanas.

— Mas isso era com os grandes dos tempos passados.

— Nada disso, filha. Vejo você preocupada com o poder de nossa família. A força de nossa casa está em perigo, e você vê nela mais que quatro cavalos. Um dos cavalos não quer mais puxar a nossa carruagem, o que leva a que resolvamos nossa intriga.

— Mas por que esses animais se chamam os cavalos de São Marcos?

— Como te falei, é porque eles hoje estão no museu da Igreja de São Marcos, em Veneza.

— Como é que chegaram lá?

— É que o poder passa de mão em mão e não cansa de se mostrar. Veja, então, filha. Muito antes da Itália se unificar, havia estados independentes, e Veneza foi um deles. Também você sabe que as guerras contra os muçulmanos, com a desculpa de conquistar Jerusalém para os cristãos, miravam as riquezas de lá. Numa de suas investidas, o doge Enrico Dandolo, chefe de



Veneza, em 1204, massacrou os muçulmanos e trouxe os cavalos para a Catedral de São Marcos.

— Pai do céu! É sangue pra todo lado. Sei, pela história, que a Igreja ainda não se distinguia muito do Estado.

— Por aí você vê o quanto o poder geralmente se associa à violência, não respeitando nem os evangelhos, que ficaram em segundo plano. E tem mais: dos interesses não sabemos nem a metade. Geralmente se vestem com peles finas. Não respeitaram os evangelhos nem o evangelista, pois levaram os restos do santo de Alexandria para Veneza pra todos saberem quem é que mandava.

— E os cavalos ficaram até hoje em Veneza?

— Não! Quando Napoleão invadiu a Itália, não poupou nem os cavalos de São Marcos. Levou-os pra Paris e lá ergueu um arco e sobre ele ergueu os cavalos. Com o fim da era napoleônica, os cavalos voltaram para São Marcos. Mas não tem quem não quer ver os cavalos tão famosos, símbolos do poder.

— Até eu gostaria de ver animais tão cobiçados.

— É verdade, eles estão muito associados à cobiça. E não é de graça que foram levados pro Central Park, em New York, com todo o cuidado. Pois é, tem um brasileiro senhor muito viajado, Moraes de Oliveira, que fala disso. Esteve em Veneza e, é claro, visitou os cavalos... Mas, no dia em que saiu de seu hotel, em direção aos Estados Unidos, notou uma incomum movimentação policial na estrada que o conduzia ao aeroporto. Ninguém sabia explicar a causa de tamanho movimento. Tomou, não sem grande demora, o 747 com destino a Nova Iorque. Não sabia que viajava com os cavalos de São Marcos, que estavam no porão do avião.

— É só pra ver, mãe, como são as coisas... Os cavalos não andam com qualquer um e nem de qualquer jeito. Dois mil e trezentos anos, andam sem cansar sua beleza.

— Filha, e nem se mostram a qualquer um. Mas brinquei com os cavalos de São Marcos pra mostrar que não há quem não precise de seus cavalinhos. Entretanto, espero que não sejam conquistados para produzir a violência, nem pra nos perdermos como se perderam os conquistadores. E ai de quem não tiver um objeto ou alguém pra poder se reconhecer de alguma importância.

## **Quando os tempos se bifurcam**

O velho Afonso não regateou de sua participação, evidenciando-se, aos poucos, uma mudança substancial nas relações de poder na empresa familiar. Entre a disputa e os acertos, muitos assombros se passaram. O velho pai pesarou-se todo na divisão, aguentando, contrariado, as solicitações justificadas dos filhos. Loriane, obediente à mãe, foi quem mais moderou os conflitos.

Foi assim: o velho senhor reuniu-se com os três filhos. Acertaram as medidas de valores com um mediador sobre questões de divisas familiares. Aparentemente tudo deveria andar sem qualquer tumulto, entretanto, seu Afonso não seu afastou, como era esperado por Artur, nem um centímetro das coisas e das medidas que lhe pertenciam. Ao contrário, revelou um sentimento avaro para maior decepção de Loriane que nunca havia visto o jeito de seu pai lidar com a divisão de bens. O velho bem que gostaria de não levar em tanta consideração as opiniões dos filhos, parecendo interessado apenas no que lhe caberia. Ficou acertado: a parte de Artur ficou creditada em terras. Que construísse as suas benfeitorias e que fosse financiar as suas máquinas ou, se entendesse melhor, que fosse vendê-las. As partes de João e Loriane, ficou bem claro, seriam também assumidas com inteira autonomia pelos proprietários. Seu Afonso sugeriu, nas entrelinhas das conversas, preferir ficar sozinho com a parte que lhe coube. Manifestou a dor que lhe ia no peito: nunca pensei em desfazer-me do que foi minha vida. Me sinto como um gafanhoto na queimada.

João, então, irritado, assim que terminou a reunião decidiu vender a parte da gadaria pelo que foi convencionado. No mesmo dia foi à cidade em busca de um apartamento para morar. A irmã saiu com ele da reunião ainda chocada com a rispidez do pai. Que ela lembrasse, nunca o vira por um ângulo tão avesso à gentileza. Ao contrário, lembrava de quanto ele se sentia bem em desfazer-



se de lucros pra comprar do bom e do melhor pra seus filhos, até em tempo de poucas comemorações. Como é que agora podia ser desse jeito? Para confortar-se, dirigiu-se até o mano João, com quem sempre conseguia proteção pra afastar, quando pequena, até as ameaças imaginárias de ficar sozinha no mundo. Muitas vezes ia até a cama dele quando os ventos se tornavam bravios: mano, eu acho que são os fantasmas correndo no campo. Me dá um lugarzinho na tua cama. Agora era o pai de um jeito que a deixava mal.

— Maninho, o que será que deu no pai?

— Sei lá o que tem o velho de se tornar tão estranho. Parece que quer se ver livre de nós. Que diabo entrou no corpo dele durante a doença?

— Isso não pode ficar assim, acho que ele ficou muito frágil e assustado querendo mostrar que é capaz de enfrentar a vida por conta própria. Vi uma vez de uma história de um adolescente que agredia todo mundo por sentir-se inseguro: qualquer gesto assustava o rapaz, deixando-o agressivo. Parecia que a única coisa a sobrar de bom era ele, precisando defender-se. Será o mesmo que acontece com o seu Afonso?

— Acredito que ele se fragilizou muito. Bem, foi bom conversar. De todo jeito, vou pra cidade pra ver se consigo encontrar, pela renovação dos ares, a melhor decisão.

— E vá falar com a Andrezza. Aquilo é gente boa. Talvez ela mostre o melhor para você. Talvez seja bom o resultado das falas severas de nosso pai. Vê se toma tento e casa.

— Também você anda cansada de mim?

— Não seja bobo, mano. Desse jeito se cumpra o tempo, que tudo muda, não deixando nem ao menos nossa antiga casa de pé. Enquanto você dá um jeito na vida com tua namorada que, tenho certeza, anda cansada de tanto esperar, eu vou me ajeitar



com a mãe. Mais uma coisa, mano veio, da outra vez que conversei com minha quase cunhada ela se mostrou insatisfeita. Casar pra ela significa proteção. Essa volubilidade e indecisão não fazem bem pra ninguém. E mulher, você sabe como é: quando magoada é mais perigosa que um exército inimigo. Não existe grande distância entre um ressentimento e um grande sofrimento. Vá lá e veja como acertar essa indecisão amorosa.

## **O destino da velha senhora**

Enquanto os filhos se debatiam com o pai pra ver o resultado que coubesse a cada qual, Maria permanecia silenciosa até que a ficha, finalmente, caiu em seu regaço. Se eu prospero com meus sentimentos, não posso ficar de lado, deixando que os meus deliberem sobre as fatias de terra. Foi, então, ter com eles, pra alívio geral, uma vez que não encontravam o termo final em suas decisões. Artur havia decidido pôr fim à sua participação na comunidade de sua família. Queria seus hectares. Em tudo repartiam em quatro, como se ela não fizesse parte dos direitos. Quando percebeu que haviam deliberado que sua parte fosse esquecida em favor da sua quadriga, foi reclamar, pois também ela até ali puxara a carruagem e, bem antes que qualquer um dos filhos tivesse metido a mão, suara como ninguém na posse comum de todos.

Sentou-se com seu marido e manifestou sua inconformidade pela desconformidade da decisão em relação ao mínimo de justiça. Queria seguir o primeiro senso do equilíbrio familiar: que a cada um fosse dado o que lhe pertencesse. Afonso percebeu a pouca-vergonha de terem agido daquela forma. Para minimizar o desconforto, explicou pra sua mulher:

— Você anda tão distante de tudo que parece nada mais importar.

— Ledo engano, meu desatento marido. Estou e muito bem focada nas coisas de nossa casa. Não me pronunciei apenas por esperar um pouco mais de educação. Vou estar presente na próxima reunião e, também, decidir. Pelo visto, se deixar tudo fluir, conforme vocês decidirem, vou ter que pedir favor pra usufruir do benefício do que me pertence.

— A reunião será pela tarde e, desde já, convida pra decidir com a gente o que é melhor.



Assim aconteceu. Não imaginara que tão cedo estaria sendo descartada, sem maior pretensão que viver ao lado deles. Quando abriu sua boca, os três filhos ficaram de queixo caído, pois a tinham como uma santa, carmelita descalça, filha do mosteiro de Ávila. Loriane não avaliou com justeza a percepção materna em torno do poder. Entendeu que o seu poder se concentrava em coisas espirituais, carentes dos interesses mesquinhos dos campos e dos gados. Entretanto, queria saber a direção que sua mãe tomaria. A mãe Maria com certeza não decepcionaria a imagem que faziam dela.

Falou, mal havia se sentado à mesa:

— Pois bem, gente de meu coração. Ainda nenhum dos meus filhos me deu neto. Sendo assim, é mais fácil dividir. Sou de opinião que, por sermos ainda donos de direito e de fato, o casal fica com 50% da terra e os outros 50% são divididos entre os filhos. Declino 10% de minha parte em favor de Artur e de João, que querem ter sua liberdade econômica. Os valores a mais dos dois, Loriane, são devidos a eles, por terem se dedicado mais tempo em benefício da casa. Espero que todos saiam contentes dessa reunião. Que cada um deixe de tirar a melhor parte! Cada um se ponha no lugar do outro, e assim o que é de todos vale mais do que a parte pessoal. Temo que a alegria de levar a vida com esforços próprios não seja devorada pela monstruosidade de querer juntar objetos e mais objetos, deixando a todos cegos das coisas mais simples. Se o João e a Loriane quiserem, também buscar sua autonomia, poderão fazê-lo, e cada um vai receber em espécie, em animais ou em terras o que um bom avaliador julgar o mais justo. Que todos se sintam bem, porque os valores resultantes da divisão são muitíssimo maiores daqueles que vosso pai e eu tínhamos no início de nossa família. Que o melhor poder não se meça em lucros, mas na generosidade que conseguimos nesses tempos bicudos.

O discurso de Maria produziu o efeito esperado. Os ânimos dos últimos dias foram acalmados, embora Artur esperasse um resultado melhor. Não contava, porém, com a autoridade e a exigência da velha senhora.

Depois da reunião, Maria achou-se desconfortada. Resolveu aprofundar sua generosidade e sua misericórdia em Deus. Já lhe fartavam as recorrentes colheitas e as falas intermináveis entre grãos e bichos, dívidas e lucros, entre o céu e o inferno.



## **Maria dá sua versão sobre o poder**

— Escuta, mãe!, me admirou a senhora ter tanta preocupação com o poder.

— Filha minha, vou dizer algumas palavras sobre o poder, o que não significa grandes coisas. Isso é coisa pra filósofo, e não pra uma professora de história do ensino fundamental. Mas como todo palpite é próprio dos ignorantes, vou palpar.

— Não é bem assim. Acho que o importante é como se olha. Não vejo, então, só palpites. O que conta é a razão.

— Deixe-me olhar, então. Ninguém nasceu pra ser nada ou quase nada. Todo mundo aceita que há um belo poder em reconhecer nos filhos ou em qualquer cidadão seu valor, cuidando de seu corpo e da sua alma. Por outro lado, algumas pessoas querem se afirmar tanto que perdem o senso da simetria, julgando-se com mais poder do que possuem.

— Mas o que faz a diferença?

— Acho que a natureza tem parte nisso.

— Como assim? Não vai me dizer que a senhora pensa que alguns já nascem pra ser mais que outros.

— Não me entenda mal. Apenas quero dizer que algumas pessoas possuem um temperamento mais assertivo que outras. São aquelas que são inquietas desde a infância e querem ascender a vida toda, ou, quando oprimidos, não se conformam e se tornam revolucionários. E tem aquela que, sem oportunidade, chega a lugar algum, sobrando-lhe a indignidade. Tem aquelas que, ao ascenderem pelas oportunidades sociais, tornam-se opressores, perdendo a noção da reciprocidade.

— Isso é verdade! E parece que foi o que mais deu e está dando.

— O pior é que as leis se moldam em favor dessas pessoas. Quando elas não favorecem, buscam de todas as maneiras ludibriar a justiça e, uma vez apanhados por ela, encontram meios para se tornar impunes. Vejam os exemplos da política em nosso país.

— Mas que barbaridade. Êta ser humano mais difícil!

— E já se escreveu inúmeros tratados de como dominar, de como ter sucesso subjugando, explorando, ferindo, matando, torturando, pra manter o poder. Sim, é preciso matar, dizem os déspotas, pois deixar alguém ressentido apenas é muito perigoso. Vejamos aqui mesmo os acontecidos de nossa besta revolução dos chimangos e maragatos. Inimigo bom era inimigo morto.

— E que violência exposta na crueldade das degolas!

— Mas não precisamos ir muito longe. Veja teu pai, como se portou diante da perda do poder quando vocês exigiram a partilha. O pobre homem parecia que perdia um filho muito amado. Veja, minha filha, teu pai não aceitava andar devagar ao sustentar nossa casa. Não poupou violência contra si mesmo. Me custou muita paciência pra que não se tornasse escravo de seu poder. Parece que, agora, que anda de menor força, retoma o antigo costume de até se mutilar. Só descansa quando seu peito fraqueja. Bem como diz o velho padre Humberto, os homens só se convertem quando não têm mais força de pecar.

— Isso me faz lembrar duas amigas minhas. Amavam tanto seu trabalho que até perderam a dignidade para mantê-lo, pois foram elas que inscreveram nele seu nome e seu sangue. Perdê-lo parecia um filho sendo arrancado do ventre.

— Sei de que se trata. Até dou razão a elas, pois quem tinha autoridade não teve bom senso, por sustentar o insustentável. Na verdade, a autoridade e as duas amigas laboraram em erro por não perceberem que perder, também, faz



parte do poder. É claro, cada uma delas queria ficar com seu cavalinho, ainda que não lhe pertencesse mais.

— E agora, mãezinha, qual é seu cavalinho?

— Estou num tempo que busco a Deus de todo meu coração, ouvindo até nas pedras e no vento seus murmúrios.

— Está guardando os cavalinhos na catedral?

— Boa comparação. Ainda vamos voltar a isso.



## **Maria, a mãe no campo**

Medir o valor de um passeio no campo é tarefa assaz difícil, quando se mede com a precisão de um poeta. Muitas são as variáveis que tornam o passeio extraordinário ou simples, como a palha seca da resteva. Maria, porém, propunha a diferença do simples e do complexo. Não lhe escapava o grilo assustado nem a borboleta azul sobre o galho seco do pé de amora. O momento imprimia-lhe disposições sem privilégios, contudo, como sempre, podem ver flores aqueles que já as carregam consigo. O ronco bruto do trator retirou-lhe, por momentos, o silêncio revelador de mistérios. Podia jurar de joelhos que as três pessoas vieram em seu socorro, pondo em seu peito um sentimento suave, uma comunhão do filho com seu entendimento movido pelo espírito, e em tudo se revelava a criação do pai ou, seja lá, maternidade da mãe, deusa criadora. Entrou em sua mente um entendimento de solidariedade, como se um anjo viesse sobrevoar sua cabeça. Se a lógica de uma razoável explicação tem seu mérito no desvendar e no intervir na melhoria das lavouras, se os grãos já não são mais os mesmos pela ciência genética, assim sua alma transformou-se em outra realidade que não aquela da comezinha conversa sobre o cotidiano. Compenetrou-se do poder dos cavalos de São Marcos, vendo-se mais poderosa que os conquistadores impiedosos. Ninguém podia retirar-lhe nem as gramas nem os peixes do lago. A batalha pela conquista do momento não desmoralizava quem quer que fosse. A realidade se submetia à liberdade de uma alegria leve.

Passeava já nas proximidades das casas dos trabalhadores em seu passo débil de velha fragilizada, quando um menino lhe pediu socorro na realização de um tema. A professora solicitara que ele entrevistasse uma velha pra saber o que para ela representava a velhice.

— Por que os velhos andam tão devagar e tão tristes?



— Por que aconselham tanto e repetem tudo todos os dias?

A velha senhora respondeu:

— Não são todos que andam tristes e nem todos dão conselhos de sempre. Andam devagar que o corpo se torna frágil, quando muito velhos, igual que uma palha. Você, Augusto, perguntou o que é a velhice para mim. Escreva, então, pra não esquecer.

Sentaram-se os dois sob um pé da refrescante Maria Mole, sobre um junco perdido no tempo.

— Deixa eu te ajudar! Pronto. Veja, cada velho, Augusto, tem seu jeito de ser. Faz muito mal quem julga aos velhos como se todos fossem a mesma coisa. Alguns desistem de viver e andam desorientados, porque não encontraram mais nenhuma razão a que possam se ligar. Conheço velhos a quem não falta mais nada. São aqueles de alma larga e boa, como pássaros que amam as nuvens. Deus é pra eles um companheiro que se apresenta até numa abelha. Outros têm um jeito amargo de ser porque não aprenderam a ver Deus se banhando nas águas dos arroios e no vento que mexe as folhas das árvores. Outros velhos existem a quem nunca foi dada condição de felicidade. Nunca tiveram o que e a quem se ligar. Outros perdem completamente a cabeça por causa de doenças. Eu sou uma velha feliz. Quero sentir tudo e tanto que até os anjos duvidam. Trato Deus como meu mundo, onde tudo se revela tão bem que não tem jeito senão amar muito e muito bem. Você, Augusto, veio ao meu encontro me perguntando que velha sou eu, ou, mais, como eu entendo a velhice. Pois, meu garotinho, é quando tudo é possível. Quando se é criança, pouco é possível, e assim na adolescência, na vida adulta um pouco mais. Só na velhice tudo é possível, porque o espírito pode se abrir como os olhos curiosos ou se fechar porque nunca cresceu ou deixou de crescer.



— Ta bem assim, dona Maria. Eu quase não consigo acompanhar a senhora. Tenho meus catorze anos e me sinto pequeno e vou falar o que escrevi para meus colegas na aula de biologia.

— Na aula de biologia?

— Pois é, pra senhora ver, na aula de biologia! A professora do sétimo ano disse que é pra gente saber como a vida acontece em todas as idades. Ela disse mais: que não adianta saber como o corpo funciona. É preciso saber como as pessoas são nos seus pensamentos e o que fazem da vida. A senhora tem mais alguma coisa a declarar?

— Declaro muito pouco. Apenas acho que a humildade faz bem pra todos porque todas as coisas são importantes. Tá vendo aquele mirim?

— Tô!

— Ele tá levando o pólen pra que o milho floresça! Ele faz de conta que está brincando e nem sabe o bem que está fazendo pra tanta gente. Ele tem nas asas a vontade de Deus.

— Então, quando escrevia, a ponta dos meus dedos também fazia a vontade de Deus?

— Por certo! Só não sei, meu Augusto, quando ferimos alguém, pra onde vai a vontade de Deus.

— Eu também não sei, dona Maria.



## **A história a favor de João**

Um conjunto de circunstâncias oferecia condições para uma ótima decisão. João fazia parte da complexidade do momento: as palavras de Loriane não foram em vão, uma vez que deixaram o irmão mais atento sobre sua relação com sua decidida namorada. Tinha mais: as atitudes do pai, o dia trazendo uma claridade quase ofuscante, outono adiantado, sem reverberações de calores extremos, suavidade, sim, sem preconceitos da bondade dos dias chuvosos. É que o homem, de uma melancolia saudável, caindo de maduro pra poesia, carece também de claridades maiores para ver melhor. Assim sendo, foi pra cidade conversar, inclinado para uma promessa tanto esperada. Até o bem-te-vi sobre a cerca dos poteiros mostrava um peito amarelo promissor. No fim da estrada da lavoura, a mãe colhia pipocas.

— Sei pronde vai e o que tá querendo, guri. Sair de casa. Faz bem, mas não invente de ficar sozinho, que tu tens um jeito muito quieto e, se ficar sozinho, vai ficar mudo e triste. Não quero que fique como o tio Queco, que se calou muito cedo. Depois que se fechou, só dizia algumas palavras entre dentes.

— Tá certo, mãe. Vou fazer o que Deus manda. E a senhora o que faz aí no meio das pipocas?

— Vim colher delas pra esperar você e o teu bem pra amanhã. Via nelas a explicação do mundo. Tão quietinhas no amarelo pequeno, mas no calor ficam brancas, numa explosão. Cada espiga é uma galáxia de mundos explodidos. Os mundos de Deus são incontáveis. É pra se ver: Deus não se contenta com pouca coisa. É quase como o nosso coração e nosso pensamento. Não se medem pensamentos, muito menos do que se vai no peito.

— Nossa!, mãe! Hoje está tão bem servida!



— Espero que tenhas o mesmo e mais a Andrezza. Não perca tempo, filho, que dá pra ver a singeleza ainda encolhida nela, e tu pode fazer dela tanto que até Deus duvida.

Lá se foi o homem numa nuvem de poeira vermelha, parando somente em frente ao apartamento da sua, agora, quase noiva. O que primeiro veio dar em seus cabelos foi uma brisa, movendo-os de maneira agradável. Se fosse minha mãe, falaria que é o dedo de Deus brincando com minha cabeça pra dizer que fosse ligeiro bater na porta e anunciar, sem medo nenhum, que Deus me mandou que amasse não mais a distância, cheio de receios, que Ele veio me empurrando tão fortemente que não havia como resistir. Parece, pode-se dizer sem um rebuço: Deus não se contenta com pouca coisa. Ele é tanto e a gente aí põe numa palavra pequena tudo que ele é.

De fato, o homem, desde o empurrão de Loriane, sentia-se engrandecido como uma floresta, tudo verde e o marrão de folhas que se iam renovar depois do inverno. Bateu na porta. Depois do quem é, veio sou eu, tão forte que fez tremer a janela do outro lado. You are my self! Exclamou a professora de inglês. E tu é minha cabocla metida! Eu juro que vou ficar contigo até você me aguentar! Depois veio o que o coração manda e a boca não expressa, mas gosta de fazer. Uma hora depois saíram, que mulher não sai sem se mostrar pra ser mais ainda, de acordo com a intenção de Deus, o belo mais necessário que a errante verdade. Ambos, por fim, de juras que é pra lembrar o prometido: a fragilidade anda sempre por perto.

Que diálogo edificante: foi assim que se sucedeu.

— Esperei, até quase desisti!

— Você sabe, não sou de grandes decisões. Pra chegar e dizer o que digo precisei de meu pai quase me chutar de casa, de minha irmã me empurrar pra cima de você, de minha mãe explicar



o amor num grão de pipoca, de ventos no meu rosto em nome de Deus. Agora estou pronto. Vou comprar uma apê pra nós dois.

— Apê, coisa nenhuma. Vem morar comigo!

— Vão dizer que estou me aproveitando do amor pra não comprar um imóvel.

— Construa uma casa junto da terra que te pertence. Aí eu vou poder me apresentar: sou mulher do campo.

— Sabe que não é má ideia. Vamos, então, amanhã já montar nosso projeto. Nem sei por que não fiz isso antes, me suavizo contigo. Que as ondas verdes dos trigais possam saber que te amo e as cercas cheias de rolas anunciem que estou pronto pra você!

— Nossa Senhora! Por onde andava o amor que agora se mostra tão bonito?

— Perdido em qualquer mato. A lenhadora veio com o Senhor de todos os mundos e me despertou das sombras.

— Caridoso, Senhor, que vai além de nossas medidas! Vamos resolver esse assunto, que de palavras o mundo está cheio!



## **Os dias do amor se complicam**

Quem há de saber como se consolidam os caminhos das promessas? Pois a resposta é tarefa tão complicada como desvendar o início do mundo, sua finalidade e seu final. Mal se iniciara o amor, já nuvens carregadas descarregavam sua eletricidade.

— Coisa incrível, gente, falou Loriane. Quem diria que João e Andrezza andariam tão perdidos numa promessa tão bem feita? Veja só, mãe, João tão sereno e ela tão dona de si, agora, como diz Artur, só falta se tramearem no pau.

— Que linguagem mais chula, Loriane.

— Que outra coisa se pode dizer de uma relação tão complicada? O diálogo esmoreceu e cada qual fala de si mesmo. Como compreender tanta dúvida de Andrezza? Antes vivia dizendo que o amor verdadeiro é indivisível e as emoções verdadeiras nos atam para sempre. Agora está mais inconstante e fria que os dias em que sopra o minuano.

Essa conversa revela um pouco dos acontecimentos do casal. Tudo indicava que se cumpriria de maneira serena a sorte de ambos, entretanto, tudo se saía às avessas. Maria ao pegar os dois de jeito, questionando sobre quando a relação começara a se deteriorar, iniciou seu amargo discurso deste jeito:

— Nossa Senhora de Fátima!, coisa mais triste é ver um homem e uma mulher, parte importante de cada um, se ofendendo e, o pior, cada um descobrindo e pisando sobre o que o outro gostaria de silenciar. Se houvesse, pelo menos, alguma grave queixa a ser feita. Não reconheço como legítima, em nenhum dos dois, a forma miserável em que estão se transformando.

— Pode parar, minha sogra, existe, sim, uma dificuldade grave, mas nos amamos.



— É um modo estranho de se amar, Andrezza.

— Nos parece também. Quando estamos pouco mais de vinte metros um do outro, sentimos um desejo irresistível de nos encontrar. Mal nos encontramos, parece haver um apelo, também irresistível, de querer apontar o que desagrada um do outro. Bem pior que ver o que nos limita é o modo de dizer o que nos limita, confessou Andrezza.

— Para não ficarmos à deriva, como Ulisses perdido no mar, acabei de comprar um apartamento. Assim, quando estamos na cidade, cada um navega em seu barco. É uma fidelidade a distância. Parece que não podemos nos enrolar um no outro. Não sei se é o sentimento de independência que nos move. Sei que conseguimos permanecer no mesmo barco não mais que duas horas, complementou João.

— Cuidado, meu filho, que ela não é nenhuma Penélope pra ficar tricotando seu manto. Pode aparecer um príncipe que faça melhor a ela que Ulisses em mares desconhecidos.

— Estamos atentos, minha sogra, só espero que ele não encontre uma Dirce a fazer-lhe mal.

— Tenho certeza que desse mal estou livre, minha mãe.

— Da mesma certeza que você tinha ao casar?

— É a mesma, mamãe. Não tenho dúvidas sobre o amor que tenho por ti, querida, respondeu, dirigindo o olhar pra Andrezza.

— Nessa história de amor, o que falta é ver de perto o que está acontecendo. Tomem uma lupa ou vão se confessar com um psicólogo, ou com o bispo que é muito perspicaz, pra dar uma olhada mais apurada. Espero que o apartamento adquirido seja apenas pra investimento, e não pra ver a distância o que pode ser feito com ternura. O amor tem disto: é para um exercício conjunto, e não como se fossem animais predadores. Eles não se devoram

sendo da mesma espécie. Pelo amor de Deus, filho, faça o *love* dela brilhar... E em todos os sentidos, amém.

— Não quero me desculpar nessa história de um amor complicado como o nosso. Meu diagnóstico, em que pese minha dificuldade em me ajustar aos mandos de João, se resume nas suas falas categóricas. Não me agrada a forma peremptória com que fala. Isso está me deixando louca.

— Pensei que seria até muito delicado na maneira de lidar com contigo, amor. Posso rever. Talvez esteja querendo me superar na timidez que sempre me afligiu e não tenha encontrado o termo bom de meu relacionamento.

— Meu limite sempre foi aceitar qualquer apelo com o nome de submissão, João. E pode até ser a minha parte medrosa que treme só de pensar em perder identidade. Somos mais parecidos com duas crianças assustadas com medo de perder o pouco que ainda somos.

— Vou olhar de perto minha rejeição à submissão, mas acho que não sou tudo isso que você fala de mim.

— É isso, vamos crescer como manda o figurino, sem tropeçar demais em nossa fragilidade, falou João.

Foram-se os dois. E ao saírem ouviu-se: precisava contar tudo pra minha mãe? O vento levou as palavras da boca de Andrezza. Se o vento levou palavras, isso não significou que ela perdera a decisão de fazer de si um ser menos austero. Mais que as deficiências da natureza e dos movimentos das circunstâncias que fizeram dela uma alma impositiva, a vontade iniciaria a guinada afetiva dos dois.

João obrigou a si mesmo avaliar o quanto impunha seus desejos e o quanto deveria medi-los sem se deixar levar por medos quaisquer que fossem. Foi ver com uma psicóloga pra compreender a fonte de seus apelos tão definitivos. Não poderia



infligir sofrimento para obter um poder pessoal. Resgatou passo por passo os momentos mais decisivos de sua profunda timidez. Se assim foi, não permitiria dar continuidade a essa incapacidade comunicativa. Entretanto, qual a melhor saída?! O impulso profundo para esconder-se deveria desaparecer, todavia não à custa de uma imposição que devastasse o ânimo de Andrezza. Um sonho trouxe a compreensão instigadora de seus assombros. Acordou-se banhado em suor.

Um monstro devorava pequenos peixes que aos gritos e tremores ele, piá de calças curtas, tentava salvar. Que pescaria seria aquela que o levava a reações tão radicais? A psicóloga questionou sobre os rios de sua infância. Lembro, às vezes, que ia com Artur às pescarias e, de uma em particular, de quantos cascudos levava por ter perdido uma fieira de lambaris, fruto de uma tarde de esforços. Como esquecer da humilhação e da culpa por não achar a preciosa fieira de peixinhos? Mais que isso, lembrou que, ao chegar em casa, seu pai o incriminou pela distração. Outras questões foram sendo levantadas e resultando numa certeza: cada dia mais a sua infância foi molestada pela superioridade de Artur. Outros garotos influenciados pelo irmão procediam da mesma maneira, aumentando os sentimentos de insegurança. Sua dificuldade agravou-se com o nascimento de Loriane. O mais velho, o belo e o forte, a irmã, o encantamento de todos, e ele esquivando-se pelas bordas de sua casa. Compreendeu, também, que sua mãe, por vê-lo tão quieto, mais o consolava que animava, fazendo dele um ser amado em sua minoridade. A primeira relação mais próxima e decisiva se deu com Andrezza. O clamor de si mostrou, de maneira categórica, um forte impulso para a busca da dignidade perdida. Muitas conversas foram feitas sobre o caminho a ser percorrido entre Andrezza e ele. Não desanimaria enquanto não encontrasse o legítimo poder de si mesmo, mas não à custa de perder quem amava.

No aniversário de trinta anos houve um estranhamento familiar quando seu irmão quis impor sua opinião e ele, João

Frederico Krämmer, reagiu com bons e seguros argumentos. Dona Maria buscou minimizar o acontecido, mas ele não se contentou com a proteção, permanecendo firme em suas afirmações. A impressão dos familiares foi de monta. Todos se perguntavam: o que deu em João? Andrezza sorria, sabendo de tudo. Loriane, sem compreender bem todos os elementos implicados, lembrou dos cavalos de São Marcos.

Ao se afastarem, Andrezza brincou:

— Ainda bem que encontrou a pessoa certa pra descontar os atrasados.

— Apenas vou buscar me centrar mais em mim, esperando não atropelar ninguém. Sei que o caminho de qualquer reconquista é diário.

E o homem não falou por falar. Sabia que expulsar o diabo da ausência de si é uma tarefa áspera, exigindo atenção pra encontrar o meio-termo entre a percepção emitida e a dos outros. A verdade não mora em definitivo em lugar algum, mora entre as pessoas que buscam acertar, pensava com seu zíper.

E um velho diabo sempre tem saudades da antiga habitação.



## **No silêncio da casa**

— Aqui se faz, aqui se paga, falou Maria, ao seu Afonso. Não sei o que te deu, pra espantar os três. Sabe como é quando os passarinhos estão comendo os restos das quirelas? A gente chega de supetão, é aquela revoada de tico-tico, pardal, rola, canário e sabe Deus o que mais: um som meio soturno de sustos e pios. Só a nossa rola não deu no grito, mas sei o quanto está sentindo ao pensar que o pai dela quer que vá pra longe. Até eu não sei se devo me enxergar e, como uma pomba velha, levantar meu voo. Escuta aqui, meu velho. Até pensei em chamar o padre pra te dar a unção pros que morrem. Tava aí em suspiros, enxovalhado, ía que te ía, nessas alturas não sei se pro céu ou inferno. Sei que me deu de rezar: minha Virgem que me cuida como criança parva, não leva esse homem que é minha fortaleza, meu escudo nas noites de maiores sustos. Não me deixe só com três marmanjos que logo se vão e, depois, eu fico como uma besta solitária.

— Pode parar, que já me xingou bastante. Sei que me perdi na jogada, minha zelosa cuidadora. Não me azucrine mais do que estou. A casa anda quieta que só um mausoléu. Vou pagar os excessos de minha boca, mas, por favor, te cale um pouco e me console, que me basta a minha dor. Acho que não gostei de errar por não te convidar pra dividir nossas propriedades. Me excedi pelo medo de perdera a mesma autoridade. Quando a gente fica menor que um rato em guampa, em vez de recuar a gente avança, se perdendo mais ainda!

Nesse momento entrou Loriane. Sabe-se lá, por ser mulher, devotou-se de ajudar os dois resmungões.

— Não há como negar, a casa silenciou. Acho que foi bom pra tudo se resolver melhor. A vontade do Artur é forte como um cavalo mal domado. Mamãe falou dos cavalos de São Marcos. Acho que ele encontrou os dele. Via, ultimamente, meu irmão meio



acabrunhado por ter que aceitar as vozes dos outros como as suas. Tenho certeza que dia desses vai dar pra ver duas ou três crianças correndo no pátio aí fora. Virão, também, as crianças do João, e eu não ficarei pra titia. Qualquer dia desses me vou agradecida, meu pai, por ter recebido meu corpo e minha alma semelhantes a tudo que é teu. Também tenho um coração rebelde, espero poder tê-lo nas mãos pra não ferir ninguém.

— Que coisa, filha, tu também!

— Deixa pra lá, não disse pra machucar, apenas pra que não me esquecesse da minha intemperança. Sempre peço a Deus que não me curve diante dos fortes, seja humilde diante dos fracos. Que tenha doçura, ainda que aflita. Não vá além do que é sensato. Que não perca a ternura com os meus. Se, por vezes, como ontem, houver momentos que pedem contrição, que tudo retorne aos sentimentos de ternura. Acho até que foi o momento certo de o senhor falar severo, aproveitando a hora. Vê só se consegue, pai, retirar o amargor de João.



## **Os cavalos disparam**

Muitos dias se fizeram desde os anos em que a divisão da herança ocorreu. Agora vejo Artur, a primeira de minhas três almas, um menino cheio de vitalidade, tendo a natureza em seus exageros. De inopino e veloz, o inesperado, soprando seus ventos e seus mistérios: um homem cheio de agitação.

Lá está ele, sob a sombra da figueira, conversando com o cacique caingangue e seus indiozinhos das três mulheres que sustenta com prazer, sequer explicando pra comunidade da reserva os direitos desmedidos que possui. A maioria da indiada não reclama dos seus privilégios. Poder é poder: a igualdade que se ferre. Bem alegres correm meus dois netos, brancura diferente, olhos claros, cabelos de algodão, contrastantes dos cabelos negros dos felizes indiozinhos. Nisso elogio meu Artur: ele não se mete a dizer que os seus são melhores que os do cacique. Negociam, tenho certeza, os arrendamentos das terras da reserva. Faz dois anos que as melhorias vistas na casa de Malvina, minha nora, eram notórias. Ao fazer notar, dia desses, da prática ilegal, em desfavor da maioria, ela respondeu: não é o que as mulheres do cacique pensam. Curiosa essa maneira de ela ver, tão diferente de quando veio morar nesse descampado dos ventos e das poeiras. Mostrava um rosto amenizado pelas palavras e pelas vestes da cidade. Palavras retiradas da boca com cuidado. Agora saíam de qualquer jeito, ao sabor dos impulsos da natureza. Aos poucos, como tudo nela, foi tendo um jeito forte e brusco de ser. Falou-me ela: se até as pedras perdem, pelo vento, a rugosidade, por que não vou perder a elegância das meninas da escola de Nossa Senhora?

Mania que tenho de misturar tudo. Meu foco é meu filho. Não errei ao pensar que ele seria incapaz de obedecer aos rumos serenos da ponderação. Por mais que tenha realizado curso de administração, ainda que avaliados os benefícios de um controle

coletivo, saiu às avessas da democracia. Mas que se pode fazer das torturas da alma: paciência que te haja, da qual dizem ter raízes amargas e frutos doces. Estou no aguardo da doçura, esperança minha. Pobre da Malvina que o diga. Me disse ela: não sabia onde tava me metendo, minha sogra. Que coisa é essa que durante o namoro era gentil, me fazendo desconfiar até de sua macheza. As últimas flores foram uma semana depois de casada. Depois disso, palavras ásperas retiraram da boca a palavra amor, meu bem e outras gentilezas pra enganar a boa fé. Pior de tudo, aqui no meio dessa indiada, estou ficando bruta igual aos bichos, que são atraídos em certos tempos: coisas de macho e fêmea. Pelo amor de Deus, não gostaria de enterrar o jeito bom que eu tinha.

Vi, então, que meu filho andava em perigo. Se a natureza que lhe dei rumava para a tristeza de minha gente, que a educação, se não acabasse com todas as dores, poderia incliná-lo melhor, dando licença pros outros. Fui me chegando pro meio das crianças, entre risos, gritos de vida e surpresas, risos soltos pela glória de Deus. Os dois aquietaram com minha chegada. Presença de mãe, muitas vezes, é pouco recomendável. O que essa velha entende de negócio?, vi no olhar do índio. Meu filho, chateado:

— Que é, mãe?

— Só quero dar um bom dia pro cacique. Como vai, seu Francisco?

— Bem, siora Maria.

— Justifico o estorvo, vou-me embora de tarde, filho. Depois tem um tempinho pra mim, Artur? É um dedo de prosa só.

— Pode ser depois das doze?

— Tá bem.

Os netos vieram me rodeando. E eu olhando com carinho os meus ocidentais e aqueles orientais, seus olhos diziam da



origem. Quantas palavras se foram formando e que alma se estabeleceu pelo caminho? Aproveitei a deixa:

— Seu Francisco, fica pra almoçar com a gente e seus filhos também. Esses dois são da Antônia e esses outros da Joana, não seu Francisco?

— Tem mais da Rita que não vinhero por doença, as gripe de inverno, siora Maria.

Saí.

Simpatizava muito com Malvina quando de minhas visitas pra ver se ainda tava de pé a união e ajudar no que uma quase velha podia fazer. Se não ajuda muito, com a fala de uma sogra pode haver um suporte... Se seguram melhor as intempéries.

Depois das doze falei com Artur. Que arrendasse o que quisesse, enrolando a indiada toda. Falei, porém, que orava muito pra não tornar mais difícil a vida de Malvina.

— Tu vai perder essa mulher. Ela tá feia de vida. Não tem mulher que fica muito tempo assim. Morre ou foge. Espero que ame melhor, que os olhos dela mostram a inconformidade. Sei que você não é só desse jeito.

— Sim, mãe, se expressou chateado.

— Se você tá rico por conta dos índios, que não fique nisso. Aproveite e deixe melhor tua mulher. Gaste um tempinho pra agradar, que desse jeito até teus filhos vão se sentir mal. Te amo demais pra ver quieta quando se perde o que é o melhor pra você.

Falei isso mais aquilo, bem como as mães falam quando se assustam. Acarinhiei o cabelo, bem como fazia em menino. Negocieei mais umas palavras, mas melhor se apresentou o silêncio do coração.

— Vem cá, meu Turzinho, que anda igual um vento forte. Que mulher que você tem, guri! Que filhos você tem, filho! E que

homem bom e decidido que você é! Não perca a rapadura no meio da estrada. Sempre ouviu de mim que Deus é cheio de gratidão pra quem cuida dos outros. Cuida da tua Malvina. Ela suspira pelo homem dos namoros cheios de gentileza. Você leva jeito, rapaz. Deixa a suavidade entrar no coração, que não custa nada. Um piozinho gentil vale mais que um carro novo. Cansei, filho. Tô falando demais, que mãe não sabe ficar quieta.

— E filho, por pensar por conta própria, fica surdo, respondeu o safado. A mãe fica velha e filho não ouve, e quando ouve desconsidera.

— Falei mais áspera: pois fica rindo, pedaço de mim, que vai ver o que é bom pra tosse.

E ele tossiu, desfazendo de minha ameaça.

— Mais uma coisa: filho, sabe que mãe só faz bem e não é capaz de fazer isso aqui, ó, pra fazer um mal. Sei que minha palavra é menos que titica de tico-tico mas me ouve como um apelo carinhoso. Mãe tem pouco argumento. A força dela reside na ternura. Lembra de quando fui te ensinar a pescar dos peixes na água limpa? Parecem assim minhas palavras que são vivas e puras. Pois é isso mesmo, tão ingênuas. Tô te dando um banho de água limpa.

— Agora chega, mãe, interferiu.

Me aquietei um pouco. Foi a vez de ele falar.

— Tá certo, mãe, que ando carente e deixando a Malvina perdida no meio desse campo. Eu acho que a gente tem muito de animal acuado. Parece fugir em desalinho, desesperado. Não sei se sua palavra me conduz o suficiente. Recebi uma índole difícil. Só sei que vou fazer o melhor que posso fazer. Que sangue faminto de mim que me devora, mãe? Tenho culpa, e repito: o que faço pra minha Malvina não é o melhor. Mãe, já rezei devoto pra Santo Antônio pra achar um homem amável em mim. E o que é



que encontro: um gavião de primeira. Tudo parece pinto pra galo velho. Esse carinho que me dá, mãe, deve ser diário. É como água que nunca basta. Vou olhar pra mim e a toda hora vou espantar o diabo. Preciso de água benta, que, pelo menos, deixa ele mais longe. Não acredito que seja só a natureza que me deixa tão ruim.

— Não te culpe mais, filho. Vão vocês dois rezar, tu e mais a Mavina em Caravaggio e beber um vinho bom aí na serra. Eu fico com as três crianças. O Victor já anda grande e deu pra ser de coração humilde, inclinado pra bondade. Venho com meu Afonso, que também entende de negócio, só dos índios ele quer distância. Não acredita que seja legal nem da tua parte, menos ainda da parte do cacique. Se é coisa que se faça, passando toda indiada pra trás. Vejo grande parte deles tristes nas casinhas miúdas, quando não pelas estradas, caminhando sei lá pra onde. Pobre é bem assim: anda porque a vida é que empurra e não porque querem ir. A mata destruída e as convenções perdidas deixaram que ficassem à margem de nós e de sua história. Não se acham nem a pau e corda. Acho até que nem sabem que vão morrer. Quando gritam, fechando caminhos, é por cobra mandada. Que encontrem um poder bom semelhante ao poder da mata fechada por onde andavam.

— Mãe, não se iluda dizendo essas coisas deles. Não somos nem um palmo melhores do que eles. Conheço a toda gente da região e se guenta mãe pelo que lhe digo: acho que são até mais puros que nós. A maioria vive do pouco e não tem olho grande como os cristãos que a senhora fala.

Se foi, assustado.

Me pus, desde então, cheia de bons pensamentos, que Deus não se dá de graça; é preciso segurá-lo com duas mãos, que uma pode estar à deriva da graça.

Olha, valeu a conversa. Já não sei se pelas palavras, ou por ter acolhido meu filho como se fosse ainda criança. Vi, então,

umas nuvens ligeiras, suavizando o céu. Ainda que fosse outono, tudo se vinha com calores de luar. Deus andava nelas mostrando a propriedade de minha maternidade tardia. Vi Deus dizendo: é isso aí, vai firme, velha, que nunca é tarde pra orientar um filho devassado pela dinheirama. Deus falou desse jeito. Foi o que entendi.

Surpresa grande, acho que é porque, mais que as palavras, os sentimentos levaram a alma de Turzinho pra uma alegria de Malvina. Foram passear. Minha Santa Lúcia da claridade dos olhos de Malvina! Que brilho, mais que os reflexos da lagoa de manhã de uma soleira de ouro nas águas. Verde nenhum se compara à vigorosa mudança mais que os dias depois de sol puro, azuis belos, de zelos pela alegria, não chegavam aos pés da expressão Malvina de ser, de acordo como pensei: a docilidade estendida já não diz mais, que a dureza anda sufocando sua delicada aprendizagem. Malvina semelhante a um dia: vi as cores do mar que falavam sobre ondas bravias e contentes. Tinham seu poder dado pelo vento que se orgulhava de ser invisível e tão manifesto. Me sentia contente pela conversão de meu filho eterno.

Corei de prazer por lembrar de Afonso também embrutecido pela loucura do trabalho. Não dá pra acreditar: os males circulam. Com dedicação e restrições, brabeza e ternuras dosadas, ele aprendeu a ser a gosto de meus sentimentos. Antes de apresentá-lo a Deus, que ninguém dura pra sempre, vou deixá-lo, novamente, ao gosto do Senhor. Se as pedras se tornam lisas pelo sopro dos ventos, coberturas de musgos, pelos corpos sentados, por que meu Afonso não pode retornar aos tempos dos beijos, abraços, suspiros e gemidos carinhosos? Os dois podem obedecer às intenções de meu poder cheio de caridade pra governar e iluminar, amém.





## **A hora e o poder de Loriane**

A perfeição dos gestos mora em minha filha, doçura, esperança humana, salve, ternura nossa: elasticidade do amor como desdobre da alma boa, gentil como canto das corruíras em setembro. Não tenho dúvida que o meu poder reside nesse reflexo divino que me diz de sua existência por cada palavra nela pronunciada. Não sou a coruja dos filhos perfeitos, porque não é minha por competência de tê-la assim mimosa, rústica e dura quando as circunstâncias exigem. Pois não é que essa sutil moça, encanto de todos, pela suavidade da voz com outros predicados e substantivos, encantou-se de um índio de poucos predicados? O coração humano tem disto, não tem juízo e suas razões são quase sempre precárias. Apareceu-nos com aquele oriental de uma bruta simplicidade. Palavras pobres, de olhar benigno, estreitado em sua própria desconfiança multissecular. Chorei de vez, como se perdesse a melhor das almas trazidas em meu ventre. Ela de corpo bem feito, dia a dia, criada como se daí fosse nascê-la um filho promissor, esperança de uma nação honesta, ou um segundo profeta amável da humanidade toda, sem tirar nem pôr.

Pois me apareceu, repentinamente: mãe, trouxe pra conhecer meu amor. Isso aí é teu amor? Que horror!, saiu de minha boca como um sopro maldito. Não faz isso comigo, filha! Me retirei pra chorar pelo tamanho de meu susto e preconceito. Logo depois vim ao seu encontro, que chorava também como uma gatinha muito ofendida. Das vezes que ofendi, essa ofensa não tem tamanho, maior que o mar de Toquinho e Vinicius. Até hoje eu choro. Me encho de razão ao condenar o Terceiro Reich por matar crianças inválidas como se matassem vermes, e eu o que fazia aí, condenando um índio por amar minha filha e ela por amar um índio? Acho que se me tornar uma Teresa de Calcutá e calcular todo bem que fizer do jeito dela, não vou conseguir me penitenciar o suficiente por asfixiar aquele amor de maneira tão brutal. Acho que os engenheiros do gás, em Treblinka, foram mais delicados do



que eu. Mataram tantos, me defendo. Ouço, porém, me dizendo: e a morte pode ser avaliada pela quantidade? Lembro demais:

— Mãe, não faz isso comigo, sempre respeitei o amor bruto de nosso pai. Nunca saiu um ai de minha boca, tenho pra mim que amor se respeita por menor que seja. Trouxe-lhe meu índio pra seu conhecimento, antes que meu pai caia de pau sobre mim. Se olhar bem de perto, vai ver, mãe, que é bom e sincero. O que, talvez, falta nele é a esperteza mais malandra dos outros que a senhora me indicou.

— Filha, essa natureza dócil tem muito de aparência. A simplicidade pode ter muita dificuldade que no dia a dia vai aparecendo.

— A senhora, que vê Deus até numa laranja verde, como é que vê tão pouco no meu indiozinho?

— A laranja verde não se come, não fala, mas tem o seu devido lugar. A amabilidade de Deus tem formas pra cada tempo e cada pessoa. Deixa estar, minha menina, se quiser muito e força houver pra curtir a Deus nesse coingange, que te tenha Deus nesse tamanho. Vou aceitar conviver com essa tribo. Esconda, porém, de teu pai pelo tempo que julgar conveniente. Te aconselho falar com Artur, que até fala a língua deles.

Bem aqui chegam os tempos de minha lembrança e me vejo uma médica do holocausto esterilizando judias. Eu sou a doutora Sternhals. Não posso esquecer como ela sufocava sua decepção.

— É isso que vou fazer, vou falar com meu irmão.

E fez.

O homem não xingou, apenas disse: experimente! Dois meses se foram. Encontravam-se nos bailes e na pequena vila pelas quartas-feiras. Foi o tempo necessário pro índio dizer: não dá, siniora Lorine. Muita diferença tá na gente. Uma índia me faz

mió! Também acho, meu bichinho do mato! Meu tigre asiático, respondeu Loriane. Vou sentir saudade de teu cabelo preto e de teu carinho. As palavras não se acertam, terminou o seu índio Nicolau. Pouparam a brabeza do senhor Afonso, e tudo retornou ao seu devido lugar. A princesa de Maria continuou virgem por mais cinco meses.

Da verdade não se sabe, e, mesmo que se saiba, ela nunca vem inteira. É a virtude humana mais escondida pro meu gosto. Acho, isso sim, e não procuro mais, que ela começou a desfazer os laços que tinha pra evitar a ofensa aos de casa. Foi, na verdade, apenas gesto etnofóbico, me desculpava, eu, Maria, uma mulher de respeito.

Maria pra se perdoar anos mais tarde brincava com a morte, aproveitando de sua ironia. Meu querido ser, glorioso e santificado pelas virtudes cristãs, perdi a oportunidade de ter um bárbaro convertido aos costumes cristãos, a uma civilidade ocidental com todo o poder de um pensamento organizado, muito adequado aos objetos, muito reverente, muito politicamente correto, cheio de santos representantes de tantas virtudes que daria pra crer na grandeza humana não fosse a contradição da brutalidade, da falsidade política, da racionalidade interesseira e dos dinheiros havidos pra poucos e exacerbadamente contrários à caridade que se diz a principal certeza da felicidade. A verdade é que a vida se inclina rudemente para a vilania, enquanto se ergue a bandeira da ternura, até porque todos se juntam pra confirmar ser a melhor maneira pra se conviver, para amar no âmago da existência, tão bonita e santa, que se pode jurar de pés juntos não haver coisa mais bonita. Quando eu, a mãe que resistiu aos amores selvagens da filha, buscava desculpar-me, para que não me doesse mais a lembrança, falava alto ao meu entendimento: mulher, foi o índio que se despediu alertando pra dificuldade das culturas. De fato, consolou-se Maria, ao rezar pro Espírito Santo, que bichos difíceis somos nós que, por tão pouco, ou pela cor, ou pelas palavras, ou pelos gestos, somos capazes de desprezar o



amor de Deus que vem sobranceiro, voejando sobre as casas. Temos olhares tão pequenos, meu Espírito Santo, que este é nosso pecado que não tem perdão. Pedimos perdão e a seguir fazemos as mesmas coisas. Espero confiante as desculpas, embora não se devesse perdoar, tamanha é a ofensa que fazemos diante da vida, que deveria ser abundante e a esmagamos com as unhas, como se mata um piolho. Filhinha do meu pobre coração, não leve em consideração a falta de esmero de tua mãe. Confie, ainda encontraremos o caminho do bem.

Dois meses após, interrompido o amor entre Cecília e Peri, seu Afonso soube da incursão amorosa de sua filha. Foi direto falar com Maria.

— Soube, na vila, do caso de nossa filha com o índio. Ela que inventasse de continuar!

— Que faria? Matava o índio ou ela? Quando vai aprender, meu marido, que pra apanhar algo melhor é preciso ter as mãos vazias?

— Agora ainda bem que tô, falou Afonso, sem entender nada.

## **Conversas inseguras sobre amor**

Maria defendia com unhas e dentes: o amor pra valer tem duração! Se é apenas pra dizer: que tesão!, pode tirar o cavalinho da chuva, que nunca foi amor! Não nego o convite natural do corpo! Uma beleza, todavia, por mais que o tempo seja outro, não me venham defender a promiscuidade! Não, coração feminino se firma na vida e a vida é mais que uma bolha que se desmancha no ar.

— Concorda, minha filha?

— Não de todo! Quando amei o indiozinho, não tinha de crescido nem dois meses, achei por bem o que aconteceu. Morreu por aí mesmo: apreciei o sentimento passageiro. Não sobrou nada, apenas na boca um gosto de mato. Foi bom, ainda que breve.

— Não retome o assunto que me morro! É, não se faz amor como antigamente, despintou.

— Prefiro amar rapidamente, de boa intensidade, que viver nessa mesma coisa que vejo aqui em casa.

— Não fale assim de meu amor. Tivemos precisão na ternura e durabilidade. Pode ser que, agora, um jeito meio repetido de ser. Isso não vai ficar assim. Teu pai está entrando numa fria de só pensar nessa avareza. Não é por isso que vou deixar por menos. Vai só ver! Te falava dos encantos de teu irmão João. Parecia devagar até o dia que tomou uma decisão. E, por sacramento, entendeu de dar continuidade ao casamento que se ajeitou muito bem. Ficou homem de clarezas e sentimentos. Como se fora um iluminador de estradas.

— Ô, mãe, para de falar um pouco. Que deu na senhora de querer pôr ordem em tudo e saber sempre sobre o que é sim e o que é não. Deixa a vida rolar. Se não são os mandamentos, a



tradição, são os preconceitos com outras criações pra espantar o melhor da vida.

— Experimente ver a vida sem regras, pra ver onde tudo vai dar. Por falar em João, lá vem ele dependurado em suas anotações. Veja ele, se não levar tudo no controle, também ele se perde nas contas. Fica como o árabe que prendia um balão na perna antes de dormir pra saber quem era ao acordar. Que se cuide: não vai faltar quem lhe retire o balão pondo em outras pernas. É desse jeito que se anda, a televisão é o púlpito com cada besta dizendo sua verdade, e por aí se vai sem saber onde chegar.

— E onde chegamos com todas as devoções certas, depois do holocausto?

— Pelo menos sabemos o quanto erramos.

— O que falam essas mulheres?, intrometeu-se João.

— De ti e um pouco mais, falou Loriane.

— Já que me incluíram no pacote, vou aproveitar. Escuta, mana, me conta de tua tentativa com o bugre.

— Mais respeito com meu índio Nicolau. Por pouco não misturei as raças. Sabe, se não fossem as cabeças pequenas de minha casa, acho até que aprenderia a entrar no mundo dele. Não sei se não seria mais feliz vendo tudo pelo ponto de vista dele. Ele mesmo percebeu o tamanho do desalinho entre nós dois, ou será porque teve respeito por mim, vendo tudo que eu deveria passar?

— Vem comigo e faça logo tua tão desejada pós em letras. Vê se acha um colega e case logo, interrompeu João.

— Quem diz que eu quero me casar. Quero um homem interessante, apreciar os encantos e ver se vale a pena medir com ele uma vida toda. Se o meu for semelhante ao teu casamento, apesar dos contratemplos, topo de cara.

— Não olhe por mim, falou João entre mistérios.

— Como estávamos discutindo o amor de meu casamento, desejo que continue assim ou melhor, ainda que entre depressões e aclives, se interpôs Maria. Com filhos, mais cúmplice e mais divino. Fico com Drummond quando diz:

*Se em toda parte o tempo desmorona  
aquilo que foi grande e deslumbrante,  
o antigo amor, porém, nunca fenece  
e a cada dia surge mais amante.*

— Poética, minha mãe, brincou Loriane.

— Poética e responsável!

Via-se, a distância, os meninos de Malvina com quatro indiozinhos e duas pequenas da cor de cacau, parecendo silhuetas humanas que corriam em silêncio.

— Assim vão se firmando laços semelhantes, reparem como o indiozinho Tadeu corre ao lado da pequena Zenaide. Se algum branco não vier atrapalhar essa conversa dos dois, é capaz de haver um bom resultado, disse Loriane, com voz suave.

— Sei não, a casa dos dois faz muita diferença, se defendeu a mãe.

O movimento silencioso contra o lago continuava. Sem mais nem menos, a seguir, todos os oito correram para a lagoa. A brancura flutuante das águas no ar imprimia nos assistentes um desejo ardente de viver e uma conversa festiva em torno do casamento de João.

— Coisa boa, meu filho, ter encontrado alguém tão gentil. Nesses tempos bicudos, é mais fácil encontrar uma agulha no palheiro que uma mulher daquele quilate. Geralmente a sogra sente perder um filho para outra mulher. Não é o meu caso, João. Não sabe o quanto me agrada, só de pensar em vocês dois. Tudo anda bem, cabendo uma cegonha ajeitar sobre a casa.



— Deixa estar... A intenção é pouca por enquanto, e nem tudo é como parece.

— Tá certo, mano. Uma criança exige muito, tá aí o exemplo da Malvina. Virou no que que é aquilo, e está custando a recuperar a antiga dignidade.

— Pera aí, não foram bem os filhos que a deixaram assim.

— Tudo está melhorando... O Artur comprou um apartamento na cidade, e ela está eufórica por poder se aprumar melhor.

Um longo silêncio se interpôs até se aproximarem as crianças pedindo um lanche. Lá foi a vó providenciar pão pra todos. A algazarra contrastava com o silêncio dos adultos, cada qual tendo que se preocupar com as providências a respeito das últimas palavras.



## **Sempre os cavalos**

Loriane encontrou o seu Nicolau na estrada, montando um cavalinho cansado. Fustigava seu animal, tentando deixá-lo mais poderoso que era: a emblemática figura de um poder sem expressão, pensou ela, igualzinho aos negros de Virgil Georguiu; esperavam a vigésima quinta hora, uma vez que nas vinte e quatro não tinham vez. Pintavam seus rostos de branco, tendo a condição da dignidade na brancura. Seria o medo dos sufocantes olhares alheios? E quem sou eu pra me achar maior, só pela razão de andar nesse meu carrinho em grandes poeiras e de cara branca? Não será meu Nicolau esse Quixote oriental, mais poderoso, o cavaleiro de maiores proteções? Sereno desviou-se da estrada, desaparecendo na poeira vermelha suspensa no ar do final de tarde. E qual o meu poder sem merecimento por ter herança quatro quadras de campo? Nada fiz, nenhum cavalo adquiri por meu poder. Vou, sim, fazer a pós e o concurso aí na cidade, que, assim, em lugar algum deixarei minha marca. Não tenho sequer a glória do artesão grego, fundidor dos cavalos, nem de um cavalinho de Quixote. Vou ver o que faço de mim. Tudo posso naquele que me conforta e o confortarei graças a tudo que me pertencerá sem favor alheio. Serei uma boa representação divina, símbolo provisório do sopro eterno.

Com as intenções bem formuladas de ser professora, mestranda e um namoro que a merecesse, chegou à casa da cidade, falando a seus botões: daqui não saio, nem me tiram sem o que me resolvi a fazer. Foi inscrever-se no concurso pro mestrado em letras e também para o magistério municipal. Avaliou suas condições de fazer frente aos exames. Não saiu de casa até mostrar-se preparada. Atualizou seu currículo lattes, uma miséria, dois artigos em jornal, dois resumos de pesquisas publicados em congressos, nada mais. De original: coisa nenhuma. Propôs como tema do seu projeto: modernismo e rompimentos sociais. Não sabia qual o poeta ou romancista que tomaria como protótipo de



sua dissertação. Lá se foi pra testar seus conhecimentos conseguindo iniciar os propósitos de ser professora e mestre. Se deu melhor que Baudelaire ao ver uma linda mulher, sendo apenas uma passagem sem destino. O seu, conduzido por sua mão, não se tornaria uma quimera. Se deu bem, comemorando com João e sua cunhada. Comentou seu feito, atribuindo ao irmão parte das conquistas ao lembrar o desafio que ele propusera na casa de campo.

Tamanha decisão, tal entusiasmo e discernimento das letras levaram-na a ser representante do mestrado para as discussões do conselho do curso e, com tal veemência, a ponto de ser elevada para o conselho dos cursos de pós-graduação. Baforavam-lhe o poder e o reconhecimento. Seu cavalo rendia-lhe agrados a ponto de ser olhada por um rapaz do mestrado em agronomia. Não conseguia ver o tempo passar pra contar pra sua mãe tudo que conseguira em poucos meses. Não mais brandiria sua herança pra mostrar quem era. Poderia esquecer seu índio com mais facilidade e se tomaria por alguém a falar alegremente de si mesma. Enamorou-se pelo colega da agronomia. O amor tem lá sua velocidade. Não tardou em corresponder aos olhares, dos olhares aos abraços, dos abraços aos beijos e dos beijos a outras alegres aproximações. Foi assim, cheia de novidades, a ver sua mãe. Mais feliz que a florista de Chaplin. Luzes brilhavam em sua ribalta. Seu carrinho, ao passar pela reserva, não viu índio nenhum: mais queria era ver mamãe.

— Coisa mais fofa, mãe, muy esperto, pronto pra me fazer feliz. Derrete-se tanto por mim. Certinho, bem a jeito de ser pai de crianças. Um poema ambulante. Sou, também, professora. Pena ser o salário tão pobre. Se fosse ter filhos pediria bolsa família.

— Não tem vergonha de falar isso?

— É verdade, o mais que tenho que fazer é melhorar a produção das terras. Vou ter com o pai pra avaliar a última colheita. Falei pro meu fofo pra vir até aqui e dar uma olhada nas terras. Ele

fala como ninguém sobre rotação de culturas. É o tema da dissertação dele.

— Tome cuidado pra não melindrar teu pai. Ele não gosta que se intrometam naquilo que ele faz. Ele não gosta que mexam no cavalinho dele.

— Bem que me avisou. E o meu polaco é muito do bocudo. Será que os homens têm mais dificuldade de perceber o que pode ou não pode ser dito?

— Não digo todos, mas estou notando que teu pai cada dia que fica mais velho anda deste jeito: pensou ou não pensou, falou! Sinto também essa naturalidade de dizer o que penso. Não sei se é de medo de esquecer e nunca mais dizer nossa ideia, ou por ser mais lento o pensar, então, falamos por falar, ou porque perdemos a vergonha por saber que em todos tudo é natural. Sei lá, sei que não somos mais os mesmos. Por outro lado, somos mais livres de espírito. O Espírito Santo anda mais solto nos velhos.

— Acho que é isso mesmo. Se eu que estou chegando aos trinta me sinto mais à vontade. Talvez sejam minhas leituras que me deixam mais viva. A escola literária dos anos vinte fez emergir em mim uma expressão mais alegre. Espero só que não me torne descrente.

— Seria uma perda irreparável. A solidariedade universal associada à expressão divina de tudo faz muito bem pra gente. Assim, ó, filha, tenho em ti a visão próxima de Deus. Sou habitada pelos gregos e romanos na formação das palavras. Minha alma tem uma longa história. Tenho Cristo em palavras tão boas. Sejam lá seus pássaros, seus lírios e seu perdão. Ao dizer que se alguém não pecar que jogue pedras, que se beba de águas melhores, que não se perca a melhor parte, uma bondade penetrante... Bom, filha, não perca o menino nascido no campo. Pode haver em tudo uma preciosa fantasia, mas o que se faz sem fantasia? Sou, todos os dias, mais penetrada pela caridade de Deus. Sabe, esses dias



tive uma espécie de êxtase, uma visão tão funda de um amor nunca sentido, me fez chorar de alegria.

— Vai dizer, ô, mãe, que tá ficando louca.

— Se for assim, que assim seja. Uma só coisa te peço, filha: não perca o principal. Esses poetas do modernismo, eu conheço um por um. De fato, eles dão um sentido mais vivo e livre de dizer, entretanto, na minha opinião, não chegam aos pés da liberdade cristã. Muita literatura e pouca certeza. Me lembram os filmes da onda francesa dos fins de cinquenta, tudo cinza e nenhuma crença pra livrar a alma do desespero. Me impressiona *Os Incompreendidos de Truffaut*. Um menino delinquente feito prisioneiro como se fosse um criminoso. Ao final, caminha nas areias junto ao mar e, o rosto em foco, pergunta: o que será de mim? Pensar assim, sem decisão, faz mal.

— Concordo, e estou atenta a não ser devorada pela desilusão. Pois é, vivemos num tempo em que estamos donos do mundo e nem Deus nos segura. Estamos como os cavalos de Simões Lopes Neto.

— Você está falando do conto em que lembra um antigo e cruel costume das estâncias do sul. Quando os cavalos se multiplicavam, sem controle, a gauchada fazia a limpeza. Tocava-se, como ele diz, a eguada e a bagualada pra um sumidouro ou grotta funda, afundando-se os animais, empurrados pelo desejo louco dos matadores. Acho que é isto que Simões conta: os cavalos, maior símbolo do poder, podem acabar em pechadas sem controle.

— É isso, mãe. Tenho medo, mas não vou me mixar. Vou ter vontade pra saber os valores e as atitudes que me convêm. Bem que Simões pensa com ternura na morte do boi velho, xingando penaroso: bicho mau o tal de homem! Agora chega de filosofia.

— Concordo. Vamos às coisas mais práticas. Vou preparar a janta. Meu polaco falou que viria conhecer vocês antes da noite.

## Entre Nicolau e Venceslau

O *moreto* chegou com seu carrinho de dez anos de uso. Não causava grande impressão, bem menos que o cavalo de Pizzaro, mas pena é que a alma se revela *despassito*. Boa a lenda grega que fala para que Zeus pusesse o coração sobre o peito para que se soubesse, de cara, com quem a gente estivesse falando.

Vamos ao homem de Loriane... vivia com mesada e a bolsa do mestrado. Por mais que não pensasse nas terras de Loriane, elas se apresentavam por mais que negasse. Gostou dela sem saber delas, mas sentiu um prazer a mais por vê-las. Só um olhar de mãe pra ver tanto em pouco tempo. Corpo, voz, olhar, silêncio, resposta, porte, andar, sorriso, pais, irmãos, nada escapou ao que se referisse de seu caráter. O sotaque mostrou sua origem e agradou muito, que aí se revelava uma história sem rebuscos e fingimentos. Será? Pela noite chegou o seu Afonso. O velho senhor, mais que conversar, investigou. O que fazia e como fazia? O mais que tudo, quis mostrar seu poder questionando o rapaz sobre cultivares, preparos, adubos, solo e todos os procedimentos no campo. A conversa mostrou-se delicada ao voltar-se para a produção. Loriane aliviou-se ao perceber o respeito de seu Venceslau Strawinski pelas culturas tradicionais. Não promoveu nenhuma defesa de outras culturas, seja de inverno ou de verão. Agradou muito ao pedir opiniões de Afonso até sobre as certezas de Venceslau, distanciando-se de qualquer enfrentamento. Esse polaco não é bobo, refletiu Loriane. A conversa durante a janta transcorreu tranquila. O rapaz estava sendo assimilado quase por inteiro. Sabia que todo cuidado era pouco. Aprendera a cuidar da terra, uma grande lição de moral aplicável a outras realidades. Riuse inteira por lembrar de Mario Cappechi, nobel em medicina. Dizia o médico que aprendera a estar atento à pesquisa como em menino, quando roubava pra sobreviver.

Após a janta, Loriane convidou-o para irem até a vila para uma reunião-dançante. O rapaz aceitou sem delongas. Tudo iniciou com calma, uma cerveja e depois outra. A palavra tornou-se mais livre. Mãos sobre mãos. Olhos nos olhos: brilhavam satisfeitos. Alguns amigos de Loriane foram entrando, e logo foram apresentados ao Venceslau. Ficaram brincando com ela sobre o seu achado na cidade. Venceslau correspondeu à zoadá. Ofereceu uma cerveja. Foi eu que procurei e achei essa bela figura que vocês já conhecem, completou. Os amigos, um grupo de seis, sentindo que a noite era a noite de Loriane, se afastaram entre palavras de carinho.

Pra sua surpresa, viu entrando o índio Nicolau. Ela se mostrou indiferente, sentindo, porém, um gosto particular de uma saudade dos méritos de ser desejada. O índio Nicolau, ao contrário, não se mostrava distante, avaliando-se pelo olhar fixo no casal.

— Não sei se você reparou, Loriane, ele não tira os olhos de nós.

— Não repare, homem, é pura curiosidade.

— Isso está me chateando.

— O modo de olhar é sem interesse. Não sei se já notou, meu querido Vencis, que os índios olham parecendo estar longe de tudo. Acho que revelam o quanto estão pouco preocupados com as horas que passam. Não se fixam muito, bem diferente da maneira de nós olharmos o mundo. Estamos sempre de olho no relógio, parecendo que sempre temos outra coisa por fazer. Eles, não; apenas olham para a vida, sem a preocupação com o que possa acontecer. O olhar sempre está distante... É o caso de agora... O índio olha por olhar, como quem vive por viver.

— Não é a sensação que tenho! Vamos dançar e ver se o bugre esquece de nós.



— É um índio... Desculpe, não quis defendê-lo. A palavra bugre carrega muito preconceito.

— Talvez seja um bugre gay.

— Acho que não...

— Conhece ele?

— Conheço, ele é meu amigo, foi quase namorado.

— Que mau gosto!

— Pode ser que eu não tenha bom gosto.

O tom da voz não se mostrou ameno. Venceslau entendeu a irritação de Loriane, gerando-se um desconforto. Dançavam em silêncio, pairando um ar pesado entre os dois. Murmúrios, risos, gritos e tilintares não amenizavam a noite. A música não convidava a qualquer movimento descontraído.

— Olha o bugre, o desgraçado continua nos olhando, confidenciou Venceslau.

— Vamos falar com ele, senão você vai pensar que tive um caso com ele.

Vamos ver se mamãe tem razão. Nada como ver de perto o que parece um fantasma, pensou Loriane.

— Boa noite, Nicolau. Este é meu namorado Venceslau.

— Boa noite, siniora, o rapaiz parece que igual meu nome.

— Pois é, ele está nervoso contigo.

— Bobagi. Índio não faiz mal. É muito diferente tudo de nós com vocês. Olhe... Pode dar certo, dois tão branco, assi. É mió de índio e branca... Entende...

— Entendi. Índio tá certo, vamos dançar, Loriane.

O ar pesado foi se perdendo. A música alterou-se positivamente. Dançaram mais um pouco, e os sons já não se anunciavam como ameaça. O índio saiu, e a lua lá fora fazia um brilho nos cabelos negros de Nicolau. O vulto mostrava uma tristeza. Os dois puderam, então, entre sentimentos convergentes, envolver-se na ternura erótica de um velho bolero, aliás coisa muito rara. Se despediram dos amigos que, mais uma vez, de bom ânimo, desejaram um feliz casamento e outros desejos menos circunspectos. Se afastaram, respirando com agrado o ar da noite. Tomaram, a seguir, o carro e se dirigiram para casa.

No meio do caminho do retorno viram um tronco atravessado na estrada.

— Isso não me cheira bem, falou Venceslau, parando o carrinho.

— Ponha-se de ré. Entre na roça e volte. Que se dane o milho. Rápido!

— Que te parece, Loriane?

— Acho que o índio não gostou de ti. Minha impressão.

— Mas foi o índio que não quis te namorar.

— Vai saber o que se passa na cabeça dele.

Loriane começou a se irritar com o acontecido. Não podia aceitar que fosse ameaçada desse jeito.

— Que me diz, Venceslau?

— Tu não tem ninguém que possa nos ajudar a enfrentar quem pôs o tronco no meio do caminho?

— Lembra dos amigos do início da reunião? Eles, pelo que eu conheço, só vão pra casa com sol. Um deles é o filho do delegado. Eles poderão dar uma força.

Foi um instante entre entabular a proposta e decidirem. Mal haviam anunciado o tronco, já entraram três dos mais parrudos rapazes num carro, acompanhando Venceslau e Loriane. Mais um instante entre o brilho da lua sobre o trival branco e o peito dela. Que vai acontecer se houver encrenca?, pensava Loriane. Não conhecia o temperamento do namorado. Nunca se sabe qual a tradição da família e a força do sangue. O seu polaco já dera mostras de o corpo longilíneo e alvo não corresponder às desconfianças e à irritação na reunião. Um conjunto de temores e assombros povoava o pensamento: a turma anda alta, sem limites, forte e louca pra exibir seus míseros poderes. Os cavalos de Simões... Aí estão o Pedro e Pico... Sementes de ódio agitam partes que disputam terras?

Trouxeram lanternas e conheciam muito bem o caminho. Estacionaram antes do local.

— Vamos pegá-los de jeito, aqueles desgraçados, falou o filho do delegado.

— Vamos mostrar pra esses metidos de merda o que é bom pra tosse, instigou o Pedro, moreno de quase dois metros.

— Escutem aqui, alterou-se Loriane. Não me venham com bravatas pra cima dos índios. Eu vou na frente. Me dá tua lanterna, Pico. Eu sempre me entendi com eles.

Quando se aproximaram em silêncio, notaram vultos em torno do tronco.

— Deixem que me aproximo, falou com voz baixa, mas decidida a Loriane.

— Vou acompanhá-la! sussurrou Venceslau.

Loriane, ao acender a luz, deparou-se com outros amigos, removendo o tronco. Reconheceu de imediato o Maneco, que, em certa feita, manifestara interesse por ela.

— Que fazem aqui e pra onde iam? Onde está a tua caminhoneta, Maneco?

— A resposta saiu sem convicção: a gente ia fazer uma surpresa na casa do André e demos nesse tronco.

Os outros a essas alturas já estavam ao lado de Loriane.

— Por que deixaram o carro aí na curva?

— Pra dar tempo de fugir se fossem os índios a querer fazer uma surpresa. Estão duvidando?

— Não, antecipou-se ela. Vamos embora, rapazes. Vamos lá em casa tomar uma sopa pra esperar a manhã que chega.

A turma de Maneco, a que ia pra casa de André, seguiu por outro caminho. Nada se confirmou sobre os índios, porém, todos se inclinavam a tê-los como responsáveis.

A sopa foi feita com muito carinho por Maria, que achou graça diante do evento acontecido. Venceslau, porém, culpava Nicolau, enquanto a maioria defendia a ideia de Maneco querer brincar com o namorado de Loriane. Tudo se perdia no silêncio, instantes depois. Ao amanhecer do dia, Artur veio tomar um chimarrão com seu pai. Maria, antes de ir até o filho, louvou o Senhor pela maravilha de todos estarem bem. Mais se animou, pondo seu espírito na glória de quem ama, ao olhar o campo que recebia as primeiras luzes do sol. A paisagem agradável do trigo estendido como colchão fazia lembrar histórias antigas dos avós vindos da Itália. Louvava em dobro por saber que o trigo de seus avós era dos patrões, enquanto o trigo que se estendia diante de seus olhos era de sua propriedade, orgulho nosso de cada dia.

O sol já ia alto na casa de seu Krämmer quando Maria olhou para seus dois filhos mais Malvina. Doeu mais por saber que o seu Afonso é que havia espantado a ninhada que aos poucos voltava. Não conseguiu ainda dizer tudo que penso pra ele. Quero uma hora oportuna pra me livrar desse incômodo. Se repetir sua



alma antiga, deixando acontecer uma cópia fiel do início do casamento, poderá gerar mais tormentos. Mania de o diabo querer voltar. Pois é, bem sábio foi o homem de Nazaré; se expulsar um, sete retornam pelo mesmo caminho. Sabia tudo o homem.

— Olha só, mãe, pra Malvina!, se expressou alto Loriane, despertando Maria da distração.

— Que há com ela?

— Tá tão bonita minha cunhada.

— Não estou, sou bonita!, respondeu Malvina, sorridente.

— A cidade e o marido fazem bem a ela.

— Faz tempo que Artur prima pela competência naquela casa. Acho que ainda acaba pastor, elogiou Maria.

— Menos, dona Maria!

— Que tem meu sogro de estar tão quieto?

— Ele sente falta de João, cochichou Maria.

— Essa forma de falar me irrita!, sentenciou Afonso.

— Tá bem, meu bem, desculpe, disse Maria com ternura.

Pra quebrar o gelo Loriane narrou os episódios da noite. Ao final Artur entrou na conversa, dizendo que poderia saber se foram os índios ou o Maneco os causadores da confusão.

A manhã se concluiu com um churrasco, não sem antes Loriane e seu polaco passearem até um riacho próximo. As árvores protetoras, formando os cílios da água, forneciam um ambiente agradável para uma conversa edificante.



## **Debaixo das árvores**

À primeira sombra, Loriane desatou um conversar. O som da água e os troncos rudes instigavam a tanto. Pois é, o ambiente faz acontecer.

— Acho que as árvores foram os primeiros seres a se agitar na terra.

— Não se sabe se os animais ou elas começaram a nos esperar.

— Que poético que está meu polaco.

— Não me conhece, guria, nem pela metade.

— Quando a gente pensa que conhece alguém, ele já é outro, bem como dizia um pensador grego: não atravessamos duas vezes o mesmo rio, muito menos a mesma pessoa.

— Mas a que vem essa conversa, Loriane?

— Acho que porque te estranhei ontem à noite. Não esperava que o olhar do Nicolau te irritasse tanto.

— Pois pode estranhar. Não caio antes que me derrubem. Digo melhor: finco o garrão no chão, que é pra me prevenir. Não me acho melhor que o índio, mas cuido o que amo.

— Obrigada pela parte que me toca.

— Gostaria muito que cuidasse do meu amor, mesmo porque ele é recém-nascido.

— Tão pequenininho que qualquer vento pode derrubar, reforçou Loriane.

— Acho que nem tanto, querida, só vai terminar quando um de nossos ventos ficar muito fraco e sem cuidado. Não acha?



— Parece verdade. O vento sem controle afunda os navios avariados, e nós que iniciamos uma viagem, não sabendo bem pra onde vamos nem da sua duração, o mais que devemos fazer é cuidar. Mas também sei que, erguendo dez centímetros nossas velas, elas terão um metro de vento. Isso indica que podemos imprimir velocidade pra chegar.

— Não sei, assim como você, o lugar certo, mas pretendo viajar com teu olhar, melhorando o meu jeito de ser. Desse jeito não vou ficar ameaçado. Acho, então, que poderei ter melhores dias. O vento não vai derrubar nossa casa ou virar nosso barquinho por mais que a tempestade nos ameace. Sozinho fico muito perturbado. Tenho a impressão que isso está no meu sangue.

— Onde tirou tudo isso?

— De minha alma polaca, querida.

— Como assim?

— Buenas, mais ou menos desse jeito. Aprendi muito com meus pais, mas a história de meus avós ainda me faz muito bem, me deixando atento em tudo. Conheci minha avó, que chegou ao Brasil em 1950, e foi ela que mostrou a força e os medos de meu sangue. Meu avô, nato, se enamorou de uma judia da cidade de Cracóvia. Ele morava numa chácara, produtor de hortaliças. Conheceu minha avó numa feira. Pelo visto das vezes que a encontrou, o apelo amoroso foi irresistível. Bom, pra encurtar a conversa: ela contou pro meu avô a história da perseguição aos judeus do gueto onde morava. O pai dela foi convocado a trabalhar e não voltou. Dois meses depois bateram à porta, e lá se foi seu irmão. A mãe, então, falou: filhinha Agnieszka, vai morar com Theodor antes que venham te buscar também. Ela, forçada, falou pro meu avô: quer casar comigo? Sou judia, e você sabe que poderá sofrer por isso. Ele respondeu: o amor não tem raça. Vamos. Ela foi morar na roça, sendo denunciada como fugitiva. Pra



sorte dos dois, meu avô era um rapaz muito estimado pelo povoado onde morava. Receberam a vovó Agnieszka prontamente. Protegeram o amor dos dois como causa própria. Foram três anos de pura agonia. Cada dia que nascia era um dia pra ser cuidado. Cada hora era pra ser cuidada. Acho que isso ficou no sangue. Meus avós vieram assustados pro Brasil. Meu pai nasceu aqui. Isso não impediu, porém, de ouvir os gritos noturnos de minha avó, pedindo socorro. Acho que foi por isso que se tornou tão temeroso em tudo. Um verdadeiro polaco assustado. Essa história entre a vida e a morte também teve seu reflexos em mim. Acho que é por isso que eu fico perturbado e vou querer um amor pra valer. Acho também que foi esse medo antigo que me deixou intrigado com o Nicolau.

O silêncio ficou adequado pro momento. Algumas folhas caíam, sem movimento algum, como se cumprissem um dever. O murmúrio do riacho refletia a descida das águas garantidas pelas árvores. O sol era forte, mostrando sua luz nas clareiras, enquanto Loriane se inclinava sobre o ombro do rapaz.

— Imagino, Vencis, os temores e os cuidados. Eles sabiam que qualquer vacilo poderia representar a morte de tua avó. É, as pedras pequenas merecem cuidado. Ninguém cai por causa de grandes pedras. Eles sabiam que não é porque as águas estavam quietas que não poderia aparecer um crocodilo. Te vejo semelhante aos cuidados dessa história. Já andei vasculhando na universidade o aluno que você é. Sou de origem alemã. Isso não significa que trago o espírito nazista em mim. Pretendo ser teu campo, não pra te vigiar, espero ser um espaço de liberdade.

— Lembro de um professor que me disse ter uma aluna querendo saber de mim. Não precisa me vigiar, vou me mostrando por inteiro. Não quero que se oculte qualquer parte de mim. O mesmo espero de você. Olhando bem, poderá encontrar algo de bom em mim.



— Começo a agradecer a Deus por te encontrar. Não me decepcione, que a mulher é bicho muito sensível.

— Gostei do jeito decidido que mostrou ontem à noite. Poderia ter o nome de Valentina, que cairia bem em ti.

— Menos, menos. Carrego meus sustos também. Sei também que a raiz da paciência é amarga; os frutos é que são bons. Mas saiba, senhor Strawinski, que essa virtude não gosta muito de mim.

— Me conhecendo como me conheço, acho que vamos ter que aprender muito. Pelo jeito nem você nem eu somos de aceitar que pisem em nossos calos.

— Nada que o amor e a promessa não possam remediar. Deixemos um pouco disso.

Loriane, sem mais nem menos, beijou-o vorazmente. Depois se afastou um pouco.

— Pelo que te tomo, acho que te amo, meu agrônomo.

— Pelo que te amo posso te tomar...

— Devagar, que a santa é de barro.

Andavam de um beijo estendido e louco, quando o seu Afonso chamou.

— Venham, o churrasco está servido.



## As almas e os tucanos

Após cinco anos, as árvores exigiram novamente a presença dos dois. Pela deixa das sombras, Loriane comentou da importância das circunstâncias e dos espaços.

Venceslau estranhou um comentário ingênuo de Loriane.

— A história depende da geografia.

— Não é o contrário?, questionou.

— A recíproca é verdadeira, porém, não deixo por menos a minha afirmação. Olha, pois, veja bem. Não foi no espaço universitário que nos encontramos? Não foi aí que começamos a ter nossa casa e nossos filhos? E por falar em casa, não é o jeito de uma casa que pode fazer as pessoas mais contentes? Vê se dá pra ser feliz numa casa caindo aos pedaços? Vê se faz bem uma menina entrar num banheiro imundo? Vê se não foi a geografia que fez a Grécia pelas proximidades com a Ásia e o Egito? Não foi por aí que o espírito se desdobrou?

— Na tua opinião, querida, os espaços é que provocam realidades sociais, o pensamento e até os sentimentos individuais?

— É por aí que vai a estrada do meu pensar. Lembra de cinco anos atrás, quando estávamos junto desse riacho e sob essas árvores solenes? Não foram o ambiente verde, o sol forte e a aguinha límpida que nos tornaram mais ternos. E nossa alma, *entonces*, parece também ser o que comemos e os lugares por onde passamos. Veja, meu amor, falamos com o pensar das palavras gregas e romanas e metidos no meio dos bárbaros. Quem é que formatou a linguagem deles e os sentimentos dela nascidos? A terra esclarece a alma da gente.

— De fato, bem, não posso esquecer do bando de alguns tucanos que morreram no outono. Tínhamos passado fungicida na cultura de inverno. Os caquis foram contaminados e vieram a



morrer disso. Primeiro os bicudos ficaram tristes e submissos a ponto de tocá-los com as mãos. Salvei dois deles com uma lavagem enfiada pelos bicos grandes. Isso também me faz voltar para a origem de seus bicos. Por certo, na história de sua família, a terra exigia que os tivessem tão pronunciados.

— Nós ficamos em perigo, bem como eles, quando as condições ambientais nos poluem, deixando nosso peito em péssimo estado. Li o livro de Mainardi, *A queda*. Não foi uma obstetra que apressou o parto de seu filho, porque não queria perder uma noite de sábado? Não foi essa uma das razões de ter nascido um menino com severo dano?

— Retomo novamente os tucanos, querida, não é por falta de bico que passam fome, mas sem atenção podem se dar mal. Acho que nossa alma, pelo tamanho do conhecimento, pode apanhar bons ou maus frutos, não apenas por avaliarmos os eventos de nossa profissão, mas em poder experimentar ares superiores, matando afetos.

— Quando li *Os sertões* de Euclides, me dei conta de quanto uma terra seca pode tornar rude e fantasioso o pensamento, semelhante ao homem primitivo.

— Vejamos nossas crianças como se tornam efusivas na primavera. As suas bocas se abrem, conversando muito mais e de menor atenção. No inverno, mais sisudas e emburradas.

— E o que dizer de nós mesmos, Loriane? Lembro das vezes que viramos crianças quando pisamos as gramas molhadas. Apreciamos andar descalços, tendo a terra com carinho.

— Desde criança eu convivi com os índios, e ninguém me tira da cabeça que eles foram educados pela mata abundante e agora andam desorientados ao perdê-la.

— Parece, então, verdade que as condições do clima, relevo, fertilidade sempre atraíram populações. Guerras foram feitas por espaços geográficos.

— O homem sempre mentiu pra si mesmo dizendo que civilizava pra melhoria da espécie humana, enquanto escondia o interesse financeiro. Acaso as últimas invasões não se deram pelo valor do subsolo?

— A geografia mais próxima se chama nosso corpo e as mulheres, quase todas, bem que cuidam dela. Se fazem tantas convenções na tentativa de cuidá-la melhor, contanto que seja a nossa geografia. A solidariedade, então, é uma tarefa muito complicada, mesmo que seja medida pela reciprocidade.

— Isso tudo vem me dizer que nosso poder é um reflexo do poder que a terra nos dá. Medimos nossa presença pelo que podemos garantir de bom pra nós e a quem amamos. As civilizações dependem das terras já percorridas e das possibilidades de comunicação aí praticadas.

— Nossa mãe! Como andamos impessoais em nossa conversa. Bem que o chão por onde passamos merece um pouco mais de ternura. Acaso não é ele que segura de pé nossos filhos e nos enche os olhos de prazer? O desvelo pelo solo pode nos oferecer Deus e sua misericórdia.

— Me beija, amor, vivamos nossa geografia!

— Agora me deixe dizer um pouco mais, Vencis. Meu pai me vem à lembrança. O quanto doeu o momento em que Artur pediu a parte que por herança lhe pertencia. Parecia arrancarem-lhe parte de suas carnes. Quanto tempo João ficou sem dialogar com meu pai pela mesma razão? O quanto me arrasou sua austeridade por ter que, finalmente, nos dar a herança. Parecia magoado. A razão de dividir é que o deixou tão mal. Aquilo era sua pátria primeira e, por vê-la aos pedaços, era como se sua própria pessoa, aí refletida, perdesse sua integridade.



— Procede, meu amor, procede. Teu pai ainda hoje falou que os tucanos não voam mais em suas terras. Preferem fazer seus ninhos nas terras de João que teve mais cuidado em preservar as árvores. Preferiu a beleza das árvores à fortuna da terra. Agora vamos dormir, que a noite vai alta. Amanhã pela manhã o sol vai nos acordar com mais força, como os cavalos de São Marcos, diria tua mãe. Me abrace, agora, que minha geografia anda carente, querida.

## **Conversas de Venceslau Strawinski**

Não me leve a mal, querida, porque vou falar um pouco mais de mim. Escrevo que é pra me sentir mais à vontade. Acho que estou ficando velho. Dizem que, quando a gente começa a voltar pra casa passando a lembrar o que se fez, amar o que não se amou, buscar o que não se buscou e perguntar o que não se perguntou, é certo, a gente fica velho como os elefantes ao final da vida. Eles voltam pra casa, estejam onde estiverem. Ando bem desse jeito. Me arrependo muito de não ter sabido mais, por exemplo, de minha avó judia, e, da outra, cabocla de coração grande como os sonhos da juventude. Ainda bem que havia uma professora que fazia a garotada se voltar pros velhos das casas. Que beleza saber de minha avó judia e de minha bisavó ao recorrer aos meus escritos e, assim, buscar inspiração. A velha bisavó morreu quieta nas mãos de um filho da puta porque não abriu a boca pra falar a direção que a filha havia tomado. Por duas vezes, assim, minha avó nasceu entre sofrimentos. Meu bisavô judeu trabalhava em gravuras. Ele sabia, como poucos, gravar rostos. Soube-se por um sobrevivente que fora convocado pra que reproduzisse os rostos dos oficiais no campo de concentração. Por ter consciência de não sobreviver, aplicava uma técnica em suas xilogravuras, deixando-as de tal forma pro tempo revelar a face horrível de seus algozes e não o rosto que representava a oficialidade. Minha avó traduzia o fato para o dia a dia de nossa educação. Se vocês não se apresentarem bem agora, mais tarde fica uma cópia muito feia. Fica mais feio que o rosto da gente que mandava na campá. Eu tentava corrigir minha avó, soletrando a pronúncia correta das palavras. Não têm jeito, menino. Véio leva sempre a criança. Ouvia, porém, enlouquecido, as histórias da Polônia, tão diferente da liberdade no Brasil. Ela pediu que os filhos todos fossem batizados pela igreja católica. Ninguém desconfia que têm sangue judia. Ríamos quando narrava os modos judeus de



ser. Não havia dúvida que o sofrimento daquela gente tinha em suas casas um amor redobrado em razão da solidão de seu povo.

Meu pai desde muito cedo revelou uma inclinação extraordinária para trabalhos em madeira. Ela se submetia humilde às suas intenções. Ele tinha um prazer mordaz em ver o formão aprofundando o talhe, expondo a intenção do escultor. O avô, pai de minha mãe, ponha caboclo bom naquilo! Eu apreciava ir com ele ao campo no meu matungo vagaroso e ele em seu quase árabe, marchador esbelto e lampeiro. Via-o, com entusiasmo, laçar os novilhos para o abate. Minha mãe dizia pra ele: pai, não leva o piá pro matadouro! Não quero que fique um homem grosseiro. Ele retrucava: quer um filho viado ou quer um homem? Quero um filho gentil. Depois, meu avô me levava pra ajudá-lo com o negro Quirino, fazendo de menos dos conselhos de minha mãe. A brutalidade da morte do animal mexia comigo. Repito, mais uma vez, o quanto me agradavam as histórias de minha avó. A violência dos campos de concentração me era contraditória. Detestava a violência e a vilania a que minha gente era submetida. Por outro lado, havia em mim um certo apelo para detalhes mórbidos. Meus dois irmãos menores tinham em mim um herói. Tinha domínio da bola e era muito estimado pelo bom futebol que mostrava em campo. Bem cedo larguei da bola e me enterrei nos estudos. E que coisa! Apreciava ter os dois piás sob meu controle. E não poucas vezes submeti os dois a humilhações. Ainda assim me reverenciavam. Apreciava fazer que lutassem com o Ludgero, guri do vizinho, bom de braço. Em casa desculpava-os afirmando pro pai que o Ludgero ofendera nossa família. Amava o poder que exercia sobre eles. É claro, volta e meia agradava-os levando comigo pra caçar. Ambos, porém, se arrepiavam diante das pombas ou saracuras mortas. Se começar a choramingar, não te levo mais junto, dizia pro Hermeto, o mais sensível. Curiosamente, nada metia medo em mim. Saía sozinho à noite pra caçar. As lebres incautas, quietas sob a luz de minha poderosa lanterna, eram as vítimas preferidas. Certa vez minha mãe me fez ver o

quanto elas eram delicadas e sua pele, suave. Ela, então, alisava suas orelhas longas, querendo imprimir em mim piedade ou compaixão. Noutra vez, ao levar pra casa um nhambu, apanhado em arapuca, vi lágrimas em seus olhos por ver matar a ave marrão de penas feitas de pura suavidade. No último ano do ensino médio, minha mãe foi categórica: tu vai fazer um curso superior. Tu não vai ficar aqui na roça pra ficar se criando que nem bicho! Decidi, sob pressão, fazer agronomia. Poderia, pelo menos como profissional, andar correndo pelo campo.

Me engracei pelo estudo muito mais que pensava. Os meus desejos selvagens foram se abrandando. Numa das férias acompanhei meu avô ao campo. O homem velho já não era mais tão destro e afoito. Louvei a Deus pra não ver a morte dos animais.

— Cara, disse ele, estou te estranhando!

— Deixa assim, vô, que tô bem! Não pense que estou de mão virada.

— Se tu inventar de não sê macho, vou te fazê comê bago cru de touro.

— To fora vô, saí de fininho.

— Sei não, piá! Home qui é home não fica de moleza. Te mato se não for home!

Quando concluí o curso regular, trabalhei com o velho avô por um tempo ainda, provocando uma importante melhora na linhagem do gado. Namorei uma garota, filha de um estancieiro, mas deu em nada. No primeiro encontro ela quase não abriu a boca. Fui descobrindo que seu modo de falar era xucro e tosco, e seu jeito grosseiro não me agradou. Meu avô se decepcionou comigo, pelo campo perdido, resmungou ele. Ficou meio arredio comigo, até o dia em que lhe falei:

— Pensei que o senhor tinha outro entendimento das mulheres.

— Desculpe, rapaz, respondeu, e tudo voltou como dantes.

Recebi um convite pra fazer o mestrado. Fui. Ele caiu de pau.

— Deixa de sê lacaio, não estudô que chega? Acho qui essa mardiçoada inducação acaba mais do que ajuda!

— Não pense desse jeito, vô! Cada tempo tem sua maneira de se fazer. O senhor vai ter orgulho de seu neto. E fique sabendo, veio, que quanto mais veio fica mais eu gosto do senhor. É um bicho do mato muito querido. Acho que vou fazer um curso de veterinário só pra cuidar do senhor.

Ele saiu de rebenque atrás de mim e quase que se rebentou ao tropeçar. Abracei-o, carinhosamente e fomos para casa.

Sou um tanto compulsivo. Resolvo fazer e faço, entretanto, minhas decisões nem sempre são duradouras. Acho até que a única decisão frontalmente contrária à minha impulsividade foi a de cuidar de minha família. Tenho, pra valer, minha mulher e dois filhos. Existe, por conta de minha casa, uma espécie de um círculo afetivo exacerbadamente protetor. Ai de quem pensar em ofendê-los ou ameaçá-los. Sei que minha compleição não é de nenhum lutador, conquanto não me venham mexer com o círculo familiar. Acho até que sou mais defensor que amante dos meus.



## **Conversas de Loriane Krämmmer**

Li, de curiosa, as memórias de meu marido. Resolvi, também, me expressar pra ver melhor meus acontecimentos. Tenho a impressão que, ao escrever, posso me conhecer melhor. Entretanto, não espero mais do que um rei ou um peão: ao final, serão postos na mesma caixinha. Minha pretensão se resume em amar a vida e suas circunstâncias de tal maneira que redunde em benefício de minha casa. Amo o que faço e amo o que sempre me pertenceu. Agora, na meia-idade, posso dizer que vivi. Estou vivendo de minhas aulas, enquanto meu marido assume as terras que recebi de herança, tendo, como dádiva, a minha mãe que se encaminhou para os exercícios de contemplação. Ela, sim, é que possui uma magnífica forma de amar. Parece que consegue planar sobre tudo, tirando o que há de melhor. É uma sábia que anda sobre as dificuldades.

Meus pais podem se orgulhar de mim. Sempre fiz de tudo pra respeitar os mandamentos de minha casa, cheia de bons costumes. O principal deles: que não me assoberbasse de mim, tendo um espírito leve e justo para com os outros, sobremaneira por minha mãe e pela reserva indígena com todos os indiozinhos e todas as indiazinhas. Tive de Deus as melhores notícias e de minha mãe a grande novidade: Ele se manifesta em tudo que me cerca e não posso avaliar se Ele se haverá ou se terá em outra dimensão que a minha. Minha mãe, nos últimos tempos, entrou numa quietude serena, comungando mais intimamente de seus pensamentos. Contempla a menor palha que voe ao vento. Nunca vi coisa igual. Afirma: não é coisa pra santo, mas pra qualquer ser humano que preze a sua felicidade. O que dizer de meu pai: depois que meus irmãos saíram de casa, recrudescer nele mais ainda a fome pelas terras, olhando as colheitas como se delas viesse a salvação do mundo. Não havia filhos, mulher e netos. Havia um apego forte a tudo que dissesse respeito à sobrevivência. Manifestava uma necessidade absoluta de economizar e guardar.



Hoje tenho a impressão que, em razão dos vínculos pelas coisas, queria mais de tudo esconder sua debilidade, quiçá, negar a própria morte. Só minha mãe para minimizar a avareza de seu Afonso.

Quero me debruçar, também, sobre a família com que estou envolvida de corpo e alma. Nas tardes de chuva ou nas manhãs de sol eu clamo a Deus pra que não deixe minha casa em dores que eu não possa suportar. Aprendi com Venceslau o temor quase diário. Acho que ele me contaminou pela angústia. Sinto medos estranhos de não poder ajudar no cotidiano dos meus. Ainda bem que aprecio as horas, vendo o que me pertence, como se fosse graça de Deus. Levando a vida desse jeito, acho que não vou perder a virtude necessária. Rezo, então, para que não seja devorada pelo esgotamento. Espero ser alimentada pelas raízes do bem. Não suportarei o domínio do rancor que emudece a alma deixando-a em sombras úmidas e cansadas. Me volto, então, aos meus dois filhos Roberto e Daniel e à minha amada polaquinha. Que nome pode ser dado a esse sentimento que prevalece sobre todos na extensão amorosa de mim, como se aí se depositasse a presença densa da divindade? Se a inteligência divina se dá pela energia sustentadora dos céus, creio, pois, que melhor será representada pela atração materna. Roberto, levado como um vento forte, como seu bisavô Quirino, só pensa em estar pelo campo. Os livros são um tormento para ele. Tão diferente de Daniel, que, se deixar, com dozes anos, devora os clássicos como se fossem livrinhos de revistas infantis. O que dizer de meu amor polaco, dominado pelo tumulto das emoções e por atividades que lhe tomam toda a atenção? Desconfio que, se não houvesse o refúgio do estudo e do trabalho, explodiria. Se escolherem as mulheres mais amadas da América, não me passa nenhuma dúvida que uma delas seria eu. Desconfio, entretanto, que mais do que amor, existe um assombro de medos de me perder em meu polaco. Por vezes um ciúme doentio fica-lhe roendo a alma, como se um escorpião envenenasse seu ser de cima até embaixo.



Passados mais de quinze anos, desde que encontrou pela primeira vez o índio Nicolau, que ele, de tempos em tempos, me aflige sobre um amor que nunca me disse demais. O meu polaco não entende que meu apego se apagou como a sombra de uma árvore. Me apiedo dele quando dorme, vendo-o ranger os dentes e, muitas vezes, acordar possuído em tremores. Pergunto-lhe:

— Que sonho tão horrível você teve?

— Que bom que tudo passou, fala. Me jogavam vivo em um forno. Confundo tudo. Sou um bruxo que Joãozinho empurra pra dentro da fornalha ardente. Não mereço tanta dor. Minha avó, entre chamas, me consola. Será que não consigo me livrar do horror do campo de minha avó? Não será porque deixei na adolescência minha própria violência e agora quer me tomar novamente? Não foram meus estudos e todos os cuidados pra me deixar um homem razoável que reprimiram minhas forças? Perdi o poder do avô Quirino? Sei lá que tumultos me rebentam.

— Deita de novo, querido, digo encostando sua cabeça contra meu peito.

Torna, então, a dormir.

Um episódio me deixou mais preocupada em relação a ele. Meus dois garotos foram criados brincando com índios. Ele resistia, e não foram poucas as vezes que não dormimos em paz por causa de seu preconceito. Eu o questionava.

— Escuta, homem, se você sempre abominou o que fizeram com tua avó e teu bisavô polonês em Cracóvia, por que agora fica aí tomado do mesmo preconceito? A tua simetria humana não está bem posta.

— Nada a ver, dizia categórico. A minha gente era muito bem ilustrada. Trabalhavam como loucos por si e pela Polônia. Nenhuma pátria poderia chamá-los de vagabundos. Não dependiam de governo algum pra viverem suas vidas. Tinham seus



costumes bem definidos e eram fiéis a tudo que um ser humano necessita pra viver com dignidade. Não vejo nada disso nessa indiada.

— Meu bem, se você entende que a vida se esgota no trabalho e em costumes formatados na austeridade, tudo bem. Acho que disso nossos meninos estão aprendendo em casa. Se eles brincam com essa indiada, como você diz, o que tem de mal se aprenderem a ter a alegria mais ingênua e o prazer de ter seu tempo usado além de nossos costumes? Acaso, não são eles mais alegres que nossos meninos? Quer que fiquem de rosto fechado como se a vida fosse um tempo pra morrer, trabalhando como meu pai? Gosto de ver os filhos do Nicolau...

Foi dizer esse nome que meu amor começou a gritar um trem de impropérios. Enrubescou como se estivesse asfixiado. Por fim, desmaiou. Santo Deus, que coisa mais louca. Será infarto, apoplexia? Não, pela graça do Senhor do Bom Início, o meu polaco começou a voltar ao mundo dos vivos, mas acabado. Depois, como se estivesse sufocando um desejo, pediu desculpas e se pôs a chorar, entrando numa docilidade impressionante. Propôs até que convidasse Nicolau e suas indiazinhas e seus indiozinhos. Falou: você tem razão, querida, não tem o que temer de uma gente tão pobre. Eles só trazem paz, e não aflição. Que tenho eu de entendê-los como perigosos pra nossa família?

Vá entender a alma humana!

Dia seguinte voltou a ser o meu polaco de sempre. Ardoroso em tudo e, mais ainda, compulsivo no trabalho. Foi convidado a dar aulas num curso de especialização sobre tecnologias em agronegócios. Erguera uma pequena indústria de laticínios: protótipo de organização e rendimento. Falava com orgulho de seu empreendimento e, pra mostrar o quanto havia de bom nele, convidou dois índios pra trabalhar em sua empresa. Aos poucos fui perdendo meu receio de estar possuído de uma perigosa neurose. Seu poder se resumia em sua casa, seu



negócio: a criação de suas vacas holandesas e sua pequena indústria. Já podia brincar com ele provocando a que criasse as vaquinhas Gersey, por serem mais simpáticas e amorosas. Falei-lhe de uma que fora minha amiga na infância. Conversava com ela em longos papos e acho que foi aí que desenvolvi minha exagerada reflexão. Acredito que a literatura foi-me dada como preciosidade pela singeleza de minha vaca Poema. Sei nada sobre a razão de minha mãe ter posto tal nome ao animal, o que correspondia, de fato, à natureza de sua alma.

De todo jeito que me viro em minhas aulas e no cuidado de minha casa, me volto, principalmente, na atenção dos meus dois gênios da alegria, Roberto e Daniel, e da pequena, a coisa mais fofa que eu fiz. Sinto muito que um dia vão perder toda essa alma de ventos leves, essa leveza afetiva aprendida com os indiozinhos porque a alma humana se faz de palavras e exercícios conjuntos, contudo, facilmente, se perde o bem que se arrumou: o diabo, ainda que coxo, nos espia muy atento. Menos dia mais dias vão morar em outras paragens. Estimulo que aprendam a falar bem, porque as palavras não traduzem somente as coisas, mas também a maneira de amá-las. Com tudo isso, não deixo de estar de olho na alma polaca de meu Venceslau. Os diabos têm mania de se esconderem, disso não tenho nenhuma dúvida. Quando menos se espera, lá estão eles, rindo de nossa cara. Me prendo, então, a quase meditar sobre os eventos infantis e seus reflexos nos medos e na violência, volta e meia recorrentes. Ninguém me convence que depois de seu desmaio tudo se houvesse superado. Conviveu com meninos de costumes interessantes, perigosos. Falava de um deles, o Manuelzinho do Fogo: olha, amor, esse piá dizia que, pondo fogo nas macegas ou numa tapera, os diabos assam o seu churrasco. Eu acreditava. Tínhamos prazer de ver as faíscas vermelhas, azuis e pontudas lambendo o ar. O fogo fazia os preás, lagartos, pássaros e muitos insetos buscarem refúgio como podiam. Aproveitávamos pra pôr os cachorros a pegar os animais. Fazíamos, depois, a maior festa numa churrasqueira improvisada.



Ríamos com as histórias do Manuelzinho. Caramba! Isso que era vida. Por sobremesa, as aventuras heroicas do piá. Falou numa das churrascadas como dominava os diabos prendendo fogo. Nós é que ficávamos no maior respeito. O poder dele se estendia até o inferno. Como é que não iríamos ficar com ele. Botamos fogo em duas casas abandonadas. Na última, ficaram sabendo de nossa ousadia. Meu pai me pôs de castigo, e o maior foi pedir perdão pro dono, que denunciou a nossa aventura. Na primeira, entramos na frente e ver aquele abandono – roupas rotas pela chão, fotos esparramadas, gavetas quebradas, um desalinho completo –, diminuía assim nosso mal-estar. Uma casa em chamas mete sentimentos muito ambíguos: culpa, angústia, exultação, temor, poder. Uma impressão terrível de um ato que não poderia ter sido feito. Só o Manuelzinho permanecia centrado, como se as chamas, o ranger, os estalos e as quedas soturnas das madeiras não o impressionassem.

— Cruzes, Vencis, por onde você andou?

— Pois é, se é como você diz, nossa alma se forma pelas ações e palavras, acho que andei muito torto com meus amigos de infância.

— Até quando foi isso?

— Até pouco antes de ter ido pra universidade cursar agronomia. Tem mais um porém interessante do qual preciso falar. Depois de uma noite de farra, nada sei de como minha mãe soube, ela veio e me falou num tom estranho e duro: sei que você aprontou novamente, ou amanhã você vai fazer vestibular e baixe essa tua cabeça ou senão não conte mais comigo pra ser tua mãe. Não sei o que me aconteceu, só sei que me gelou por dentro. É como se me tirassem minha vitalidade. Baixei a crista. Passei no vestibular, e veja que depois daquela ameaça nunca mais tive qualquer tentativa de retornar aos amigos dos incêndios e das farras. Apesar de todas as provocações, eles não me convenciam.

Quantas noites sonhei, não sei, só sei que minha mãe vinha e me afastava dela. Um terror não pequeno me assombrava.

— Isso é coisa pra psicólogo interpretar, meu amor. Temo o que teme todo agricultor: um tornado louco pronto pra fazer a devastação. Deus queira e te ajude a segurar os medos segurados por tua mãe.

— Me faz bem falar do diabo que, por vezes, me quer derrubar.

— Meu querido bem, não vou deixar que te machuquem. Posso dizer como diz um bolero: *las mejores horas de mi amor fueran contigo!* Não deixarei que se turbe o nosso coração.

O que falo já é o suficiente pra me referir um pouco sobre alguns acontecimentos.



## **A dura tarefa da senhora Maria**

— Mãe, vê se dá um jeito no teu marido, que tá insuportável. Nunca vi um velho só pensar na lavoura, nas sementes e nos insumos. Agora com essa ideia fixa na leitaria, então, não dá pra aguentar.

— Pelo amor de teu pai, não diga leitaria. É agronegócio, menina. Se ele te pega falando desse jeito, no mínimo vai tropejar.

— Ele está pra além dos setenta. Diz pra ele começar a cuidar da alma que Deus não mede ninguém pelas lavouras.

— Tô ensaiando estratégias, filha. Comprei duas passagens para um cruzeiro. Dois amigos nossos e suas mulheres aceitaram a proposta. Vou levar o homem na marra.

— Não me diga que vai carregar o homem pro mar sem exame nenhum.

— Deixa pra mim. Vou usar meus antigos recursos. Faço prometer levando ele na manha. Mulher tem poderes...

— Sei, mãe, mas cuidado que os veio de hoje, upaita, estão por aí querendo coisa fora de casa.

— Tô ficando veia, mas não me desleixo. Lembra dos cavalos de São Marcos? Pois bem, a mulher não pode se abster de alguns deles.

Mal se fizeram tais palavras quando entrou na conversa o seu Afonso.

— O que têm as duas de andar de prosa tão animada?

— Coisa pouca, meu pai. Que me mando. Estou preparando a prova pra entrar no mestrado. Um beijo, meu velho!

Breve silêncio, levando Maria a quebrá-lo, invocando o Espírito Santo que lhe abrisse a boca, o coração e a mente de

maneira a que os ouvidos de Afonso se abrissem também. Seus argumentos dobraram o homem no estado emergente da união, mas as certezas da velhice muitas vezes são categóricas.

— Escuta bem, começou ela. Os teus filhos e eu precisamos muito de você. O pessoal anda carente de ti. O que você acha de no domingo a gente se reunir?

— Pode ser.

— Comprei umas roupas pra gente comemorar os cinquenta de nosso casamento. Vai haver uma missa especial.

— Meu Deus, tenho que experimentar tudo isso?

— Sem tirar nem pôr, e mais essas calças.

— Tudo isso pra missa dos cinquenta?!

— Tudo, meu amor. Pro velho mais amável é pouco!

— De fato o casamento só dá trabalho, o que poderia ser evitado sem ele.

— Tá arrependido?

— Só pensando alto...

— Pode pensar mais... Marquei o médico pra ti.

— De fato, vou pensar mais... É demais! Tô forte que só um potrilho.

— Tô vendo o quanto...O quanto tá bem tua bexiga... o quanto teu movimento anda devagar... O quanto te cansa falar um pouco mais... O quanto te dói a coluna só de dirigir até a cidade... Tá certo que tenho um homem que parece um tatu de tanto fuçar no campo. Agora esse teu agronegócio... Te amo demais pra ver quieta teu sofrimento.

— Tá vendo demais, mulher!

— Você sabe que não.



Rolou uma ternura fervorosa provocada por Maria, que achou graça de vê-lo submisso à sua vontade. Percebeu, porém, o quanto seu amado andava fragilizado.

— Sinto meu peito fraquejar. Quem me dera ter a força de outros tempos.

— Negativo! Quero você com o tempo que é teu! Pudera, toda força se vai campo afora, sobrando tão pouco pra nós dois. Só imagino se a gente pôr um novo regime o quanto tudo vai melhorar. Talvez falte algum vigor artificial dado por medicamento, que teu coração acho que está requerendo. Que te parece?

— Vamos ver... vamos ver!

Acabaram por ir ao médico, mas para tanto, haja psicologia social. Maria avaliou que, para convencê-lo a se tratar, não poderia retirar o sentido da afonsina liberdade. Quem sabe isso quem sabe aquilo? Acha melhor assim ou assado? Bem, você é que decide, mas acho que não vai se arrepender. Buenas, além de aceitar de corresponder às exigências médicas, aceitou de ampliar a presença nas casas de sua família. Teve um pouco de resistência em frequentar a casa de João. Suspendia-se no ar um mal-estar como um fantasma que se acostumara a perturbar a intimidade dos dois. A liberdade restringia-se e ambos não sabiam a razão da resistência. Seria pela partilha, ou por uma antiga inibição entre os dois? Desde a infância a comunicação não fluía como água de um rio. Maria, porém, estava noutra. A submissão de Afonso em ir ao médico, fez Maria suspeitar ainda mais do estado de sua saúde.

A medicina pode saber até quando se vai morrer, interromper, porém, a trajetória de um mal degenerativo é outra conversa. O médico foi contundente na conversa com Maria.

— O coração, dona Maria, é só com transplante, aquele que ele tem não tem jeito, bate de boa vontade que o prazo de validade se foi, não dá mais pra nada.

— Cruzes, meu Deus, então, meu amor anda por um fio!

— Temos que lidar com cuidado. Do jeito que anda, sem cuidado e com fumo, podemos, com muita esperança, levá-lo mais uns dois anos. Se conseguirmos um coração de algum doador, também não há garantias. A vida dele vai estar cheia de sustos. O que lhe parece?

— Mas deixar o homem parar de fumar?

— Falo com ele, dona Maria. Se ele entender de não querer parar, não crie obstáculos. Vai só fazer o casamento virar uma tragédia.

As palavras entre os três depois foram de um estoicismo frio.

— Bom, doutor, me deixe pensar. Parar de fumar não vou. O que posso fazer é tomar os remédios pra aguentar até onde dá. Transplante? Nem pensar.

— Tenho um remedinho de enjoar fumo.

— Não incomode meu companheiro de toda a vida, doutor.



## **A morte de Nicolau**

Maria se dispôs a falar:

Concordo com a ideia de Umberto Eco: o ser humano é muito difícil pra querer ser livre. Mil e duzentas leis com todos os controles sociais é pouco pra segurá-lo no caminho do bem. Parece que nasceu pra andar torto. Andamos com dificuldades. Se percorrermos a história da infâmia humana, ela se inclina para a maldade. Pra fazer um bem, muitas vezes apenas imaginário, o ser humano é capaz de praticar loucuras. Só pra lembrar o socialismo russo e a morte da indiana ao se buscar torná-los cristãos. E o que dizer da revolução francesa? A guilhotina atravessou o pescoço dos pensadores, e, pra salvar o povo francês, Napoleão foi matar em outras nações. Do contrário, daquele povo, só sobraria cabeça sobre cabeça. É por isso que me escondo em Deus. Minha fé é branda pra me consolar um pouco. Comungo com a vitalidade dos viventes pra não cometer qualquer equívoco: pé ante pé pra não acordar meus demônios. E tem mais: os males que habitam os outros: nenhum deles existe que não poderia ser meu.

Continuo a comungar da história e vejo cada dia mais a associação entre a violência e o poder. As lutas por maior liberdade, seja na emancipação política, racial, de gênero, econômica, pouco importa, perfazem um caminho cheio de lutadores, onde a maioria não consegue esgotar seus sonhos. Repito: veja no que deu a revolução francesa, teve sonhos enquanto a praça se enchia de mortos.

Podem me julgar de uma avaliação imprecisa, todavia vejo a dificuldade do amor descansar por muito tempo. Vendo-me assim rodeada de leões que rugem, acredito até que inventaram um Deus a exigir a morte do filho pra justificar a crueldade. A história e suas implicações em torno do poder foi a causadora da morte de Cristo. Por certo, bem mais teria a humanidade se Cristo tivesse morrido de velho, apurando-se ainda mais sua doutrina. O conflito sempre



exacerbado entre a bondade e a maldade acabou por consumir aquele homem tão divino. Entre sangue e poeira suspirou pelo bem. A fé dura e implacável da ortodoxia ajustada ao poder cruel de Roma não perdoou a simplicidade de um Galileu sem maiores pretensões que elevar o espírito. Se Sócrates morreu pela ciência, o menino de Belém morreu pela ternura.

Eu, Maria, a velha que cuida de meu bem, sabendo que em breve vou viver da solidão, não tenho nada mais a defender senão a grandeza humana enquanto se estende pela solidariedade, única chance de se ter uma saída diante da devoradora violência, sócia implacável do poder. Falo ao meu espírito que se estende pela compaixão, tecendo raízes doces e amargas. Ponho minha cabeça no Senhor e vejo-o na rútila cor de um pingo sobre a grama ao amanhecer. A suavidade de uma teia, a segurar o sereno, mal sabe da noite que passou.

Quem sabe sou eu uma mulher incapaz de compreender a condição humana, mas não posso me calar diante da morte do índio Nicolau. O entardecer anunciava-se delgado, parecendo trazer fragilidades. Um ronco de carro pode trazer mil novidades. Chegava o azulão de Loriane numa nuvem de pó. Ao olhar para ela, vi a dor em seu rosto. Um mistério carregava-a, bem como dizia minha mãe: a desgraça só mostra a cara que tem depois que acontece! Se mostrasse antes acho que muitos delas seriam evitadas.

— Mãezinha, mataram o Nicolau! Vimos ainda ele no chão de cabeça em migalhas. Um horror!

— Não pode ser, filha! Ainda conversei com ele pela manhã.

— Foi no escurecer e ninguém sabe quem. A reserva está em alvoroço.

— Espero que não venham pra cima da gente!



— Acho que não, alguns entendem que até possa ser coisa deles.

— Como assim?

— Problemas nos arrendamentos.

Enquanto falávamos, Venceslau já saía. Os netos e a pequena Agnieska, filhos do casal ficaram. Ele estava com um ar abissal, misterioso e triste. Um vale de dor nos assolava.

— Vencis, pra onde vai com essa pressa?, falou Maria.

— Vou ver de perto o que aconteceu, respondeu, tenso.

Até as crianças perceberam o momento da soturna emoção.

— Mãe, o jeito de Venceslau me assusta, falou Loriane

— Por que, menina?

— Ao me narrar os medos e assombros da infância, passei a me sentir cheia de temores. De fato, o inferno consegue se ocultar por muito tempo, mas, quando se arma, ele se precipita. Pequenos fatos podem mover a história humana para abismos, muito mais, pequenos gestos podem despertar o insofismável num ser humano movido por razões antigas. Famílias se matam por brigas sem causa. Palavras incendiam raivas. Até o inocente pode destruir uma vida, fazendo o coração trair o juízo.

Pondo o meu medo de lado, avaliei. Como seria possível o longilíneo genro rachar a cabeça do pobre índio? Ele, tão cheio de cálculos e planejamento, não iria permitir que seus diabos o levassem a um ato sem medir as consequências.

## O encontro

Daquelas crianças de quarenta anos atrás, tão amáveis: Artur, o caubói, João, o quieto, Loriane, a bronquinha, mais cinco índios, duas meninas e três meninos, participantes dóceis, agora, só os três primeiros, que o tempo foi dividindo interesses e as condições, afastando os índios. *Qual corre o ribeiro, desliza também o tempo, que corre e nunca mais vem...* Memórias marianas de sua escola. Agora, dona Maria, vendo que o fim rondava seu marido, quis reunir os seus como se fosse um abraço coletivo ao seu companheiro. Da última vez que haviam se reunido, e lá se iam vinte e três anos, não se fez um clima propício para a ternura familiar. A irmandade sabia a razão do convite, e, desta vez, o vigor não faria o velho pai retornar como já o fizera. Cada um deles procurou antecipadamente trazer alguma ideia pra ninguém se reportar à situação delicada do seu Afonso, entretanto, não havia como minimizar aquele ar incômodo anunciando a soturnidade de nuvens negras.

Riam de gestos e das palavras, mesmo as de menor graça. Todos entraram na baila, inclusive o homenageado. Maria lembrou o dia em que Loriane voltou atrasada da vizinhança, sabendo que o pai não pouparia umas boas chinelas. Ao ver o pai ameaçador na porta, ergueu a voz: experimenta, papai, só experimenta me surrar pra ver o que vai te acontecer! De outra vez foi João, por não ter ajudado a irmã a fazer os temas. Enquanto fugia do pai, correndo ao redor da mesa, choramingava: por favor, papai, não bate no teu filhinho, eu te amo. Todos, então, riam de antigas lembranças. Também lembraram a primeira e a última vez em que João saiu pra caçar. Voltou chorando com uma lebre morta. O piá alisava as orelhas estendidas ao longo do corpo, pedindo desculpas pelo mal feito. Enterrou o animalzinho com honras de um cristão.

— Como vou esquecer o Artur, narrava Maria. Veio chorando da escola dizendo que não era filho do pai que tinha. O



Pedrinho, do Félix Abrantes, falou: só tu não sabe que tua mãe teve um caso com o índio Manuel, feio de doer. Foi desse caso que tu nasceu. O Afonso é teu pai de mentira. O Artur reagiu dizendo que não era verdade. Que a cara dele era a cara do seu pai, Afonso Krämmer, e não do índio filho da puta de quem ele estava falando. Olhe pro teu cabelo, piá, retrucou Pedrinho: arrepiado e preto igualzinho ao do índio Manuel. Todos se riram de ti, Artur. Veio correndo pra casa, chorando desesperado. Eu tive que falar com o Pedrinho e o pai dele. Ficou tudo acertado? Nada de acerto. Dias depois veio um aviso da escola pedindo para os pais comparecerem. Pedrinho foi levado à Unidade de Saúde. Ele sofreu duros golpes, começando com as seguintes palavras de Artur: sou Artur, índio mau de pensamento. Nem bem havia terminado a frase, quando Pedrinho levou o primeiro golpe. Os outros se sucederam de maneira ainda mais violenta. Dez pontos remediaram o supercílio. Uma dúzia de hematomas mostrava a agressão, o que valeu um castigo de várias semanas sem futebol e a escrita de uma cartinha de desculpas ao colega de aula.

Maria trouxe outras lembranças do pai nas quais se mostravam os ardores de Afonso para que todos estivessem bem. A perda de vacas e de plantações nunca desanimou o seu Afonso. A austeridade do clima e os preços defasados não arrefeciam os sonhos. Enquanto os outros desanimavam, vosso pai aí, na inclemência dos dias e das noites sem dormir, comprava pedaços de terras de amigos que buscavam a vida urbana. Outra virtude de vosso pai diz respeito à honestidade. Todo recurso adquirido veio de seu esforço. Nunca me senti traída e nunca deixei de cuidar de nosso amor. Dizem hoje que o amor é instável como a sombra das árvores. Nós sempre contamos um com o outro e ninguém se decepcionou. Aprendi a ter os pés no chão e, ele, a coordenar o tempo entre o lazer e o trabalho. Deus nunca nos faltou.

— Sabemos disso tudo, mamãe, interrompeu Loriane. Agora seus netos que estão lá fora querem falar.

— Vieram os sete, chegando na frente o mais velho, Luciano, de Artur, até a pequena Agnieska, de Loriane. Uma representação inesperada foi preparada por Luciano junto aos outros netos, advogado de primeiro ano e de tantas leituras. Certo nas afirmações e suave nos modos, estimado pelos colegas: fruto bom. Bom de princípios, apto nas reclamatórias, seguro em argumentos, firme na defesa e suave nas conciliatórias. Bastou entrar com a pequena procissão para provocar satisfação intensa. Os filhos de João: Augusta, de intensidade afetiva, estudante de biologia e Álvaro, generoso e inteligente, prometia muito ao iniciar seus estudos em medicina. Conforme Maria: cada um perfaz um universo mais complicado que as constelações reunidas. Buenas, os sete começaram a sua arte.

Entre as proposições jurídicas e biológicas e as exclamações infantis, percebia-se o valor de um velho e de uma velha. Sabiam todos: a reunião era pro velho. Não sabiam quando ainda se reuniriam todos juntos novamente. A pequena disse: apenas faz pouco tempo que eu conheci o senhor. Já aprendi muito. O mais velho também falou: faz mais tempo que conheci o senhor. Aprendi muito mais. Todos repetiram juntos: nós aprendemos muito, sim, senhor.

Pela tarde muitas e variadas conversas foram tecidas. Só não falaram da morte do Nicolau em respeito ao velho Afonso. Poderiam falar que o velho estoico sabia que iria morrer e pouco se lhe dava. Retirou-se, acomodando-se debaixo de uma figueira. Fumou seu cigarro e cochilou. Depois retomou um lugar no meio de todos. Se expressou com serenidade: vossa mãe foi generosa ao dizer de minha honestidade. Devo confessar que não fui bom com um de nossos vizinhos. Lembra do Miguel Abrantes?, Maria. Pois não te contei, mas devo confessar. Me arrepio só de pensar o mal que eu lhe fiz. Em uma primavera, ele veio me pedir uns sacos de um fungicida pra soja dele. Disse que não tinha, e tinha. Depois foi aquele desastre. Perdeu quase tudo pras lagartas. Ficou endividado até os olhos. Aproveitei e comprei um bom pedaço de



terra, às custas do homem que ficou muito pobre. Os filhos dele, hoje, passam dificuldade, então, digo pra vocês que se todos estão bem, eles estão mal. Os netos dele, três, dois guris e uma menina, precisam de auxílio pros estudos.

Maria, então, levantou a voz dizendo que ajudaria, e os outros aquiesceram, prometendo acompanhar a vida dos netos. João argumentou que ele próprio poderia ajudá-los. Ele, com voz tênue: eu já ajudo. Estou falando do futuro, meu filho. O futuro pertence a Deus, falou Loriane. Com modo maroto, o velho respondeu: o dele eu sei que é grande. O meu, sei que é pequeno. Riram conformados. Também quero pedir desculpas, continuou o velho Afonso, por não querer que vocês partissem. Estou muito contente por terem partido pra fazer a vida. Nunca fui tão feliz. Não é pra qualquer um saber que todos têm mãos limpas e um coração bom. Sei de velhas maguas dentro de nossa casa. Quero dizer que nem sempre a gente sabe de tudo, e isso não foi bom. Pai, falou João, todos estão bem e ninguém está mais amarrado em qualquer mal que aconteceu.

Entre bebidas e conversas a noite foi se estendendo. Após a janta seu Afonso se recolheu. Boa noite, disse apenas. Boa noite, responderam. Maria foi a única que entendeu a noite a que ele se referia.

Depois todos se envolveram com a morte de Nicolau. Brincaram apesar de tudo. Maria poderia ter razões pra matar o índio eximindo os filhos e o genro de qualquer culpa. Loriane, pra defender Venceslau. João, pra defender vários agricultores cujas terras estavam sendo ameaçadas de invasão. Nicolau liderava uma facção indígena descontente. Em boca pequena se dizia que Artur andava metido num dos rolos de Nicolau. Todos se calaram quando chegou a vez de Venceslau. Sei o que estão pensando. Todos sabem o quanto odiava aquele bugre. Minha maldade existe e eu sei do tamanho dela, mas sou um que tem as mãos limpas, como falou seu Afonso.



## **Quem matou Nicolau**

A cidadezinha toda, bem mais que a reserva, ficou entre medos e sustos. Os índios ficaram em alerta e, de outro lado, os brancos, tomados de pavor, em razão de uma possível vingança; entremeios reuniram-se o padre e o pastor evangélico a ver se conseguiam diminuir as apreensões. Dividiram-se os dois e foram visitar, de casa em casa, todos os índios solicitando calma nessa hora de angústia, pois o criminoso não havia deixado nenhuma pista, que ninguém buscasse apelar para as próprias mãos em busca de uma justiça, uma vez que ninguém fazia ideia de quem cometera aquela barbaridade: nem tanto pela morte como pela forma de abatê-lo. O pobre homem, não fossem as vestes, ninguém o reconheceria. A cabeça virada em massa. Para surpresa dos brancos, o velório e o enterro transcorreram como se nada tivesse acontecido, a não ser para dona Maria. Muitos eram os comentários, alguns velados e outros mais abertos, em torno do autor e das razões que teriam levado ao crime. De alguma forma, muitos poderiam ser os suspeitos.

Loriane, de maneira disfarçada, chegou-se em Venceslau, perguntando sobre o dia em que executaram a vítima.

— Sei, disse ela, que você jamais faria aquilo. Sei de teu ciúme e muitos sabiam de teus sentimentos em relação a ele. Você é um polaco muito franco e confessou, aos amigos do delegado e ao filho dele, teus sentimentos sobre teu imaginário contendor. Receio que venham dizer por aí que você passou pela mesma estrada em que ele foi assassinado.

— Pode parar, querida. Não nego que senti certo prazer pela notícia, mas acho que não teria coragem de acabar com ele do jeito que acabou. Se tivesse matado, teria feito de maneira menos cruel. Uma cordinha ou um tiro dariam no mesmo resultado.



— Só de te ouvir falar me dá arrepios. A tua linguagem revela um espírito selvagem.

— Sua boba, não vê que estou brincando?

— Os teus amigos, aí da cidade, o que dizem?

— Não somente meus amigos. Lembra daqueles que estiveram com a gente na tocaia? Pois confessam de pés juntos que não tiveram nada a ver com o toco da estrada. Nem sei se estaríamos vivos se as intenções de Nicolau se concretizassem. É o pensamento de todos.

— Como pode afirmar uma coisa dessas? De onde você tirou que foi Nicolau que pôs aquele tronco na estrada?

— Nada demais em pensar de seu ranço comigo e muito menos eu o teria a ponto de abatê-lo daquele jeito. Outros motivos podem haver e outros podem ser os matadores. Patrício e Quirino me falaram, antes da morte do bugre, que tiveram um grave desentendimento. Nicolau os chamou de branquelas sem culhões e outras ofensas mais graves. Não bateram nele naquela feita porque o teu protegido estava um bagaço de bêbado.

— Não me fale assim. Nunca foi meu protegido. Vamos parar por aí antes que a conversa acabe mal.

— Falou, tá falado!

— Mas me diga, Vencis, quem é que teria coragem de fazer aquilo?

— Sei lá. O padre e o pastor falaram que ele era um bom cristão, só não sei se era do mesmo índio que estavam falando, espicçou Venceslau.

— Se Nicolau foi ou não foi um bom cristão não sei. Nem sei se foi um cristão que acabou com ele.

— Já que estamos com a mão nessa barbaridade, podemos avançar nessa ideia de quem matou aquele cor de cuia.

— Pelo amor da vida, Venceslau. Não estou te reconhecendo. Esse teu ódio está começando a ser imperdoável.

— Agora é você que está com raiva. Isso me lembra a história que uma vez você me contou de dois irmãos russos.

— Tá falando dos irmãos Karamazov?

— Parece que é. Não foi o irmão mau, o Ivan...

— Sim, querido, o Ivan provou ao irmão bom, o Ilia, que também ele tinha desejos de matar um homem, um rico proprietário de terra, que, por pequena frustração, açulou cães de caça contra um garotinho, filho de um servo. Este acabou esfaqueado pelas bocarras dos animais. Ilia teve, também, desejos de matar o rico proprietário para alegria de Ivan.

— É isso mesmo. Você também está com palavras duras contra mim. Quase me mata também.

— Mas o meu diabo é manso.

— E tem diabo manso, Loriane?

— Voltemos ao assunto, então. Fiquemos com nossos diabos mansos ou amansados. Pois é, quem poderia matar, então, o pobre índio?

— Nem tão pobre. Sabe que até desconfio que foram os próprios índios que o mataram?

— Como assim?

— Simples. Ele, como filho do cacique, arrendava terras da reserva e embolsava os valores para sustentar seu harém. Era temido e odiado. Vários deles ressentiam-se, também, pelo desprezo com que eram tratados.

— Sabe tudo a respeito dos costumes da reserva.



— Sei, sim, tenho até vários deles como meus amigos e não foi uma nem duas vezes que ouvi queixas da conduta de Nicolau.

— E você vibrava por isso.

— Novamente está me provocando. Vibrava, sim, e até estimulava o desagrado deles em relação ao teu protegido.

— Pode segurar a ironia. Não suporto pagar o que não devo.

— Tá bem, desculpe! Não só estimulei o descontentamento dos índios como aos arrendatários das terras da reserva.

— Por que os arrendatários? Que razões esses exploradores teriam para matá-lo.

— Que eu saiba, na última plantação, ele arrendou a mesma terra para dois dos lindeiros dele. E, numa das cachaçadas, Nicolau, bêbado, se rebentava de rir de ambos. É natural que essa conduta tenha se tornado odiosa para seus inquilinos. O que me diz?

— Será que é tudo isso como dizem?

— Tá duvidando de minha palavra?

— Da tua não, mas desse falatório todo. Acho que os brancos concentraram nele todo preconceito que têm pelos índios da reserva. Não sou defensora, entretanto, acho que os brancos não são melhores. Vai me dizer que os Abrantes e os Álvares não provocam ressentimentos em seus empregados. Que você quer, mais odiado que o velho Aquiles, entretanto, ninguém põe a mão nele.

— Não comungo do crime feito, mas não me ponho a defender o Nicolau. E tem mais, se quiser saber, minha doce senhora. Não terá sido a mulher dele a ter feito o serviço?

— Como assim? Vai me dizer que ela teria força pra fazer aquele estrago todo?

— Só imaginar o ressentimento de uma mulher pra não ter muita dúvida, não é isso, dona Loriane? Sei dos próprios índios o quanto ela se mostrava triste em relação a ele. Não poucas vezes, ela viu duas das amantes rirem dela ao esnobarem seus vestidos novos.

— Cruzes, você sabe de tudo. Pode ser verdade o que falam do Nicolau, mas não se justifica que tenham descontado tudo na cabeça do homem.

— Concordo com você, minha terna mulher.

— Espero que a justiça seja feita. A ninguém é dado o direito de tomar a vida de um índio com todos os defeitos que tenha.

— D-u-v-i-d-o que achem quem matou o Nicolau.

— Vem me dizer, Venceslau, que não vão atrás do matador?

— E se forem não vão achar.

— Por que tanta certeza?

— Encontrei o delegado rachando lenha. Brinquei com ele. Põe força nisso, doutor. Desconto na madeira a raiva que tenho desse crime, respondeu. Mas doutor, retruquei, o que o incomoda tanto nesse crime, se são tantos os cometidos na redondeza? É que esse pode respingar perto de minha casa. Deixa pra lá, continuou, ninguém está muito interessado em esclarecer. Existem outros, e muitos, a serem esclarecidos. Ele teve a coragem de me dizer que até eu poderia estar envolvido. Escuta, doutor, larga de ser impertinente. Jamais faria isso, respondi irritado. Não sei, retrucou, mas que você andou insuflando algumas pessoas, andou.



— Bem que te falei, Venceslau, sobre o perigo que ronda nossa casa.

— Descanse, vamos cuidar de nossos filhos.

— Não é assim. Cuidamos dos nossos quando os filhos dos outros também estão bem. Se você andar falando o que fala do Nicolau, pode um dos nossos levar uma flechada também. Agora vamos descansar que sempre se tem pesos a carregar.

— É o melhor que temos a fazer, e eu com um peso a menos.

— Eu me calo pra não ter que dormir de boca amarga.

— Me dê um beijo, querida.

— Hoje, não!

### **Resumo de um velório**

Nem ao menos o vigário sabia o que dizer. Garantiu, porém, que só Deus sabe da recompensa a ser dada ao índio Nicolau. Por fim, pra não perder o costume, padre Amadeu solicitou se alguém poderia dar um consolo à família. Todos se olharam desanimados. Quando o padre já puxava da água benta pra abençoar o corpo do índio, Maria pediu a palavra. Artur e Loriane ficaram constrangidos, cada qual pensando: o que a mãe tem a dizer? E ela disse:

Estamos tristes, e mais tristes do jeito selvagem de matarem Nicolau. Isso não se faz. Conheci ele de criança, e conheço os filhos dele. Não faz bem pra ninguém saber de uma morte assim. Isso mostra o quanto podemos ser maus. Sabemos que ele nunca fez mal a ninguém. E se teve seus pecados, que levante a mão quem tem menos do que ele. Quero dizer, também, em nome dele, que não morreu pra ficar nisso. Não sabemos quem o matou, mas sabemos que pra reparar a violência, não importa

quem seja o matador, podemos ter um gesto de bondade. Acho que a solidariedade de cada um poderá melhorar a nossa alma e a do nosso Nicolau. Se ninguém ainda sabe do matador de Nicolau, pouco importa. Pode-se perguntar: desde quando Nicolau começou a se mostrar diferente? Quem levou a que Nicolau se desse mal na vida? Quem negociou as terras com Nicolau? Quem ajudou Nicolau? Quem desleixou de cuidar de Nicolau? Quem já não viu Nicolau caído na estrada? Quem ajudou Nicolau? Eu não ajudei Nicolau. Me sinto péssima por ter deixado que ele se sentisse tão mal a ponto de provocar insatisfação em muita gente.

Se Deus me ouvir, e todos sabem que Deus não é surdo, eu prometo o seguinte: se as mães da reserva aceitarem, vamos juntos assumir um meio de ajudar aqueles meninos e meninas que quiserem, mas sozinhos têm dificuldade de melhorar. Ninguém é obrigado a ter uma vida melhor porque cada um sabe da sua e o quanto pode mudar. Se a simplicidade daqueles que caminham sem grande pretensão faz bem, que andem sem grande pretensão. A liberdade de ser é que conta. Se Nicolau tem razão em pedir perdão, mais temos nós de fazer o mesmo. Mas todos sabem que perdoar e pedir perdão não basta, um bem deve ser feito pra que a gente fique melhor. O mundo precisa de nós nem que seja pra dizer um bom dia pra quem eu nunca saudei. Essa é minha saudação ao morto. Não adianta reclamar nem discutir quando o tempo está feio. É preciso fazer que a casa de todos fique um pouco melhor. Era o que tinha a dizer.

O silêncio se fez pesado dentro da igreja. Ao final da cerimônia, Artur olhou para Loriane e falou.

— Sinceramente, não entendi nada, mana.

— Eu entendi. Ela também se sente culpada.

— De quê?

— Esquece, mano. Só nossa mãe é capaz de entender. Pra ela a gente é capaz de matar sem querer.





## Socorro, mamãe

Por mais que se olhe o ser humano, existe sempre um meandro no qual ele se oculta. E por mais que se revele todo, não chegaremos à metade. Pois, vejamos... Loriane sentiu-se em grande desconforto por ouvir de Venceslau a violência escondida em suas palavras.

Dá até pra acreditar em diabos, ouvindo o que ouvi dele, começou sua reflexão. Puxa, que coisa mais odiosa e contraditória. Se ele mesmo se arrepia tanto com o que fizeram com a sua avó e sua gente, como não chama para si a sensibilidade, santo Deus? Cadê a reciprocidade? Por falar em Deus, Ele que me perdoe, acho que mandou o seu filho e viu no pouco que deu. Penso, também, que Ele não teria coragem de mandar outro em razão do que aconteceu com o primeiro. Pelo visto, apesar de a bondade ter se revelado inteira, de pouco adiantaram sua palavra e seu sangue. Dito de outro modo: o resultado parece não ter sido o esperado. De pouco adiantou a infinitude divina para salvar a ambivalência humana. Só Deus mesmo pra pôr a mão no fogo pra melhorar sua criatura, cruel e grandiosa ao mesmo tempo. Não lhe saíam da cabeça as frias palavras dele: *se tivesse matado, teria feito de maneira menos cruel. Uma cordinha ou um tiro teriam o mesmo resultado.*

Isso mostrava muito além do que pensava de seu amor. E esse homem dormia ao seu lado. Certa noite, um tempo depois de iniciado o sono dele, ela acendeu a luz suave de cabeceira pra leitura e se pôs a mirar o semblante do marido. Um perfeito anjo. Nenhum traço de seu rosto demonstrava qualquer sinal de rancor. Em tudo um homem pacífico. Afinal, de quantas vestes se veste a alma?, inquiriu a mulher, uma vez que foram maus os sentimentos de seus sonhos. Ao acordar-se do pesadelo, no qual figuras de causar arrepios mostravam rostos disformes, agigantou-se nela uma angústia dantes nunca sentida. Olhou mais uma vez o rosto



de Venceslau. À luz tênue do abajur, revelava um sorriso cheio de mistérios. Rezou e muito pra que os tormentos de sua alma fossem minimizados e que a alma de seu companheiro não fosse tão ofendida por aflições do passado e nervosias de hoje. Suspirou enquanto lembrava... *ele entrou em agonia e orava ainda com mais fervor e seu suor tornou-se como gotas de sangue...* Semelhantes a essa hora em que se afligia pelas palavras de Venceslau, eram os dias da sexta-feira santa. Não sabia a razão da devastação de seu corpo de menina, em idos tempos... Se Deus andava desse jeito, o que lhe sobraria? Ansiava pela manhã de sábado e, se fizesse sol, a sua alma retomava o brilho. Ansiou falar com sua mãe, como falava antigamente. Por não encontrar sozinha um lugar pra respirar em paz, poderia com sua mãe avaliar melhor seu desespero. Acho que estou como uma lebre acossada pelos cães, pensou. Somente o regaço de minha mãe pra dizer: pode parar, já chega de dor, e a dor vai embora como um fantasma virado num lençol aconchegante.

A manhã nasceu como uma criança sem ranço. Basta o sol pra melhorar a natureza, sorriu. Venceslau abraçou-a, mas nada que a convencesse de avançar nos gestos de ternura. As crianças vão pra aula e não arrumei as roupas, disfarçou. Venceslau voltou-se para ela não sabendo se brigaria ou se controlaria. Minimizou, pela vontade, diferente de seu desejo: querida, não me venha dizer que desconfia de mim. Sou bruto, imoral, mais espinhento que porco-espinho, mas eu te amo, doce Penélope. Vaguei por mares brutos e ilhas perdidas. Dirce e diabos que o valham me tentaram, resisti mais que Ulisses pra te encontrar tão doce como os favos de mel das planuras da Grécia. Sorria, terna minha companheira! E já os vales escuros se apresentam claros, e pequenos rios escorrem entre murmúrios e silêncios. Digo-lhe, senhora, estrela poderosa, luz de minhas noites escuras, que matarei quem ousar afastar de mim teu corpo e tua alma. Mas não me leve muito a sério quando falo em matar um índio.

Depois de um abraço e de um beijo tímidos, os dois se foram para suas tarefas. Ele para o seu agronegócio de leite e cuidado de vacas. Ela para suas aulas e o mestrado. Tentaria esquecer de sua desconfiança e mal-estar. Se as vacas chamavam Venceslau para dar seu leite, em Loriane chamavam os versos a serem analisados.

Por meses esvoejaram poemas modernistas de todas as cores e tamanhos. Preferiu mostrar a cara do movimento de 22 de maneira mais radical: a cara da pós-modernidade e sua expressão num escritor de valor escondido no interior. Seu amigo e poeta: Paulo Monteiro. Ela possuía seu convencimento: a geografia produz a história, contudo, entendeu de reverter o entendimento, na medida de sua decisão. Sabia ser curta a pretensão de exaltar o interior, uma vez que a geografia oferece melhores alternativas aos grandes centros. Visibilidade, estímulo, espaços culturais, críticas e admiradores constituem-se em poucas forças para se criar um círculo virtuoso da literatura a escritores quase ocultos. Lembrou de Afonso de Guimarães, esquecido por muitos anos no interior de Minas, até o dia no qual Manuel Bandeira apresentou o poeta ao Brasil. Sabia não ser Manuel Bandeira, entretanto: corruíras também cantam sem medo de sua voz. Somente repetidas investidas e, extremamente corajosas, poderiam reverter o quadro em favor de uma história de interiores. Para tanto escolheu Paulo Monteiro com seus versos pouco canônicos. Trabalhava sobre a fundamentação histórica do pós-modernismo e, ao visitar mais uma vez o universo dos rompimentos, das inconstâncias e das incertezas, veio-lhe, de inopino, um volume pesado de aflições. Já não era Monteiro de sua tese a sua preocupação, era seu polaco Strawinski. De pouco adiantou querer distrair sua angústia. Urgia afastar a tentação do sem sabor, da desvalia, da raiva, dos medos, assombros e outros diabos de diversos nomes. O que a literatura não lhe dava, a mãe poderia dar: um pouco de serenidade.

Pegou de seu carrinho e se mandou em busca de socorro. Via, de soslaio, os paus das cercas perfilando-se em imagens



passageiras. O coração pulava, contrastando com a suavidade dos campos ondulados. Santa Matilde, rainha guerreira, rogai por mim, que bravura não vos faltou, e tanto me falta. Se acaso me concedeis minha proteção, juro: sorrirei todos os dias ao amanhecer. Assim jurando e elevando seu espírito para acalmar a função respiratória, chegou à casa da mãe. Parando o carro, viu seu pai tomando um solzinho às nove da manhã.

— Ué, filha, que novidades e que cara é essa?

— Bobagem de mulher. Papai, onde tá mamãe?

— Lá dentro.

Entrou como vento forte casa adentro pra vomitar seus temores.

— O que é isso, filha, que desespero é esse?

— Nada demais... É que estou assustada com o Venceslau. Acho que foi ele que matou o Nicolau.

— Duvido. Como soube?

— É que ele chegou a dizer que mataria... E desconfio que não só mataria, pela frieza com que falou.

— Por que o mataria?

— Ciúmes, mamãe, ciúmes.

— Se falou, não matou. Conheço o homem. Não aguentaria essas duas semanas sem confessar.

— Foi ele também que instigou outros a pensarem o mesmo. O ódio dele...

— Sei, que até falou pra mim, filha, e não faz tempo. Quis saber até se houve alguma relação mais séria do Nicolau com você.

— Falou disso pra senhora?

— Escuta bem, minha filha, não é você que quer minimizar alguma culpa?

— Não acredito no que estou ouvindo.

— Pois ouça! Lembra de quando o teu índio começou a beber feito um camelo?

— Não faço ideia.

— Mas eu lembro. Foi desde quando ele te deixou! Lembra a razão de ele se afastar?

— Também não faço ideia.

— Pois eu faço. Você falou ter brincado com ele. Lembra que a brincadeira deixou o homem no chão? Você, em razão de bobagem, cutucou-o dizendo que índio bom é índio morto.

— Mas, mãe, o que tem a ver isso com a cabeça dele esmigalhada? Foi apenas uma brincadeira.

— Tem a ver, sim! Depois daquilo, ele não quis mais você.

— Por tão pouco?

— A sensibilidade dele é que mediu a brincadeira.

— Estou lembrada, mãe, que o Artur me falou da queixa dele por causa de minhas palavras. Na ocasião andava bêbado que mal se segurava. Nicolau disse palavras duras. Desaforou o Artur.

— Sei, teu irmão relevou, e me disse, irritado: bem que desejei rachá-lo pelo meio. Ouvi mais de dez vezes que o Nicolau andou dizendo pra Deus e todo mundo sobre a dor de ter deixado você. Pois é, depois disso ficou um índio amargurado e muito agressivo. Alguém não aguentou o índio e deu-lhe uma paulada violenta.

— Nunca pensei medir minha brincadeira por esse lado.

— É filha, nunca avaliamos o poder que está em nossas mãos, nem sabemos o tamanho das consequências. Veja teu próprio pai. Não se desesperou quando chegou a hora de se desfazer das terras em favor de Artur. O dinheiro, de fato, é muito rude, não deixa que o tomem assim no mais. O poder que se pensa ter sobre os outros também não é pra menos. E veja, minha pequena, o quanto doeu ao Nicolau perder-te por tão pouco. A dor da tua brincadeira foi grande em razão da fragilidade do pobre rapaz.

— É mesmo, não sabemos, e quando sabemos, ignoramos a metade. É só olhar de perto as desconfianças que recaem sobre quem pensamos ser o criminoso. Poderíamos pensar também que nosso poder pode ser avaliado pelo seguinte: não mataríamos se alguém estivesse na iminência de tirar o que mais amamos?

— Se o meu poder reside nos filhos, Loriane, não poderia ser eu a assassina pra defendê-los? Não poderia ser Artur pelo amor às terras arrendadas? Não poderia ser o próprio delegado pra livrar o filho? Não foi a mulher do Nicolau? Você sabe o quanto doeram os vestidos novos das amantes? Não foi outro índio por se ver usurpado nos direitos sobre as terras da reserva? Não poderia ser qualquer desconhecido por se sentir ofendido por Nicolau? Filha, escuta: Nicolau não se matou apenas por covardia. Buscou que os outros o fizessem. Era um homem perdido e sem poder. Ele queria a própria morte em razão de não ter mais a ninguém, a começar por você.

— Prefiro ser surda a ter que ouvir isso.

— Falo isso pra que não te culpes nem ponhas culpa no pobre do Venceslau. Saiba que tudo começou pelo desprezo jogado sobre a raça indígena. E quem o fez? Você sabe que foi você quem falou, ainda que brincando: índio bom é índio morto. Entretanto, a força da expressão atravessou séculos de maldade para ainda ter seu efeito, mesmo que pronunciada entre risos. É,



nossa alma é feita de palavras trazidas pela história. É bom rever uma a uma.

Loriane se retirou, tendo melhorado seus sentimentos em relação a Venceslau.

## Um pouco da dissertação

Já se haviam passado muitos anos e até quase perdera os créditos quando resolveu definitivamente concluir sua dissertação. Achou por bem ter a honestidade de voltar-se para a revelação da força de seu entorno, apesar da resistência de seu orientador. Por fim convenceu-o. Não soube ao certo até hoje se ele se dobrou por razão de seus argumentos ou cansado de resistir aos apelos daquela que já envelhecia.

Ninguém pode ser obrigado a ler uma dissertação de mestrado. A linguagem quase impessoal, prudente e cheia de medidas deixa qualquer um sem grandes desejos para a leitura. Loriane pensou em mediar a seriedade acadêmica com uma linguagem menos severa. Seus sentimentos traziam ideias em revoada, e poucas cabiam dentro do baú do magistério acadêmico. O momento colidia contra a virtude da lógica e de grandes convicções. Não havia dúvidas, o que tudo indicava inseria-se nas loucuras de uma pós-modernidade. O mundo andava de pernas para o ar e não fazia muito sentido querer se enganar com artificios. Na verdade, Loriane, a acadêmica, perturbara-se gravemente. O que era aquilo de ela poder ser culpada da morte de seu índio Nicolau? Quando pensava que a alma perturbada de Venceslau poderia ter gerado aquela violência, outros apelos apontavam pra outros criminosos. E se alguém aparecia para esclarecer, não esclarecia coisa nenhuma. Depois de uma certa calma e muita oração pra elevar o espírito acima das confusões do mundo e dela mesma, conseguiu passar de seu Strawinski para o Monteiro, apesar de não saber ao certo a medida certa. De todo o jeito havia uma paixão que a iluminava ao lidar com os dois. Duas loucuras se somavam, em Monteiro por querer avançar contra a lógica da geografia e o costume, em Strawinski pela contradição: seria a atração pelo polaco ou pelos ódios de imaginar que fosse o matador do amor antigo? Ensaiou mil vezes um título inspirador para sua dissertação. *Pós-modernidade e poesia:*



*apesar de tudo, o sonho de Monteiro. Poesia pós-moderna em Monteiro: sem perder a utopia. Pós-modernidade e resistência na poesia de Monteiro. Poesia e resistência em Monteiro: o interior também sonha. Andava de caminhos incertos.*

Por incrível que pareça, conseguiu avançar bem no meio dessa quase plúmbea cerração. Bem melhor, entretanto, que os chimangos e maragatos nas tramas de seus facões enquanto a fumaceira cobria tudo. Que loucura, pensava: nessa guerra fratricida e de degolas bestas se anuncia um tempo em que a verdade é passageira e o meio-termo, uma ilusão. Não podia se perder no caminhar de sua decisão de avaliar melhor os caminhos monteiros em suas fadas poéticas, imitando um tempo desprovido de harmonia fraterna. Para tanto, seu orientador promovia encontros de estudos muito importantes. Pensando por minha mãe posso dizer pras minhas amigas de mestrado: eu tenho o poder. Se não for meu orientador estou morta. Elas riam, e muito, quando ela se comparava à lenda do coelho que defendia a seguinte tese: *Coelhos: os maiores predadores da floresta*. Assim ó, gente! O coelhinho, em seu notebook, escrevia sobre os resultados de sua pesquisa debaixo de uma árvore na floresta. Um lobo faminto, antes de jantar o coelho, resolveu matar sua curiosidade. O que está escrevendo aí com esse ar de sabichão? Estou concluindo minha tese de doutorado, respondeu o coelho. Então, quer dizer que vai ser doutor? (pensou: então quer dizer que vou jantar um doutor). É isso mesmo! Pra sustentar meus coelhinhos, na Universidade, só sendo doutor. Lá agora é assim: ou peagadeus ou protozoário. Entre os dois fico com o primeiro. E por onde andam teus coelhinhos?, inquiriu o malvado lobo. Na minha toca. Por conta do doutorado aluguei uma grande toca do tatu. Quer conhecer meus bichinhos, coisa mais linda?!, interrogou o quase-doutor. Se me der esse prazer... Sabe, também sou doutor e posso fazer parte da banca... falou o lobo. Lá foram os dois... Pouco após terem entrado na toca, ouviu-se gritos e depois o quase doutor saiu ancho da vida com seu notebook e continuou sua tarefa. Mais um



lobo apareceu, repetindo-se a mesma conversa. Lá foram os dois... Logo após terem entrado na toca, ouviu-se gritos horríveis e depois o quase-doutor saiu ancho da vida com seu notebook acompanhado com o dr. Leão, seu orientador. Riram os colegas de Loriane. É claro, falou ela, que minha dissertação não é tão ousada quanto à do coelho, nem tão poderoso meu orientador, todavia, é sempre um risco não obedecer aos cânones da academia, pois a minha pesquisa poderia se desdobrar sobre autores conhecidos e consagrados, e não ousar com um autor sem a estatura da academia. Tenho a crença, porém, de respeitar o tema pela qualidade de Monteiro e pela qualidade de minha fala. O meu orientador, de outra parte, não é um leão desdentado. Riam ainda mais.

Buenas, pra não alongar a narrativa: Loriane estendeu sua pesquisa a partir de objetivos claros, correspondentes ao título; logo a seguir partiu para a fundamentação teórica, começando pelas perspectivas históricas do século XX, as quais traziam ventos revolucionários em todos os campos, ciência, política, economia, arte, política, maximizando-se os rompimentos com a tradição. Ao analisar o movimento dos anos 20 radicalizando o movimento do simbolismo, ela promoveu considerações fortes, indicando que o Brasil se desvestia da tradição literária. Uma das referências teóricas foi Ítalo Moriconi, o qual dizia ser o modernismo igual á conscientização nacional. É o Brasil ajustando as lentes para melhor olhar-se a si mesmo. Dele nasceram as bases contemporâneas da autoestima brasileira. A literatura modernista, no Brasil, assumiu aspectos peculiares, só em certa medida, provenientes da moderna literatura feita na Europa. Ao contrário da literatura dos estilos anteriores, a qual não passava de adaptações europeias, o modernismo defendia a antropofagia, metáfora para representar a “digestão” da cultura estrangeira que estava sendo importada.

Antes, porém, de se adentrar no movimento pós-modernista, apelou para a história recente, mostrando evidências

da maior liberdade literária em razão da descrença em torno das instituições, tendo em vista o descalabro da consciência da humanidade. A perversidade humana não foi afastada nem pela religião nem pela ciência, daí a ampliação de novos parâmetros institucionais ou, até melhor, o afastamento de qualquer padrão normativo que pudesse firmar, em definitivo, o que quer que fosse. A literatura foi ainda mais afetada pelo pós-guerra. As utopias deixaram de ser acreditadas: que nada mais pode ser confiável, embora apelos fortes começassem a ser levantados em favor de uma consciência coletiva e uma proposta de ações comunicativas em desabono da consciência individual.

A essa altura da dissertação, Loriane se lembrou da sua mãe, pois que vivia dizendo: enquanto as pessoas não pensarem que a verdade está entre as pessoas e não nas pessoas, as coisas vão de mal a pior. A intuição de dona Maria percebe que não há lugar pra felicidade humana longe da casa dos outros. Você vê, filha, que não dá pra ficar mais com essa história de cada um por si. Tá na hora de selecionar um meio melhor pras pessoas estarem bem. Faz bem ver também que no meio de tanta confusão não se perca o principal, que é a vida humana, não importa o tamanho que tenha. Por isso me dói tanto a violência e me constrange a possibilidade de uma brincadeira poder levar alguém a morrer, falou Maria. Meditou sobre os acontecimentos que se precipitavam em seu entorno. O que era essa história do índio Nicolau senão a falta de sobriedade em tudo? Isso, sim, que era antropofagia. Na verdade, uma verdadeira demonstração de etnofobia. Aí se tinha nítida a impressão de pouca coisa valer: os valores históricos pareciam ter sido levados águas abaixo: uma verdadeira demonstração de pós-modernidade.

Em continuidade à proposta de fundamentação teórica que justificasse sua dissertação, buscou um bom reforço em Eduardo de Faria Coutinho: *“se nesse processo de assimilação seletiva, de um lado, se expurgava a tradição autoritária, de teor colonialista e centralizador, de outro se valorizava a tradição popular e regional*



em suas múltiplas facetas, sob a designação genérica de pós-modernismo.”

Pra exemplificar o que pretendia e, principalmente, demonstrar que não operava longe de certos escritores, trouxe brasa pra sardinha de seu assado com alguns autores. Não esqueceu de Ariano Suassuna, Clarice Lispector, Ferreira Gullar, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, entre outros. Demonstrou por eles o quanto os temas próximos da regionalidade podiam ser significativos. Não deixou de incluir Adélia Prado ao pensar em Monteiro, pois ela, por mais irrelevante que fosse um traço da realidade, não abandonou as suas convicções transcendentais.

Suspirou contente por sair das posições teóricas pra chegar em Paulo Monteiro, mostrando as relações entre a pós-modernidade e os princípios dos quais seu autor não arredaria pé, ainda que rompendo com as formas tradicionais. Em tudo, Loriane provava que os textos monteiros fugiam das convenções formais, ao mesmo tempo em que resistiam em abandonar as crenças em valores principais.

Os participantes da banca ouviriam a narrativa de uma figura humana comprometida com suas raízes. Monteiro inclinava-se para compreensão das lutas em favor da liberdade. Os maragatos, facção contrária aos legalistas, fizeram que seus bisavôs fossem destemidos guerreiros. Desde criança ouvia histórias de violências com degolas e outras crueldades. Seu espírito infantil povoou-se de sonhos libertários. Aprendeu que a liberdade se conquista com sangue. A bravura avoenga, em torno de uma causa, fez dele também um protagonista. Ainda jovem resistiu ao movimento opressor da ditadura de 1964, disso resultando um dos motivos do seu principal livro de poesias: *Eu resisti também cantando*. A mestrandia, tendo em mãos o livro, avança em dois sentidos: o rompimento das formas e a preservação de utopias. Quanto ao rompimento das formas,



Loriane explicitou convictamente: em Monteiro as simetrias e as rimas se quebram ainda mais. Risos altos e gemidos animam e denunciam sem respeitar sequer os pontos e as letras. As formas são heterodoxas para expressar ideias e sentimentos, esquecendo quintetos e décimas. A poesia flui sem as formas tradicionais de expressão. Sem preocupação com qualquer tipo de metrificação, a não ser com a intimidade das coisas e das pessoas, lá vai o poeta tão livre como um cavalo sem arreios: o único prazer é cavalgar. Vez por outra Monteiro estradula em rimas perfeitas pra mostrar o quanto peca, não por ignorância, pois se desveste de antigos compromissos poéticos, a exemplo dos seguintes versos:

ninguém pode parar que é proibido  
e se parar quem comprará o pão

e o leite aos filhos tenros desnutridos  
descalços seminus em pleno inverno  
assim nossos dias são vividos

e nossas vidas têm terror eterno  
como os casos de espíritos perdidos  
encarcerados ao calor do inferno

O espírito poético do autor se inclina em outros com sóbria ou vibrante ternura. Loriane, quando escrevera o texto que narrava, sofrera de compaixão pelos caingangues pequenos, filhos de Nicolau que agora, estariam ainda piores, pois antes havia a força do pai em proteção à gurizada, mas aí se referisse seu sofrimento e dele Venceslau desconfiasse. Por vezes, pensava, é melhor



guardar uma dor a somá-la a outras. Prudência é uma bela virtude, dizia minha mãe.

Depois continuou em seus passos ávidos da melodia interiorana:

quero um poema para os dias  
para as noites de angústia  
quero um poema sem algemas  
sem cadeias sem correntes  
um poema de fábricas e lavoura  
há de ser o meu poema

Os poemas entremeiam-se de paz e de revolta, continuava. Monteiro sente-se analogicamente a animais diante de uma sociedade enferma, prevaricada pela ditadura e, quando livre, não sabe ser decente.

somos vacas somos bois  
somos cavalos e burros  
nesta grande propriedade  
onde fomos confinados

Logo a seguir retoma alguns versos rimados de ternura

aquela que há de andar sempre ao meu lado  
há de ser joana d'arc ou anita  
mulher completa esposa mãe e amante

há de levar o mundo por diante  
há de ser como as feras e bonita  
aquela que há de andar sempre ao meu lado

A beleza monteira continua vestida de diversas formas, as quais se estendem sobre as folhas brancas como folhas pelo chão. Com mais ou menos ordem, ao sabor da inspiração, Loriane toma para si as palavras com que o colega Gaglietti resume os textos de Monteiro:

*O nosso poeta de Passo Fundo, no caso, inspira-se no que há de melhor na literatura universal, na medida em que, ao escrever sem pontuação, sem divisão em versos, sem maiúsculas, arremessa o leitor para o desconhecido, no território da criação, da fantasia, da imaginação, da própria versão do verso. Assim, enquanto organiza os poemas, ao eleger uma leitura singular, com matéria humana plástica, o leitor recria novos sentidos que configuram as palavras lidas, mastigadas com dentes de moer e marcar a vida. Desse modo, estamos diante de uma criação que ao morrer se desmancha, porque, desintegrando-se, gera outras obras.*

Fugindo ao protocolo, a banca solicitou, em razão da qualidade do excerto, onde buscar o subsídio indicado. Loriane apontou o site e o projeto Passo Fundo, avaliando-o como uma entidade protagonista.

A apresentação andava cansativa quando Loriane declamou:

e pelas janelas do bar  
vejo carros e outros carros  
que não andam sobre rodas  
andam nas rodas do mundo  
cansados de caminhar  
só nós estamos parados  
eu cá com minha poesia  
cansada de tanto andar  
rua em rua bar em bar

Depois sorriu contente por terminar a primeira parte denominada de rompimento e a seguir aprofundou as diversas utopias inseridas em seus textos.

A mais presente foi a pretensão para a liberdade e a justiça. Loriane não esmoreceu em reforçar a ternura ambulante entre os diversos cantos solenes, bravios ou simples dos jeitos de amar na curta vida que se tem, demonstrando, como clarinadas



vivas, as contradições em busca de solução. O poeta mostra sua fé inabalável na humanidade, apesar das denúncias vigorosas inscritas desde o título de sua obra poética.

Por fim, a mestranda olhou em volta de sua mínima plateia, três da banca e o orientador, seu verdadeiro leão. Lembrou-se da mãe, distinguindo os poderes de Monteiro. Narrou a história dos Cavalos de São Marcos, comparando-os aos quatro cavalos de Monteiro: coragem, ciência, solidariedade e beleza. Aproximou a solidariedade da democracia e da justiça social, a coragem da resistência, a ciência da ternura, porquanto perfaz comunhão com a realidade e a beleza com a alegria da alma: suas utopias.

Passadas duas semanas, sentiu-se aliviada de acordo com o ditado húngaro: hoje vou fazer meu cachorro feliz, não vou bater nele. Assim andava ela: um peso havia saído. O peso da academia é maior que o cilício que os anacoretas submetiam seu corpo. A retidão do pensamento exigido em tudo se assemelhava à retidão daqueles que alçavam a voos místicos. Agora, viva!, já não mais era vista como um protozoário, ao menos se distinguiu com várias divisões de células. Um dia chegaria a andar de cabeça erguida, mostrando seu doutorado, pois o mestrado não alcançava a dádiva divina dos peagadeus. Ria-se feliz, porém, com seu certificado. Poderia, mesmo assim, ministrar aulas na escola de ensino médio com ares de mestra. Por fim, não contente com a ascendência ao nível que se pretendia, falou ao seu coração: ainda serei uma leoa, os outros que se cuidem.



## **E lá se foi seu Krämmer**

O silêncio não era triste. Quietos, sim, e tanto assim, a ponto de ninguém reclamar. Pois, pois, não havia como reclamar do previsto. A velhice tem disto: de tanto ser esquecida, aprende a esquecer, custando muito pouco ir embora de vez. Os vínculos débeis e uma gente séria acompanhavam aquele a quem Caronte oferecia o barco. As velhas senhoras, virtudes nem sempre alegres, acompanhavam a embarcação: dona piedade, dona modesta, a módica compaixão e outras marcavam presença.

A morte aproxima de modo especial quando o falecido pode ser celebrado. Se juntam pra que todos se sintam protegidos, pois sabem que o raio pode cair sobre a cabeça a qualquer momento, isso é que é o pior, é pra todos, apenas a hora fica espiando curiosa pra saber o melhor momento; outra, é bom saber que se está vivo, que ele ainda não caiu, proseando-se entre silêncios.

Loriane andava desse jeito: os dois filhos, encostados em seu ombro, tentavam espantar as agruras das quais não tinham noção clara. A pequena ficara em casa pra dormir. Todos diziam que o vô partiu para uma melhor. Se havia a convicção de estar numa melhor por que essa tristeza tão silenciosa? Por que o avô não respondia? Não havia se perdido por fazer pela primeira vez o périplo celestial? Isso quem perguntava era o mais velho, cheio de leituras e curiosidade. O mais novo apenas sentia não ter mais os privilégios de ser o mais novo dos piás. Enfim, desde cedo começavam a perguntar sobre o lugar de incertezas. Só a vó é que mostrava uma tal serenidade a causar perplexidade. João rogava a Deus pra poder perdoar o pai por não ter tido paciência com ele. Quando perguntado por seu Afonso, ficava pensando, pensando e, ao murmurar uma resposta, o pai já não era mais ouvidos. Doía-lhe o peito como se alguém lhe apertasse a alma, deixando-a menor que a de um ratinho em guampa. Ultimamente se impunha em



suas convicções, respondendo ao velho senhor de igual para igual. O pai, certa feita, olhou-o surpreso, achando que havia perdido o poder de dar ordens e lascou um ditado filho da puta: quando o leão fica doente, até o burro dá coice. Se encheu de raiva por não convencer o pai de sua mudança. Aprendeu do velho que os ressentimentos causam ódios até de um pai. Estava aí, agora, mostrando que alcançara a maioridade. Se a alma está livre de humores, talvez entenda o mal que me fazia. Rezava a Deus pro velho, ainda que ressentido. Faça, então, que te perdoe. Vou na palavra de minha mãe: nada acontece num homem, que não poderia acontecer em você. De fato, que miséria é a minha de querer, volta e meia, deixar tão mal a minha doce mulher e agora querer cobrar de um morto? Descanse, meu velho. Quem há de saber do mal que te fizeram pra arrastar essa dor, vomitando apenas o que não tem jeito de sair? Que mania temos, pai, de querer tirar o poder dos outros? Depois João encolheu-se um pouco, vendo os seus filhos em silêncio: ainda bem que me cuidei pra não os ferir de morte. Acho até que ouvi demais, deixando-os com uma liberdade sem ponderação. Pai, acho que tá pra nascer um homem inteiro. Sim, é isso mesmo, acho que nascemos e crescemos aos pedaços pra saber que sempre nos falta alguma coisa, bem como diz tua nora: é bom lembrar as nossas dificuldades antes de querer instruir os outros. É, pai, que mania a nossa de não ver bem. Passamos ao largo como aqueles que passam diante de um museu, ou até ao nele entrarem, vendo aí... apenas velhos objetos. No mesmo instante olhou pra Venceslau. Percebeu que ele andava louco pra dizer alguma coisa, não sabendo se falava, sabendo, porém, qual seria o resultado de suas observações. Por fim, se encorajou. Venceslau logo tomou a palavra:

— Veja só, João, isso é que é morte decente.

— Também acho. Se pecou na vida, foi por ignorância. Vai ver que se falhou foi por repetir o que fizeram com ele.



Cada qual se referia aos seus machucados, por isso a conversa não prosperou. Como em Venceslau as dores latejavam mais, foi mais incisivo em suas angústias.

— O que eu quero dizer, João, é que morrer de velhice e cercado de boas palavras não é pra qualquer um. Seu Afonso teve uma morte muito digna, diferente de Nicolau.

O silêncio foi doído pela péssima comparação entre as duas mortes e em razão delas. Sobre a cabeça de João pairavam dúvidas austeras em torno do criminoso. O momento não condizia pra se referir a Nicolau e muito menos ao matador, entretanto a confissão de Venceslau se fazia urgente.

— Todos sabem de minha aversão pelo morto. Comentam, também, que estimei a que lhe rebentasse sua cabeça. Pode ser. Não ergui minha mão pra tamanha violência. Nunca fui dado a tacapes.

— Acredito, Venceslau. Deixemos aquele índio morto, que a hora é de outro.

— Desculpe, mas inclusive tua irmã me olha de um jeito estranho.

— Não repare seu olhar, isso vai passar. Não era só você que desejava a morte dele. Quem ergueu a mão pra matar, foi apenas um detalhe. Agora vamos rezar. Me parece, às vezes, que a única coisa que podemos fazer é passar adiante pra quem pode resolver nossas aflições.

— Obrigado, cunhado!

Depois Venceslau foi velar, conversando com seu sogro morto. Uma ideia péssima passou-lhe: sogro bom é... Pelo amor de Deus, não me sai da cabeça esse sofrimento. Ao ver, porém, Loriane lançar-lhe um olhar condescendente, tomou coragem pra conversar com o sogro morto: pois é, carinha, nego que matei e não abro. Se fiz, não lembro; se ajudei, fiz pouco. Que o filho da



puta tinha coisa com sua filha, tinha. Então, se fiz, fiz pouco. Mas vamos deixar isso de lado. A morte, pra eternidade, é frescura, mas se encontrar alguém de cabeça pela metade, mande lembranças. Cruzes, o desgraçado grudou em mim. Se não o encontrar é porque está no lugar merecido, onde há choro e ranger de dentes. Mas não é isso que quero dizer. Estou dividido entre angústia e alegria. Não consigo manter um pouco de glória e parar em paz por longo tempo. Orgulho tenho de sobra por saber que faço o que tanto lhe agradava. Hoje temos uma próspera agroindústria. As terras de Loriane, que tanto lhe doeu por se desfazer delas, estão cheias de vacas leiteiras, justo aquelas que eram de sua preferência. Dê-me um pouco de tua paz e prometo fazer tua filha feliz.

Maria, por vê-lo em meditação, envolveu-o num abraço, o qual traduzia consolação. Ela não carecia de compaixão, pois faria de sua dor uma estrada serena, não carecendo de pêsames. Havia peregrinado com seu companheiro de maneira elegante. Saberá dar uma guinada ainda mais sólida, pois não perderia as falas e gestos conjuntos, tecidos definitivos de sua alma. Depois abraçou Artur. Ele sentiu a suavidade do peito materno sobre suas espáduas largas. Filho querido, não te incomode com que se vai fazer com as terras de seu pai. Vou cultivá-las e buscarei socorro em ti e em teus irmãos. Aprendi com seu pai o amanho da terra e os tempos das sementes. Vou permanecer com meus ajudantes. Das colheitas... as máquinas se encarregam. Dos lucros... vou dar um destino um pouco diferente. Dos indiozinhos... um caminho melhor. Tenho me dado bem com a vida deles e, principalmente, com a mãe dessas crianças. Esse foi o último desejo do pai de vocês. Já falei com João e ele entende como justo o pedido feito. Nesse momento João foi se chegando, ouvindo da mãe o apelo solidário. Reforçou ao irmão a decisão do pai. Loriane também se achegou. Se a mãe pensa assim, está pensado, concluiu a filha. As duas, então, se afastaram um pouco, que as mulheres têm conversas e sentimentos muito próprios. A linguagem não somente

possui sonoridade diferente, contém, também, doçuras avessas ao entendimento masculino.

— Meu poder estará nas mãos das crianças e na graça do Senhor, começou a mãe. Sinto cócegas no coração pra ambas as direções. Agradeço que assim tudo tenha terminado e a palavra de teu pai possa se cumprir plenamente e, desde agora, me sentirei cheia de ventura pela responsabilidade a ser assumida.

— Mas, mãe, essa decisão foi assumida desde quando?

— Teu pai, quando soube de poucos dias que lhe restavam, me falou: bem, o que estamos fazendo com essa gente humilde que está trabalhando com a gente?

— Como assim, homem? Acho que pagamos o salário certo e combinado.

— Ele narrou um acontecido: bati na porta de nossa casa e a índia Laura, a empregada, abriu. Então perguntei se havia alguém em casa. Não, ninguém, respondeu ela. Ela pensa que é ninguém. Isso não pode acontecer mais, falou. Entendi o que ele quis dizer.

— Acho boa a decisão tomada.

Se fez silêncio. Cada qual foi se separando, sem tirar os olhos do falecido. Loriane, provocada pela chuva que começara a cair, sorriu por lembrar Afonso de Guimarães.

*Do relâmpago a cabeleira ruiva  
Vem açoitar o rosto meu.  
A catedral ebúrnea do meu sonho  
Afunda-se no caos do céu medonho  
Como um astro que já morreu.  
E o sino chora em lúgubres resposnos:  
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"*

E para aliviar a dureza dos versos, como uma rainha em busca de um salvador, brincou com o mesmo autor:

*Voai para outras risonhas plagas,  
Cisnes brancos! Sede felizes...  
Deixai-me só com as minhas chagas,  
E só com as minhas cicatrizes.*

Espero que apenas sejam cicatrizes, meu pai. Deixai minha alma pacificada. Que do alto da catedral branca dos teus sonhos longos, me retorne a confiança abalada. Que tenha novamente a impressão de caminhar ao lado de um homem sem os absurdos de seu espírito.

## **A velhice de Maria**

Palavras de Loriane em seu diário:

As lágrimas de minha mãe foram breves. Fiquei de olho naquela que fora sempre a autora de uma política familiar interessante. Sempre atenta em corrigir as distorções que ocorriam no desenvolvimento do nosso núcleo. Quando meu pai começou a radicalizar a importância dos bens materiais, ela o humanizou, tornando nossa casa mais justa e carinhosa. Através de minha mãe eu compreendi a função política de minha pátria, a qual não consegue refazer suas violências do desenvolvimento. Não era essa a política familiar de dona Maria.

A vida nem de longe é o que parece ser, dizia minha mãe. Se até a pessoa que a vive não sabe o que tem, menos saberão os outros que metem o bedelho sem cuidados. Não sabem e, quando presumem que sabem, não sabem dizer e, se dizem, as palavras não traduzem toda a verdade. *Entonces*, minha filha, a alma mais tem a revelar e quando mostra o que sabe nem sempre consegue se expressar e quando expressa não diz nem a metade do que poderia ter sido dito. Me faz lembrar o período do Estado Novo que violentava humildes agricultores a exemplo de Hitler contra os judeus. É bem isto: aquela reverência eufórica pela pátria e por Getúlio disfarçava os horrores dos campos de concentração em

vários lugares do Sul. Por isso tudo, o que eu disser pode não corresponder ao que deveria dizer e, possivelmente, nem você entenderá o que quero dizer. Espero, filha, assim mesmo, a compreensão por tua velha mãe. Me deixou, por escrito:

Eu, Maria, falo com incisiva convicção: quero ter a liberdade de me pronunciar alegremente como se estivesse conversando apenas comigo mesma. Imito a Jimenez, em *Platero e eu: com que alegria digo a ti, e só a ti, estas coisas que mais ninguém há de saber. Disporei meus atos de tal modo que o presente seja toda a vida e tenha, para ele, o sabor de uma saudade. E para que o sereno futuro faça com que o passado lhe seja do tamanho de uma violeta, da cor tranquila da sombra e com seu suave perfume.*

Se alguém me ver tão laboriosa, meu amor, não pense que não sinta muito a ausência de meu amado Afonso. Tu, filha, jamais saberás a verdadeira história de teus pais. Nada do que existe deixa de se desdobrar nele. Meu ser está inteiramente habitado por ele. Se é verdade que carregamos todos aqueles que compuseram nossas palavras desde os gregos, romanos e portugueses, muito mais tenho dele em minha alma, pois a versão de todas as palavras, eu as traduzi com ele. A ausência de teu pai é uma presença constante e mais nítida, pois posso senti-lo mais livremente. É claro, não me abstenho de mim mesma, entretanto, aperfeiçoei minhas impressões e expressões por tudo que compôs em mim. Portanto, filha, não lastimo tanto sua morte, e mesmo porque me sustenta a fé de que nada se perde na vida de um ser humano. Sei que te é difícil ver do jeito que eu vejo a longevidade de nossas almas. Isso, porém, nada tem a ver de como passarei a ter contigo o meu melhor suporte. Oportunamente quero conversar melhor, porque as palavras pronunciadas exercem maior poder que esse discurso calado que faço agora.

Mais um pouco de mim, filha. Hoje foi pela primeira vez que me encontrei com *las índias e sus hijos*. Sinceramente, não sei



se me comuniquei, só sei dizer que ouvi os apelos, alguns evasivos, outros diretos. Havia um medo infinito quando tratavam comigo. Acho que mais que medo: uma dose excessiva de cuidados por não saber com quem estavam lidando. Medo a gente tem de algo concreto, mas aí em nossa conversa vinham pavores inscritos por uma história dada de geração para geração. Sinto que se sentem acuados e ressentidos. Parece verdade: pouca coisa é pior que o ressentimento que se instala entre as pessoas. Não sei se vou manter um diálogo que não fira seus costumes e não aprofunde o ressentimento. Minha cabeça também se sente superior, embora tenha certeza que não é. Infelizmente tenho dentro de mim um apelo parecendo-me ter uma cultura e uma raça melhor. Não vou dirigir as condições para resolver seus apelos que se configuram de diversas maneiras. Vou me calar diante de incerteza provocando a resolução delas. Poderei, isso sim, propor sinceramente minha opinião, jamais a decisão. De todo jeito que tudo acontecer, um bem pode se prover. Creio que um dinheiro bem aplicado pode render muita sorte. Assim, se pedirem uma casa do jeito da gente, vou provocar também a prefeitura, pra ver uma correspondência entre as três partes: elas, o poder público e eu. Elas é que vão modelar o que querem, ainda que peçam: *faiz pra gente, dona Maria!*

Pra sorte geral das mulheres índias, a colheita saiu farta e de bom preço. Não entendo muito bem a bondade divina, mas sucedeu que a safra americana deu em nada, valorizando a nossa semente. Talvez, por lá, do mesmo jeito que eu, tenha uma mulher estreitando seus afetos sobre outra tribo. Sabe, meu amor, que as índias, as de minha relação, estão desconfiadas também por causa do Nicolau. Não sentiram muito a morte dele, porque ele fazia também outros índios andarem de más intenções a respeito delas. Mas dizem *nóis sente, era um da gente*. Não repare muito de meus solavancos na conversa. Minha vontade de falar é grande. Sabe, hoje, depois que avaliamos com o Everaldo, aquele que coordena os outros no campo, fiquei quieta e senti um desejo incrível de



ouvir outra voz, nem que fosse só pra concordar. É claro meu desejo de aperfeiçoar o meu dizer com outras opiniões. Os antigos diziam que sai daí uma síntese melhor. A gente vai ficando velha e é bom saber que não diminui o tamanho do horizonte. Se for diminuir, é o mesmo que ficar cego. Volta e meia me vêm as ideias de Blau Nunes do nosso Simões. Depois vou dizer mais dele. Ele mostra, numa lenda, como é bom estender a mão sobre os olhos e ver mais longe. E eu olho que é pra me explicar sobre a escolha de mulheres pra fazer meu desejo acontecer: se escolher os pais, acho que não vai dar tão certo. Essa indiada masculina não tem a tenência nem a sabedoria das mães que trazem o sentido melhor pros filhos. O que escolhem por fazer e como fazem está bem feito, mas não me abstenho de dar meus pitacos. Não consigo me controlar. Logo deu pra notar que a fartura da colheita beneficiou a reserva. Tive professores saídos deles que começaram a ver o que fazer com as casas e dentro delas. Os maridos começaram a ter admiração por elas, que a boca, ao falar bem, possui mais respeito. Os filhos, era de ver o capricho das roupas escolhidas. Andam de cabeça erguida, caminhando orgulhosas de suas roupas. Sabe, filha, que o cacique veio falar se dava pra pagar os professores pra eles também entrarem em eixos melhores? Tive a impressão que também teu pai aprendeu comigo a melhorar a natureza masculina e os seus costumes. Pra você ver só: nos últimos meses é que ele começou a notar as propriedades boas da vida. Tomou-se de gentilezas que acho até que se sucedem quando o corpo se torna frágil como passarinho novo. Pediu pra dar a quem eu quisesse o resultado de nossos bens. Acho até que, em vida, pra ele seria demais. E o que dizer do fato de ele se importar com a nossa Laura dizer que não havia ninguém, estando ela em casa. Isso, sim, que foi mudança radical.

Hoje levantei com necessidade de falar do Venceslau. Tomara que sua angústia e violência históricas consigam se esconder por largos anos. Tenho certeza (será?) de sua não violência radical. Uma analogia semelhante à realidade dele foi de



uma prima minha da qual nunca falei. Ela sofria muito por ter extirpado um melanoma do rosto. Brincava com sua tragédia dizendo: uma vez que o melanoma gostou do seu rosto, ele vai levar o resto. E levou. Tenho a impressão de que em Venceslau a raiva do índio tenha se contentado no desejo, sofrendo o impulso final. Agora, vendo o horror de um índio morto daquele jeito e a repulsa social do acontecido, ele que se guarde melhor e não estenda em outra pessoa aquilo que lhe carcomia o coração. Deus do céu, quanta contradição na alma humana: ele que é capaz de cuidar de flores, um verdadeiro jardineiro, tendo um tumulto de vagas sufocantes. Buenas, não faz muito tempo que levavam meninos e meninas para o matadouro ao som de canções infantis. Vou parar com isso pra não molhar o papel. Retomo duas horas depois ao meu exercício de conciliadora de sustos.

Vieram os filhos de Venceslau contando que o pai os convidara pra plantar algumas árvores como homenagem ao Nicolau. Não arrisco ainda a perguntar se é como reparação ou por satisfação. Agora, Senhor, pode enviar em paz tua serva porque tudo melhorou. Veio um sopro avassalador, ao final da tarde, hora minha, inestimável hora, aconchego de lembranças sutis e de uma alegria diáfana, acho que própria dos santos. A mente quase soçobrava por razão de uma fome infinita. Isso é de uma força devoradora ou serão saudades de Deus? Por vezes sinto um desejo de me ajoelhar, inclinando meu corpo envelhecido até o chão, e chorar. O sufoco se vai e me torno tão humana a ponto que beijaria as chagas de um leproso sem qualquer repugnância. Tão generoso seria o beijo, o mesmo que sinto quando aproximo de meus lábios as flores de groselha. Chega de santidade: vou receber-te, minha filha; estou louca pra te falar.

Ao concluir essas palavras de minha mãe, enviadas por email, fui ter com ela e falamos muito. Minha alma ficou limpa e a dela também.



Foi uma conversa singular. Simples como o caixão de lenha. Uma conversa de filha pra mãe. Falamos primeiro sobre a dissertação, minha dissertação. E mãe não consegue não ser aberta e sincera. Teve momentos em que parecia inconveniente. Só faltou eu dizer: então, por que você não vai lá e defende tua dissertação? Aí me calei porque mais vale uma filha de coração sereno que uma mestra cheia de razão.



## Mãe e filha com estrofes na mão

O pensamento andava vivo entre as duas. As ideias eram tocadas como quem toma nas mãos animais de toda ordem, efusivas palpitações de uma hora sem igual: discutiam as formas de uma redação acadêmica, cheia de fundamentos pra não haver engano nas conclusões. Até filósofos entraram na conversa pra ilustrar melhor as lutas humanas de após guerra.

— Que adiantam toda razão e os elogios que dela se possa fazer se o resultado feito na Europa foi aquela devassidão?, falou dona Maria.

— Mas, mãe, se não for a razão, onde botaremos nossa cabeça pra acertar alguma coisa?

— Perderam o principal, filha, que é a solidariedade. Isso é que se perdeu.

A conversa das duas rumou, depois, pra beleza do modernismo brasileiro, resultado das nervosias de um tempo, e foi envolvido também Paulo Monteiro, seu discípulo fiel e mais avançado e pouco conhecido: as coisas do mato e do campo têm pouco reconhecimento. Maria acompanhara a filha nas extravagâncias da literatura. Paulo também prefere, em muito, as dádivas da natureza quando diz *talvez espere o pássaro antigo onde ficaram meus sonhos*. E de lambujem vai campo adentro *com João domador conhecido pela pampa por montar potro pagão*. Por aí afora, filha, vi o teu objeto de estudo, o Paulo, que pessoalmente conheci, entregando poesia de mimeógrafo, lá na escola onde estudei. A natureza toda se mete na alma daquele gaúcho e não tem como escapar. O vento é muito forte e a planura muito longa pra ser esquecida. Sei que lhe doem na alma as perdas das lonjuras originais: *no campo que foi potreiro nem capim existe mais*. Sente as ondas febris das fábricas e das tecnologias roubando a vastidão ingênua das gramas e das macegas. O ronco



do trator e o veneno das lavouras tiraram a santidade do solo. Parece um guri com saudades. Sei de tudo isso, mãe, mas não dá pra pôr tudo que se pensa numa dissertação. E eu tenho mais que tudo o meu jeito de dizer. Poderia perfeitamente dizer sobre Paulo Monteiro: ele traduz toda uma herança cintilante das paisagens, das águas, dos pastos e das aves como *do quero-quero teatino atrevido e irreverente*. Poderia, perfeitamente trazê-lo pra junto de Simões Lopes Neto e Ronald de Carvalho, colhendo aproximações, por exemplo, deste último:

*Nesta hora de sol puro  
Palmas paradas  
Pedras polidas  
Claridades  
Faíscas  
Cintilações  
Eu ouço o canto enorme do Brasil!*

E de Simões, o seguinte: uma prosa poética bem anterior aos versos do Ronald de Carvalho, tinha tudo pra ser admirada e até copiada:

*O sol faiscava nos pedregulhos lustrosos e a luz parecia tremer, peneirada no ar parado, sem uma viração.*

Em Monteiro semelhanças no ar:

*no silêncio  
a pulsação dos medos escondidos  
enquanto nos salões  
o tilintar de copos  
as vozes  
as risadas  
as canções  
boêmios lembram festas primitivas.*

Só pra senhora ver, mãe, como os tempos atravessam os poetas. Muito mais se poderia dizer de Monteiro. Fica, porém, de



dizer ainda que todos os três amam virtudes. Em tudo como premissa apresentam a honestidade e o respeito às coisas próximas: uma solidariedade perpassa como num catecismo a necessidade urgente da bondade. Mais que tudo, aderem-lhes os encantos da linguagem de almas elevadas. É ver, então, mãe, *Pequena história da literatura brasileira* do Carvalho, *Os contos gauchescos e lendas do sul* do Simões e *Eu resisti também cantando* do Monteiro. Então é verdade: os semelhantes se reúnem com facilidade.

Feito o diálogo no qual a mãe se dobrou às considerações da filha, começaram a rever temporalidades. Nada escapava aos olhos femininos, voltados pra vida.

— Como estão os indiozinhos, mãe? Essa pergunta vem do Venceslau. Anda louco pra dar uma mãozinha. Me disse: pergunta pra sogra sobre a indiada dela. Acho que quer reparar o pecado da língua comprida em relação ao Nicolau.

— Pois diga pra ele que vou precisar, sim, de ver a melhor maneira de ajudar na criação de vacas leiteiras. Faz dez anos que ando com eles e já colho uma sorte boa. Os jovens estão aderindo a um trabalho devagar. Cuidar de um gado vem bem a calhar no jeito de ser deles. E você perdeu aquela encrenca de buscar quem matou o Nicolau?

— Totalmente. Acho que estou também envelhecendo e menos incisiva nas minhas proposições.

— Que Deus te dê essa paciência.

## **Pelos poderes de Maria**

O diálogo das duas continuou numa segunda e foi Maria quem falou desdobrando, de cara, uma conversa ensimesmada.

— Te falo comovida: pela manhã um vozear de lembranças com aturdimento estranho no peito velho. Um estremecimento de alegria palpitante não se afastava, um prazer insólito e provocante, de mais querer, foi se avolumando como o crescimento das folhas tenras dos plátanos. Que provenha tanto quanto Deus quiser, conseguiu pronunciar, abrindo a janela, mirando a ternura vermelha das azaleias. Como tudo isso pode em mim tão estiolada que estou, de olhos cansados, joelhos de pouco caminho e rosto em dobras irreparáveis? Que algazarra antiga me faz elevar para essa minha gente miúda? Uma graça de batismo invadindo a intimidade, alentada por risos do sem fim. Aqui, João, pode subir que vejo o ninho de ovos verdes. Olha, Artur, os pássaros voltaram a fazer ninhos. É o santíssimo sacramento rodeando a minha casa. Me pus a chorar bem como fiz com todos os quatro. Um amor doce de cuidados perpassou-me o corpo, que a alma já se havia em elevações supremas. Maria puríssima convivia das mesmas formosuras. Rezei como Nossa Senhora: Deus, meu salvador, não se retraia de mim nunca mais essa solenidade. Volteiam nuvens vaporosas: se isso é morrer, que se vá meu último pertencimento. Apanhei o fruto da laranjeira entre flores pro sumo aliviar a boca que secava. Sentei-me quieta pra sentir a sombra macia, irmãzinha da brisa que passeava.

— Continue, mãezinha!

— Pois veja: somente João me despertou daquilo que posso denominar de êxtase de uma santa. Será que a velhice tem disso antes de se elevar para planuras do não saber como é que é? Se for isso o destino humano, Santa Maria, que coisa doutro mundo!



— Fale mais, mãe!

— Aí me desconcentrei. João, então, me contou sobre sua casa e mais de Andrezza. Sogra querida, falou ela, por fim encontramos o jeito bom. Encontrar o elogio de um e de outro não foi tarefa pra gente pequena. Agora que vemos a verdade morar entre nós dois, os filhos se aprumam, parecendo uma beleza mais que o guará do campo. Estão suaves, não mais encrespados, parecendo espinheira. Só a pequena não leva muito jeito pra maciez. Dá cada encontrão que só vendo. É da natureza dos Krämmer, feita, às vezes, uma ferinha mal domada, mas não dá pra reclamar que em tudo se mostra, na maioria do tempo, de bom coração. Conversamos mais sobre o poder da Andrezza nas viagens que agora conduz. Sabe, continuou João, as viagens que está fazendo tão deixando ela cheia de novidades e nós conversamos e conversamos sobre as diferenças do mundo. Que coisa mais bonita a explicação dela sobre Barcelona. Que loucura, mãe, aquela gente saída das palavras dela. Acho que Deus escolhe pra si algumas pessoas especiais. Os artistas de Barcelona são de pasmarr: então, o Gaudi, o que que é aquilo?! Tudo é de encher os olhos e a alma, mas eu prefiro a quietude de minha casa e os andares no campo. Foi isso que ele falou.

— Olha, mãe, parece, por vezes, que o mundo não tem jeito, mas o João e a Andrezza conseguiram provar o contrário.

Nesse momento adentrou-se um carro pátio adentro, freando bruscamente. Era Artur, que, mal desligado o carro, saltou e sem saudação foi falando...

— Mamãe, que coisa é essa de dar tanto pra indiada que já se põe com ares de importância maior que a de um doutor?

— Pois é, filho, são filhos do mesmo Pai.

— Sei, mãe, que Deus é bom e tua bondade é divina. Escute teu filho: não dá para moderar essa euforia toda que se derrama na reserva?

— Vou rezar a São Pedro pra quando os meus se forem: faça que entrem, apesar de tudo. Que se faltar um só, eu morro no céu. Deixa de ser egoísta, meu filho. Te falta alguma coisa? Teus filhos não estão bem? Por que te incomoda tanto o bem-estar de nossos índios?

— Deixa pra lá, mamãe. Acho que sou eu, meio bruto como um toco. A lavoura é sua e faça dela o que for conveniente.

— Tem mais, Arthur. Já que me provocou, vou pedir que me assine um documento de desistência de minha lavoura em favor de uma pequena fundação para continuidade de meu projeto. Quando eu me for, não haverá nenhuma disputa.

Mal acabara de dizer quando um carrinho açafração levantou poeira. João chegou muito alegre. Maria não perdeu a oportunidade e brincou.

— Não venham me dizer que querem se despedir, achando que estou pra morrer.

— Nada disso, mãe. Eu é que pergunto: que convenção é essa sem meu convite? Lá em casa Andrezza sesteava, só eu não dormia, quando vi um risco na estrada. Era tu, Artur.

— Tô assustada!

— É nada, mamãe, deu um acaso qualquer. Um viu o outro e juntamos a saudade, disse João.

Maria, então, estendendo as mãos, impôs um círculo e fez rezar. Depois prosearam de índio, de neto, de semente, abóbora, melancia, soja, milho, mulher, amor, estudo e do projeto mais que tudo e tudo que merecesse consideração. Só não falaram de política, que andava suja, esperando uma justiça pra prender os ladrões. O tempo não dá trégua pro azar nem pra sorte... Os três foram se retirando, as poeiras baixando e os roncões dos carros sumindo.



Ficou Maria só, de alma pronta pra contemplação. Mais uns indiozinhos vieram pra trazer lenhas pro fogão, bênção dada, definitivo se deu o silêncio. Por aquilo que Maria contemplou pode-se prever sortilégios benignos pra quem teme afinar o couro e tremer com facilidade o coração. Jurando ser verdade, do que vi e senti dou meu fraco testemunho, murmurou a velha senhora. Quem crer verá mais que amor, quando amanhecerem os dias da velhice. Não comungo inteiramente com os meus dizeres, entretanto, afianço ser pura verdade. Estou bem igualzinha ao Blau: *sem peso de dores nos ossos e nas carnes, sem peso de ferros no corpo, sem pesos de remorsos na alma*. Fui até a varanda, cheia de contentamentos por mim e pela visão que tinha. É claro que não se faz somente docilidades, que a vida está entre bem-aventuras e desconsolos. Mas juro, por ver bem de perto, que não vejo nenhum desacerto na alma.

Uma espécie de silêncio contente pairava em tudo e reverberava na alma dessa velha senhora. Cotejavam os ossos com as juntas pra que não estalassem pra que pudesse ter um corpo inteiro a serviço das inspirações.

Doeu-me um pouco a alma por voar em paragens desconhecidas, que pensar, bem justo, é ir além do conhecido. Estendi as visões dos tempos que conheço e das forças emanadas de tantos discursos, desmanchados como pó que se escapa entre dedos. Implorei a quem pode conhecer o desconhecido, a quem tem o poder das forças escondidas nas mínimas partículas, a quem se debruçou por primeiro sobre a ordem e a desordem dos mundos, sorrindo dentro de mim na serenidade dos protegidos. Mal avistando a touça dos bambus, o sol tombando e a vista curta, percebia melhor o deslumbramento do espírito. Chorei pelos pecados do mundo. Entrei a seguir em meditações singelas, como se andasse pelos céus distantes, voando como pássaro humano. Havia apenas a lógica do coração, uma vez que o pulsar da mente cedia seu lugar para a abertura de alteridades conhecidas e desconhecidas. Uma hospitalidade de uma casa alegre fazia as



vezes de minha alma. Um diálogo sereno e bom como um pão saído do forno se estabeleceu para dentro do ser das coisas e das almas de todos os jeitos e formas. O sentimento da imensidão constituía-se em gentileza. Bem conforme meu pensamento: quanto mais se amplia a consciência da particularidade e da contingência de nossos vínculos mais eu posso desvelar a irradiadora presença de Deus em toda parte.

Maria, ao entrar em casa, amenizado o espírito, lembrou-se de uma fala que há muitos anos ouvira na universidade. O conferencista trazia elementos para uma boa velhice, apontando para a contemplação como um bom sentido para se viver. Faustino Teixeira falava convicto: *essa é a delicadeza peculiar do místico, sua capacidade de atenção aos pequenos sinais do cotidiano e sua abertura ao canto das coisas. É alguém sempre desperto para o infinito Real que brilha dentro da realidade. É alguém dotado de um inaugural potencial de ver, e de ver para além dos nomes e formas que estão aí. Ele busca em seu “desaforado amor pelo todo”, ir sempre além e mais fundo. Sua meta é “atravessar os umbrais da vida” e penetrar na tessitura do tempo, e de forma radical.*

No mesmo congresso ouviu uma oração árabe, pronunciada por um grupo de senhoras velhas, que jamais esquecerá:

*Se me tirares a fortuna, deixe-me a esperança. Se me faltar a beleza da saúde, conforta-me com a graça da fé. E quando me ferirem a ingratidão e a incompreensão dos meus semelhantes, cria em minha alma a força da desculpa. E finalmente, Senhor, se eu Te esquecer, Te rogo mesmo assim, nunca Te esqueças de mim!*



## **Voltam os cavalos**

A noite foi reconfortante pelo sono, sonhos e pelos sentimentos do anoitecer. Havia a solidariedade atravessando os horizontes das coisas provisórias. Maria, cheia de graça, satisfeita com as providências de sua natureza, saiu de seu êxtase, envolvendo-se com garfos, facas e colheres: a filha chegara de viagem, e uma refeição bem preparada podia render boas palavras. E assim que chegou:

— O que vai haver de almoço, mãe?

— Tô pensando em uma massa com cinco queijos. Foi o Venceslau que me deu de presente. Os alunos dele é que ajudaram a fazer.

— Beleza de ideia essa de eles se ocuparem com um trabalho assim.

— Estão vendo o valor de atividades e de uma casa bem feita.

— E cheia de uma importância de falar sem susto.

— É como agora nós preparando a vinda de nossa gente. Uma vida que revoa de peito pra peito.

— Semelhante a história dos cavalos de São Marcos. Este é nosso maior poder, filha: dar conta da solidariedade numa amizade de criar tento.

— E essa história de andar de alma elevada como ouvi de sua boca, mãe?

— É o meu poder preferido, meu cavalo de andar pra dentro de tudo, como se reunisse uma irmandade absoluta.

— O pessoal tá chegando. Que coisa mais bonita!



— É a gurizada: homens e mulheres já feitos! E, sabe, virão meus índios da escola de aplicação. A ternura anda entre murmúrios e sons mais altos: uma fala só!

Depois de uma pausa, Maria abriu a boca para finalizar a conversa:

— Pena é que se põe os cavalos em poteiros estreitos, onde se somem de magreza.





Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

O livro narra uma história com a pretensão de revelar alguns aspectos de poder. A personagem central opta, a partir de sua narrativa dos cavalos, em buscar para além das coisas visíveis como sejam a transcendência e a solidariedade. E no meio de tudo a complexidade humana e suas contradições. Pacificar a angústia humana pode ser demais, mas é o que Maria procura junto aos seus.

